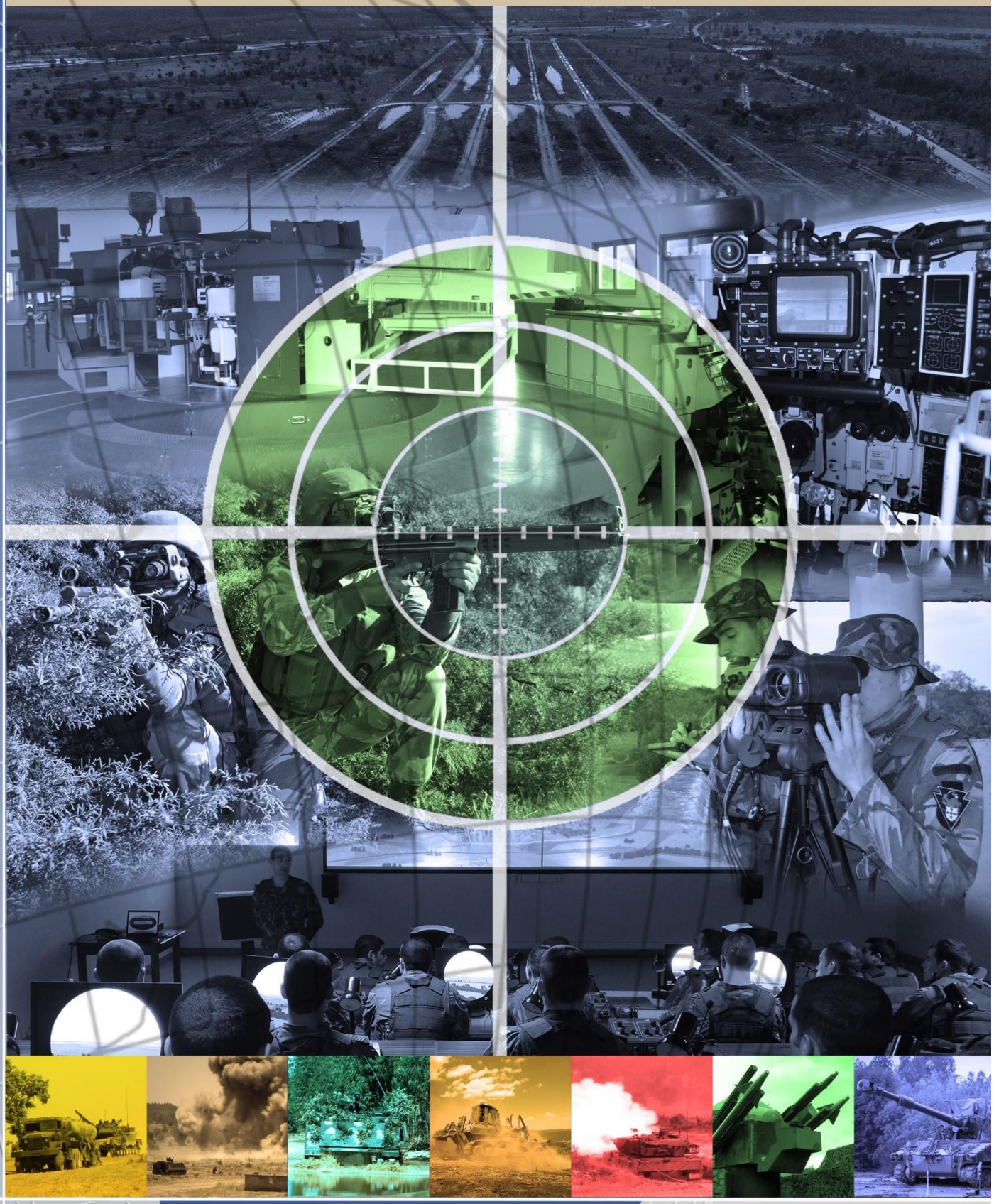
ATOLEIROS

Revista Militar da Brigada Mecanizada

Nº31 - Abril de 2017



Força Decisiva

EDITORIAL

Encontrando-se mais um projeto de "Atoleiros" em derradeira fase de ultimação, é meu propósito partilhar com os insignes leitores desta revista algumas breves considerações que justificam, *per se*, um destaque privilegiado neste editorial.

Assim, o meu pensamento flui, em primeira instância, para os Oficiais, Sargentos e Praças do 4.º contingente nacional que, no âmbito da Operação *Inherent Resolve* (OIR), no TO do Iraque, ombreando com os *nuestros hermanos de armas* do Exército de Espanha, asseguram com extremo profissionalismo, zelo, proficiência e exemplar estoicismo, a missão de apoio à formação e treino das *Iraq Security Forces* (ISF), muito dignificando e prestigiando, deste modo, o Exército, as Forças Armadas Portuguesas e Portugal. Para esses bravos homens e mulheres sob o comando do Major de Infantaria Samuel Jesus, que pugnam admiravelmente por "levar a carta a Garcia", endereçamos sinceros votos de continuação de boa missão e de um seguro regresso a casa!

Em segundo lugar, importa enaltecer um feito assinalável, que a todos os que vivem e sentem a Brigada Mecanizada deixa indubitavelmente orgulhosos e radiantes. Refletindo, desde cedo, uma particular sensibilidade para as questões ambientais, a sua preservação e sustentabilidade, bem como para uma gestão racional dos recursos da natureza, o Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), foi uma das unidades pioneiras no seio do Exército na obtenção da certificação ambiental, a qual remonta a 2004, tendo adequado o seu Sistema de Gestão Ambiental (SGA) aos requisitos da norma NP EN ISO 14001:2012. Este galardão, que não é fácil de obter, foi sucessivamente reatribuído em 2007, 2010 e 2013. Em 2016, na sequência de duas auditorias externas de certificação, conduzidas pela entidade certificadora, a Associação Portuguesa de Certificação (APCER), o CMSM logrou obter a renovação dessa certificação por mais 3 anos. O relatório da auditoria releva como pontos fortes que pesaram a favor daquela deliberação, os seguintes:

- O envolvimento de toda a estrutura organizacional no funcionamento, na compreensão e na melhoria do sistema da qualidade;
- A disponibilidade e postura construtiva demonstrados por todos os colaboradores contatados no decurso da auditoria;
- O comprometimento do Comando;
- A taxa de cumprimento dos objetivos ambientais;
- As melhorias significativas operadas em algumas Unidades visando o controlo ambiental;
- A reflorestação de algumas áreas no Quartel de algumas Unidades.

Parabéns a todos, pois, pelo resultado alcançado e prossigam o excelente trabalho!

Em terceiro lugar, desejo evocar os excecionais 40 anos da viatura blindada de transporte de pessoal (VBTP) M113 ao serviço do Exército Português, a qual ficará para sempre e indelevelmente ligada à BrigMec, assim como às suas antecessoras, a 1.ª Brigada Mista Independente (1.ª BMI) e a Brigada Mecanizada Independente. Veículo de fabrico norte-americano, construído em alumínio, cuja blindagem assegurava proteção contra os calibres de armas

ligeiras, aerotransportável e anfíbia, teve o seu batismo de fogo na Guerra do Vietname ao serviço das unidades de Infantaria Mecanizada do Exército dos EUA, em 1962, tendo ganho a alcunha de "*Green Dragon*" pelos guerrilheiros Viet Cong, sobretudo pela forma como emergia repentinamente dentre o denso nevoeiro na selva, para atacar e desbaratar as posições inimigas. Em Portugal, o Batalhão de Infantaria Mecanizado da 1.ª BMI foi a primeira Unidade a ser dotada com esta viatura, aquando da sua criação em 1977 e, desde então, várias versões dessa numerosa família foram gradualmente equipando as restantes Unidades da BrigMec. Um incansável e fenomenal "cavalo de batalha" com excelentes provas confirmadas em campanha e até em combate, estima-se que, até à data, mais de 80.000 M113 de todas as variantes tenham sido produzidas e utilizadas por mais de 50 países do mundo inteiro, o que a torna na viatura blindada mais amplamente usada de todos os tempos.

Face à elevada precisão e letalidade das armas anticarro atualmente existentes no moderno campo de batalha, o M113 foi sendo progressivamente substituído, nas subunidades de 1.ª linha dos exércitos ocidentais, por viaturas de combate de infantaria (VCI), com acrescida manobrabilidade, maior poder de fogo e reforçada proteção, pese embora, continuem a ser empregues nas subunidades de apoio de combate e de apoio de serviços, as demais versões, nomeadamente, as viaturas blindadas posto de comando, as viaturas blindadas porta-morteiros, as viaturas blindadas de engenharia, as viaturas blindadas sanitárias, etc.

O M113 é, sem dúvida, o *ex-líbris* da Brigada Mecanizada, o elo comum que tem identificado e caraterizado esta Grande Unidade (GU) e todas as suas formações subordinadas, carecendo, a breve trecho, de um sucessor à sua altura.

Finalmente, as minhas deambulações acabam por incidir inevitavelmente, no ciclo de atividade que decorreu desde o Dia da BrigMec, no ano transato e se estende até ao presente. Depois de se ter constituído como a GU do Exército no esforço, em 2015, a BrigMec confinou-se, no último ano, ao seu papel de *enabler*, assumindo-se essencialmente como unidade apoiante, viabilizando e contribuindo para a consecução dos objetivos de comando e controlo, de treino e operacionais estabelecidos de antemão, pelo Comando das Forças Terrestres para a Brigada de Intervenção (BrigInt).

Foi, não obstante, um período extenuante, de enorme intensidade e premência, vivido em contexto de constrangimentos e de exiguidade de recursos de toda a ordem, em que o número de solicitações e o volume de trabalho que recaíram sobre a BrigMec não diminuíram. Bem pelo contrário, ~foram dominadas, a montante, pela preocupação de não defraudar a confiança que o escalão superior em nós depositou no que concerne ao "saber fazer bem" e, paralelamente, de não "desapoiarmos o cavalo no momento do salto", como se diz na gíria "cavaleira", ou seja, de proporcionarmos todas as condições imprescindíveis ao cumprimento da missão da Brigada irmã, a BrigInt.

Do extenso rol de tarefas levadas a efeito em 2016, avultam as seguintes:

- No âmbito da Organização: a desativação da Unidade de Apoio da BrigMec e subsequente ativação da Unidade de tipo regimental, denominada Campo Militar de Santa Margarida (CMSM); e o encerramento formal do 2.º Batalhão de Infantaria Mecanizado.
- No âmbito do Emprego de Forças: a organização, aprontamento, avaliação operacional e projeção do 4.º Contingente Nacional de forças e elementos nacionais destacados para o TO do Iraque, no quadro da Operação *Inherent Resolve*; o aprontamento e avaliação operacional de um Agrupamento Mecanizado com base no BIMecLag durante o exercício ORION 16, com vista à sua atribuição à *European Union Land Rapid Response*, no 2.º semestre de 2016; e a manutenção de 01 equipa de assessores (02 Oficiais) em Timor-Leste, ao abrigo do Projeto N.º 4 de Cooperação Técnico-Militar com aquele país lusófono.
- No âmbito do Treino Operacional: a presença de observadores no exercício ÉGIDA II, da Brigada de Infantaria Mecanizada "Extremadura" XI, em Badajoz, Espanha e nas competições de carros de combate STRONG EUROPE TANK CHALLENGE 16 e NORDIC TANK CHALLENGE 16, respetivamente em Grafenwöhr, Alemanha e Holsterbro, Dinamarca; o treino de guarnições de CC nos simuladores da Brigada de Infantaria Mecanizada "Extremadura" XI, em Badajoz, Espanha; a ativação do Sistema de Simulação de Observação

Avançada de Artilharia INFRONT 3D; a participação e apoio ao exercício da Força Aérea, REAL THAW 16 e ao exercício tático e de fogos reais EFICÁCIA 16; os vários exercícios setoriais e sessões de tiro realizados pelas Unidades da BrigMec; a participação da BrigMec no ORION 16, tendo sido responsável pelo apoio logístico real às forças participantes; e a participação de células de resposta da Unidades da BrigMec no exercício CIBER PERSEU 16.

- No âmbito do Ensino e Formação: o apoio a diversos exercícios da Academia Militar, com ênfase para o LEÃO 16, assim como a ações formativas da Escola das Armas e da Escola de Sargentos do Exército; as várias ações de formação de especialidades e os estágios em contexto operacional ministrados pelos Polos de Formação localizados na BrigMec; e o planeamento, organização, coordenação e realização de 02 Cursos de Promoção a Cabo do Contingente Normal, do Exército, cada um com um efetivo da ordem de 200 militares.
- No âmbito das Operações de Apoio Civil: a participação de 01 Pelotão no exercício CELULEX 16, em reforço do Elemento de Defesa Biológica e Química do Exército; a execução dos planos LIRA 16 e CHAMA 16, em apoio da ANPC; o apoio da CEngCombPes ao ICNF, no domínio do Plano FAUNOS 16; e a cooperação com as Forças de Segurança, autarquias locais e outras instituições públicas regionais.
- No âmbito de Outras Atividades: a participação na 6.ª Jornada de Trabalho entre Comandantes dos Exércitos de Espanha e de Portugal; A participação e o apoio às jornadas de divulgação do Dia da Defesa Nacional 2016; a organização do Campeonato Desportivo Militar de Corta-Mato 2016 Fase III (Exército) e outras competições desportivas militares; a organização e realização da Semana do Ambiente 2016; a organização dos Seminários "A preparação do Corpo Expedicionário Português para a I Grande Guerra: De Tancos à Flandres" e "Evocação do Centenário da Entrada do Carro de Combate nos Campos de Batalha"; a organização da XVIII *International Master Gunners Conference*; a organização e realização de cerimónias diversas; e a participação em eventos militares, históricos, académicos e outros de cariz social.

Apraz-me registar a forma magistral como a BrigMec se conduziu na execução de todas as tarefas de que foi incumbida, mercê de uma notável capacidade de organização, excelente motivação, forte coesão e espírito de disciplina, grande brio e profissionalismo e enraizado sentido de missão, tendo prestado deste modo, um importante serviço em prol do reforço da imagem e da credibilidade do Exército, intramuros e além-fronteiras.

Para o ano em curso, outros desafios de vulto se descortinam no horizonte, impelindo-nos a mantermo-nos atentos, prontos e disponíveis e a não descurar a nossa atenção. Salientam-se os seguintes: a organização e aprontamento do 6.º Contingente Nacional de formadores, com vista à sua ulterior projeção para o TO do Iraque; o planeamento, organização, coordenação e realização de 03 Cursos de Promoção a Cabo do Contingente Normal do Exército, com um efetivo máximo da ordem de 500 militares cada; e a continuação do apoio e da provisão dos recursos humanos ao projeto de CTM com Timor-Leste.

Como tem sido apanágio dos militares e civis que dedicada, abnegada e generosamente servem nesta prestigiada BrigMec, assim como no CMSM, os quais já comprovadamente mostraram não vacilar ou se atemorizarem facilmente perante a magnitude e a dimensão dos escolhos com que se deparam no seu trajeto, não me restará a menor sombra de dúvida de que a nossa Brigada irá uma vez mais suplantar os desafios identificados, bem como **perpetuar a memória dos seus admiráveis feitos.**

Bem hajam!

102

FIGURAS & FACTOS

8

MILITARES PORTUGUESES NA REPÚBLICA CENTRO AFRICANA

Os cargos e funções que foram ocupados por militares da Brigada Mecanizada nos anos de 2016 e 2017.

21

BATALHÃO DE APOIO DE SERVIÇOS DA BRIGADA MECANIZADA

Este artigo pretende analisar qual o atual contributo do Batalhão de Apoio de Serviços na Brigada Mecanizada

72

A CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL DO CAMPO MILITAR DE SANTA MARGARIDA

…É, pois, bem patente o reconhecimento público do trabalho desenvolvido pelo CMSM na preservação e proteção ambiental…

Destacável

D. Nun'Álvares Pereira e a Batalha de Atoleiros

"…. Esse passado, menos mítico do que a historiografia evocativa militar tradicionalmente apresenta, acaba por nos demonstrar que a realidade ultrapassa frequentemente a ficção

Conteúdos

8

Além-Fronteiras

República Centro Africana. Testemunho do Oficial a desempenhar as funções de Conselheiro para as Operações, no Pilar de Aconselhamento Estratégico.

13

Balkan Express

Uma Experiência de Planeamento Logístico em Ambiente Multinacional

"…. Em março de 2011, Portugal reduz o seu efetivo no Kosovo, sendo a partir desta data o KTM constituído por duas Nações, Portugal e Hungria …"

18

Crowd and Riot Control

Rendições dentro da força
Treino e Evolução

O *Crowd and Riot Control* (CRC) constitui-se como uma das principais tarefas para as quais o KFOR *Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* (KTM) tem que ser proficiente.

23

Batalhão de Apoio de Serviços da Brigada Mecanizada

Este artigo surge na continuação de outros dois publicados nas anteriores edições da Revista Atoleiros e pretende analisar qual o atual contributo do Batalhão de Apoio de Serviços na Brigada Mecanizada. Iremos debruçar-nos essencialmente em duas linhas de ação: a do apoio real e a do treino operacional.

28

"Experiência de um Operacional de Cavalaria em 2016"

Artigo de um jovem Alferes Comandante de Pelotão de Carros de Combate durante o seu primeiro ano como Oficial do Quadro Permanente.
Experiência na primeira pessoa.

34

"Abraçar a Missão"
Aplicação da Doutrina no Treino Operacional
Experiência na primeira pessoa

Artigo de um jovem Alferes Comandante de Pelotão de Reconhecimento durante o seu primeiro ano como Oficial do Quadro Permanente.
Experiência na primeira pessoa.

37

Guerra Híbrida
O Desafio do Treino Operacional face às novas Tendências do Combate

Responder com eficácia aos reptos que o ambiente operacional, em especial as novas caraterísticas da conflitualidade, constitui desafio permanente para todos os que encontram investidos da responsabilidade de comando aos vários escalões.

44

Exercício Oríon16
Participação da Brigada Mecanizada

A Brigada Mecanizada, afirmando mais uma vez a sua "utilidade da força" no atual ambiente operacional, participou no exercício, com um Agrupamento Mecanizado, força avaliada tendo em vista a sua certificação para atribuição à *European Union Land Rapid Response* 2-2016.

46

Proteção Antiaérea das Unidades de Manobra Mecanizadas e Blindadas

A Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada (BtrAAA/BrigMec) tem como missão tática conferir proteção antiaérea aos pontos/áreas sensíveis e unidades de manobra, de apoio de combate e de apoio de serviços da Brigada Mecanizada, contra aeronaves hostis voando a baixa e muito baixa altitude.

52

Participação das Forças Espanholas da Brigada Mecanizada XI-Estremadura no Exercício Oríon16

O SubAgr, comandado pelo Capitão De Toro, contou com o efetivo de 105 militares e empregou viaturas de Combate de Infantaria Pizarro e Carros de Combate *Leopard* 2E.

54

Novas Capacidades da CTm Da BrigMec

O SIC-T explora as novas tecnologias associadas às comunicações, aos computadores, sensores e sistemas de armas

58

O Batalhão de Infantaria Mecanizado (L) na *European Land Rapid Response* 2016-2

Neste artigo o autor pretende apresentar uma síntese do conceito de Resposta Rápida Militar da UE e dar a conhecer, a quem nos segue, a forma como decorreu o aprontamento, certificação e o período de "*standby*" do AgrMec EULRR 2016-2.

Diretor
MGen Luís Nunes da Fonseca
Cmdt Brigada Mecanizada

Editor Chefe
Cor Tir Inf Mendes Ferrão
2Cmdt Brigada Mecanizada

Edição
TCor Inf Luís Calmeiro
CEM Brigada Mecanizada

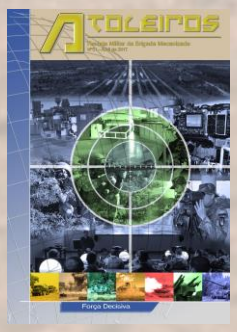
Design e Execução Grafica
Maj AdMil Silva Tavares
Chefe G9 Brigada Mecanizada

Impressão e Acabamento
NIX HOME – Positive Design
Rua S. João 23 2350-074 Chancelaria

Propriedade
Brigada Mecanizada
Campo Militar de Santa Margarida
2250-350 Constância
Tiragem 300 exemplares
Deposito Legal nº 135479/99
Preço nº 5,00€

Capa
SAj Inf 'CMD' José Matos

Uma Brigada na excelência.
Tecnologia ao serviço da Formação e Treino Operacional



Para mais informações visite a pagina da Brigada Mecanizada no Portal do Exercito Português em: www.exercito.pt

69
Breves perspetivas para a Artilharia de Campanha

Neste âmbito, a Artilharia de Campanha de calibre 155mm continua a afirmar-se como o melhor compromisso entre as várias características que se pretendem reunidas num sistema de armas (custo, precisão, efeitos, alcance, mobilidade, etc).

Destacável

A Batalha de Atoleiros
"…. Esse passado, menos mítico do que a historiografia evocativa militar tradicionalmente apresenta, acaba por nos demonstrar que a realidade ultrapassa frequentemente a ficção …"

75
Campo Militar de Santa Margarida Renova Certificação Ambiental

As atividades desenvolvidas pelos militares em tempo de paz são suscetíveis de causar problemas ambientais gerais, equivalentes a outras atividades da sociedade em geral, podendo, decorrente da atividade operacional surgir problemas ambientais mais específicos.

78
Atividades de Moral e Bem-Estar, como contributo para a melhoria do desempenho em Operações

A moral, como definição apresentada, está relacionada diretamente com a conduta de um indivíduo ou grupo social, uma vez que poderá representar as suas convicções ou costumes.

81
A Brigada Mecanizada e a NATO. 39 anos de exercícios combinados

Este artigo tem o objetivo de analisar a participação da BrigMec em exercícios conduzidos sob a égide da NATO, evidenciando o papel relevante que esta Brigada sempre desempenhou, para a satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal

88
Suplementos Alimentares

As evidências científicas sugerem que a suplementação alimentar é benéfica apenas para um grupo restrito de pessoas, que são os atletas de competição, cuja dieta não atende as necessidades nutricionais

90
Formação na Categoria de Sargentos

Se fizermos uma análise crítica aos vários problemas que se sentem na carreira de sargentos, chegamos à conclusão que a formação poderá ser a chave para a resolução das questões que se colocam

92
Algumas das atividades da Brigada Mecanizada em 2016

Militares da Brigada Mecanizada na República Centro Africana

TCor Inf João Barros
EM/QG BrigMec

O Ambiente Operacional

A República Centro Africana (RCA) tem sido um País assolado por consecutivas crises. A presente crise iniciada

em dezembro de 2012, foi provocada pela com a criação da coligação Seleka. Seleka significa na língua local, Sango, aliança. A Seleka foi criada com base nos grupos rebeldes do Nordeste do País, auto-intitulados protetores das comunidades muçulmanas, alegando o abandono político desta região pelo então Presidente Bozizé. A crise continuou até março de 2013, culminando com a tomada da Capital Bangui pela Seleka, e a destruição das Forças Armadas Centro Africanas (FACA), que protagonizaram uma atuação completamente ineficaz.

Com a Seleka tomando conta militarmente do País, Michel Djotodia tornou-se o primeiro Presidente

muçulmano da RCA. Segui-se um período de crimes contra a população não muçulmana maioritária na RCA. Consolidado o poder, em setembro de 2013, Michel Djotodia dissolvia a coligação, numa tentativa de parar as atrocidades humanitárias cometidas pela Seleka, ou mais tarde pelos grupos ex-Seleka sobre a população não muçulmana. Paralelamente, formou-se o movimento Antibalaka, com o intuito de defender os não muçulmanos. O termo Antibalaka tem duas origens associadas. A primeira diz respeito a ritos de iniciação de grupos, cujos elementos se tornariam imunes aos projécteis das Kalashnikov ("Balles AK"). A segunda provém do termo machete na linguagem da etnia Gbaya. Este movimento integrava cristãos e animistas, entre os quais dissidentes das FACA, principalmente elementos da então designada Guarda Presidencial, bem como outros líderes de milícias e grupos armados da região Noroeste do País.

O pico da violência entre fações ocorreu no período do Natal de 2013 e janeiro de 2014. Toda esta violência, muita contra a população, levou o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) a emitir a resolução nº 2127, autorizando a projecção de uma Força

da União Africana, bem como uma Força Francesa, a Operação "SANGARIS".

Em abril de 2014, a União Europeia (UE) iniciou a missão EUFOR – RCA, com a duração de um ano, tendo por objetivo contribuir para a estabilização da situação na Capital Bangui. Simultaneamente o Conselho de Segurança da ONU, autorizou a missão *Mission Multidimensionnelle Intégrée de Stabilisation des Nations Unies en République Centrafricaine* (MINUSCA), projectada para o Teatro de Operações em setembro de 2014.

Em Abril de 2015, na sequência da EUFOR – RCA foi lançada a *European Union Military Advisory Mission in the Central African Republic* (EUMAM – RCA), onde se integrou o primeiro Contingente nacional. Em outubro do mesmo ano, a Chefe de Estado no Governo de transição, Catherine Samba Panza, convidou a UE para apoiar as FACA, através duma estrutura de treino operacional reforçada, em colaboração com a MINUSCA.

Em março de 2016, o Conselho Europeu aprovou uma possível Missão de Treino Militar da União Europeia na RCA, a *European Union Training Mission in the Central African Republic* (EUTM – RCA), contribuindo para a Reforma do Sector de Segurança, processo liderado pela ONU. Mais tarde, o Presidente eleito da RCA, Fastin-Archange Touadera, confirmou o pedido da sua antecessora, convidando a UE projetar uma Missão de Treino Operacional. Em abril de 2016, o Conselho Europeu decidiu formalmente lançar a EUTM – RCA, tendo lugar em Bangui, a 16 de julho do mesmo ano, o início operacional da Missão, sendo declarada a sua *Initial Operational Capability* (IOC).

A EUTM – RCA

O mandato da EUTM – RCA vigora por um período de dois anos, depois de ter atingido a sua *Full Operational Capability* (FOC) em 20 de setembro de 2016.

A EUTM – RCA tem como missão contribuir para a Reforma do Setor da Defesa, dentro do quadro da Reforma do Setor da Segurança, processo liderado pela ONU. A EUTM – RCA assegura a acessoria ao nível do Ministério da Defesa e do Estado-Maior das FACA, ao nível do Treino Operacional das Unidades e da Formação dos Oficiais e Sargentos.

A EUTM – RCA trabalha nos seguintes domínios:

- Continuando o trabalho da EUMAM – RCA, no restabelecimento de uma cadeia de comando consistente e sustentável desde o Ministério da Defesa, Estado-Maior, até ao nível Batalhão.

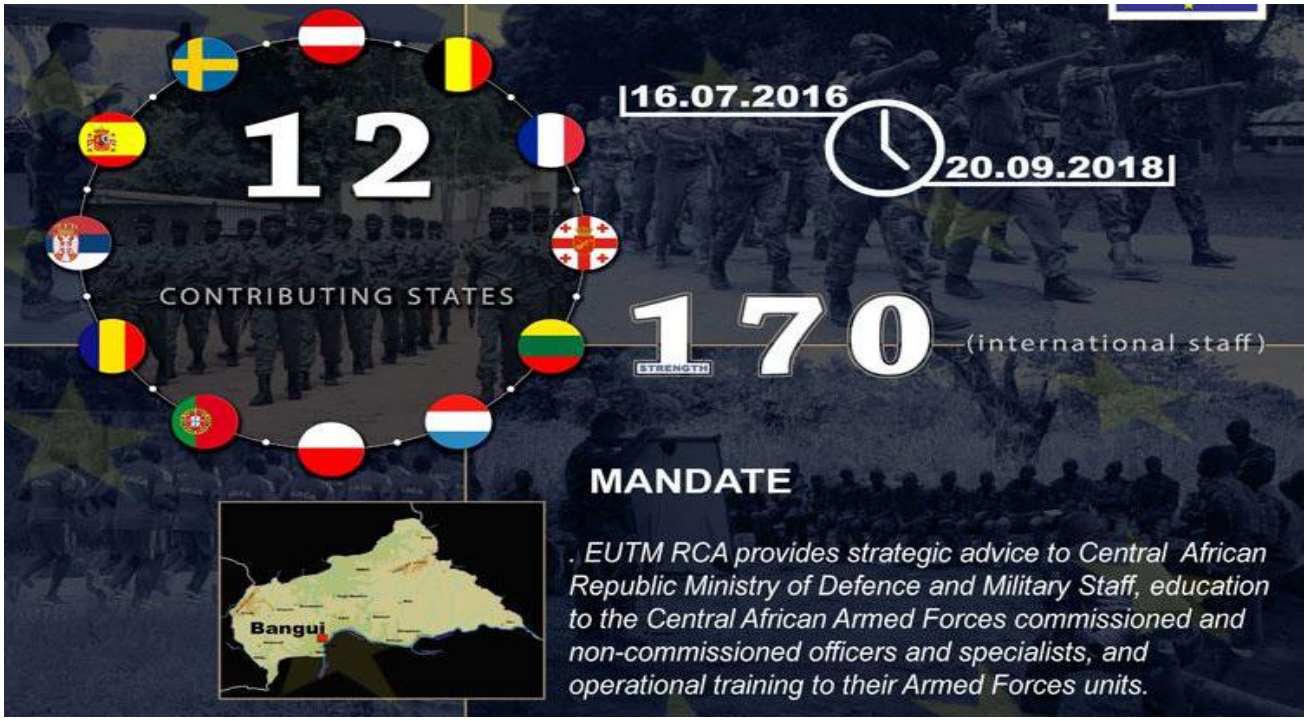
- Na contribuição para o sistema de formação das FACA, incluindo o respeito pelos direitos humanos e questões de género, tendo como base o Centro de Formação de Kassai como embrião de uma futura Escola de Oficiais e Sargentos.

- No apoio ao Treino Operacional de unidades das FACA.

- Na contribuição para umas FACA credíveis, organizadas, etnicamente equilibradas e sob controlo democrático, que possam assegurar as suas funções de soberania, inicialmente num enquadramento garantido pela MINUSCA.

Para cumprir esta missão, a EUTM – RCA está organizada num Quartel General (QG) e três Pilares, que realmente funcionam como as suas unidades operacionais. Estes Pilares são o Pilar de Aconselhamento Estratégico, o Pilar da Educação e o Pilar do Treino Operacional. A EUTM – RCA conta com militares portugueses en todas as suas componentes excepto no Pilar do Treino Operacional.

O QG da EUTM – RCA dispõe de um Estado-Maior Coordenador, para além dos Estados-Maiores Pessoais do General Comandante da Missão e do Chefe de Estado-Maior. O Estado-Maior Coordenador está organizado nas áreas tradicionais de Pessoal, Informações, Operações, Logística, Planos e Treino, Comunicações e Finanças.



Como qualquer força militar, a EUTM – RCA tem uma Área de Operações (AO) atribuída. Neste caso particular, a AO engloba a província de BANGUI e as áreas de treino existentes na sua periferia. No entanto, esta área poderá no futuro ser alargada, se autorizado, a outras localizações que possam contribuir para a acessoria a unidades já treinadas pela EUTM – RCA e empregues operacionalmente.

O Pilar de Aconselhamento Estratégico tem como missão aconselhar as entidades locais, ao nível do Ministério da Defesa e Estado-Maior das Forças Armadas, sobre a Reforma do Sector da Defesa, o Comando e Controlo, funções de Estado-Maior e gestão de recusos. Esta missão é executada em coordenação com a MINUSCA, implicando um contacto próximo com o

Ministério da Defesa, Estado-Maior, Delegação da União Europeia, diversas Embaixadas e Ministério da Justiça, entre outras entidades.

Para cumprir esta missão o Pilar de Aconselhamento Estratégico está organizado em dez células guarnecidas maioritariamente por Oficiais Superiores: Reforma do Setor de Segurança, Recursos Humanos, Informações, Operações, Planos, Logística, Comunicações e Sistemas de Informação (CSI), Finanças, Treino e Projetos.

Na prática, a operacionalização do SAP traduz-se principalmente em três áreas: coordenação de grupos de trabalho com as autoridades locais, acompanhamento direto dos órgãos existentes na estrutura centro-africana, e trabalho de campo. Esta última área conta com uma célula de projetos que procura desenhar, angariar fundos e acompanhar iniciativas de desenvolvimento local.

O Pilar da Educação tem por missão acompanhar, colaborar e monitorizar a formação ministrada na Escola de Sargentos e de Oficiais do Centro de Formação de Kassai (CFK) e desenvolver, em estreita coordenação com a MINUSCA e o Estado-Maior das FACA, acções formativas aos militares nas mais diversas áreas disciplinares, assessorando na execução do plano anual de formação.

Para o efeito, o Pilar da Educação conta com uma estrutura assente em duas Equipas: uma para a formação de Oficiais e outra para a formação de Sargentos.

Na prática, a operacionalização da missão desenvolve-se em três áreas: participação em grupos de trabalho com as FACA e a MINUSCA, acompanhamento direto dos órgãos da estrutura centro-africana, e trabalho de campo quase diário no CFK.

O Pilar de Treino Operacional tem por missão, durante os dois anos de mandato previstos, treinar 2 a 3 Batalhões de Infantaria, com a possibilidade de assegurar também o treino de unidades especializadas como por exemplo o Batalhão de Engenharia.

Atualmente, o Pilar de Treino Operacional treina o seu 1º Batalhão, tarefa que se tem deparado com enormes dificuldades no fornecimento do equipamento e armamento. Esta falta de equipamento e armamento tem impacto não só no treino operacional como no panorama do futuro emprego operacional das forças treinadas pela EUTM – RCA.

A participação nacional

O Contingente português na EUTM – RCA é composto por 11 militares dos três Ramos das Forças Armadas. As funções ocupadas pelos elementos nacionais são:

- Chefe do J1, ocupado por um Tenente-Coronel da Força Aérea;
- Chefe do J2, ocupado por um Coronel do Exército, neste caso da nossa Brigada Mecanizada;
- Oficial de Ligação da EUTM – RCA na MINUSCA, pertencendo ao J3 do Estado-Maior. Este cargo é ocupado por um Tenente-Coronel do Exército;

- Oficial do J5, ocupado por um Major do Exército;
- Sargento do J6, ocupado por um Sargento-Chefe da Marinha;
- Oficial de Finanças do J8, ocupado por um Capitão do Exército;
- Célula de Gestão de Informação, ocupada exclusivamente por dois Sargentos-ajudantes nacionais, um da Força Aérea, Chefe da Célula, e outro do Exército, Adjunto;
- Conselheiro para as Operações, no Pilar de Aconselhamento Estratégico, ocupado por um Tenente-Coronel do Exército, neste caso também da Brigada Mecanizada;
- Responsável pela Formação de Sargentos, no Pilar da Educação, ocupado por um Tenente-Coronel da Força Aérea.

Detalhando mais um pouco os cargos atualmente ocupados por militares da Brigada Mecanizada, o J2 da EUTM – RCA analisa um ambiente operacional realmente volátil e imprevisível, não dispondo de meios próprios de pesquisa dentro da Área de Operações. Atualmente desempenha o cargo de Chefe do J2 o Coronel de Cavalaria João Nabais.

A tarefa principal é obter informação útil e oportuna sobre elementos ou grupos armados, cujas ações possam ter impacto na segurança do pessoal da EUTM – RCA. Para este objetivo trabalha em estreita cooperação com outros órgãos da MINUSCA, tais como o *Joint Military Analysis Center* (JMAC), o *Security & Intelligence Operations Center* (SIOC) e a *Joint Task Force* Bangui (JTF BANGUI). Também com o intuito de manter a situação de segurança atualizada trabalha com a *National Intelligence Cell* (NIC) francesa e as entidades da RCA, quer sejam militares das FACA quer elementos das Forças de Segurança Interna (Polícia e *Gendarmerie*).

No Pilar de Aconselhamento Estratégico, o Tenente-Coronel de Infantaria João Barros desempenha o cargo de Conselheiro para a área das Operações, participando como membro do Grupo de Trabalho 2 – Formação, Treino e Emprego Operacional. Neste Grupo de Trabalho participam militares centro-africanos e da EUTM, estando ligado ao desenvolvimento de um Plano de Emprego das Forças Armadas e da otimização da organização do Centro de Operações do Estado-Maior das FACA. Além do Grupo de Trabalho 2, este cargo requer uma presença assídua de acompanhamento no Centro de Operações do Estado-Maior das Forças Armadas.

Foi ainda pedido ao Conselheiro nacional que acumulasse com a célula de Informações, que não estava preenchida até janeiro. Esta tarefa incluía a coordenação do Grupo de Trabalho 6 – Informações. Este Grupo de Trabalho visa a implementação de uma estrutura de Informações desde o nível estratégico, no Ministério da Defesa, até ao nível tático, nos Batalhões. Além do Grupo de Trabalho, o cargo requer o acompanhamento da célula J2 no Estado-Maior das Forças Armadas centro-africanas.

Também na RCA a Brigada Mecanizada e os seus militares trabalham diariamente para fazer jus à sua divisa "FEITOS FARÃO TÃO DIGNOS DE MEMÓRIA".

Balkan Express – Uma experiência no planeamento Logístico

Cap Inf Estrela
Oficial de Logística/2BIMec/KFOR

A década de noventa, após o longo interregno que se seguiu à guerra colonial e passada que estava a tensão associada à guerra-fria, volta a ser edificada uma postura expedicionária no interior do Exército, impulsionada pela vontade política e em respeito dos compromissos internacionais assumidos, tendo-se assistido ao treino, reequipamento e aprontamento de tropas para a condução de operações militares no exterior, enquadradas na tipologia de missões de apoio à paz. Em 1995, e após decisão do XIII Governo, Portugal inicia a preparação dos seus militares com vista a integrarem a *Implementation Force* (IFOR) no Teatro de Operações (TO) da Bósnia-Herzegovina (BiH). No ano seguinte, a 15 de janeiro, foi entregue pelo então Presidente da Republica Dr. Mário Soares o Estandarte Nacional (EN) à primeira Força Nacional Destacada (FND) a ser projetada para o TO da BiH, o 2º Batalhão de Infantaria Aerotransportado (2º BIAT). Desde 1996 passaram por este TO dos Balcãs quase oito mil e quinhentos soldados portugueses, tendo, todos eles, contribuído para a segurança e reconstrução do país após o conflito. Ao fim de mais de dez anos de participação neste TO, Portugal termina a sua missão, a 7 de março de 2007, tendo na altura o Ministro da Defesa, Dr. Nuno Severiano Teixeira, afirmado que "o serviço prestado à causa da paz na Bósnia-Herzegovina permitiu ao mesmo tempo uma produção de segurança internacional e a defesa do interesse nacional e a credibilidade externa de Portugal no mundo".

Em julho de 1999, Portugal juntou-se a mais uma operação terrestre da NATO, integrando para o efeito a *Kosovo Force* (KFOR). Inicialmente, com uma Unidade de Escalão Batalhão (Agrupamento), um Destacamento de Operações Especiais e um Destacamento de Controlo Aéreo-Tático (TACP), sendo composto por um efetivo total de trezentos militares. Até fevereiro de 2002, o Agrupamento ocupou um setor na região de *Klina,* estando integrado numa Brigada sob Comando italiano, sendo a sua missão estabelecer uma presença permanente em toda a área de responsabilidade atribuída a fim de verificar e caso necessário impor o acordo obtido com a Jugoslávia no que concerne à retirada das suas forças do Kosovo.

Em 2005, Portugal regressa novamente ao TO do Kosovo com um Agrupamento de 300 militares, desta vez como reserva do COM KFOR (KFOR – *Tactical Reserve Manoeuvre Battalion*). Em março de 2011, Portugal reduz o seu efetivo no Kosovo, sendo a partir desta data o KTM constituído por duas Nações, Portugal e Hungria. Como reserva tática do COM KFOR, o KTM pode desempenhar diversas tarefas, conduzir operações de reserva, através de meios terrestres orgânicos dentro de uma Área de Responsabilidade que lhe venha a ser atribuída, aplicar e praticar a doutrina e os procedimentos associados às Operações de Resposta à Crise, nomeadamente:

Controlo de tumultos – *Crowd and Riot Control* (CRC ou "*Combat*" CRC);

- Interdição e anti contrabando;
- Vigilância, escolta e proteção;
- Patrulhamentos de área;
- Apoio a operações de detenção;
- Apoio à luta contra o crime organizado;
- Substituição ou apoio à proteção de pontos sensíveis[1] (PrDSS);
- Operações de Segurança;
- Postos de controlo móveis;
- Operações de cerco e busca;

[1] Property with Designated Special Status (PrDSS)

- Vigilância de fronteiras/limites;

Ser projetado para o Teatro de Operações BiH[2]

Como uma das tarefas do KTM é estar pronto para ser projetado para o TO da BiH, anualmente são planeados eventos de treino (em vários níveis e que poderão no limite ser executados com a força completa) para que as forças envolvidas num possível reforço da EUFOR, caso a situação de segurança assim o exija, tenham contacto com a região, conhecimento dos planos e aumento do conhecimento situacional. Com base nos anteriores e no pressuposto de que em caso de necessidade o KTM será projetado para a BiH, no passado mês de dezembro oito militares, seis do KTM (quatro portugueses e dois húngaros), um elemento do *Joint Logistics Support Group* (J5 JLSG/KFOR) e outro do J4 do HQ KFOR, participaram no *Operational Rehearsal level* I[3] (*OPREH level I EUFOR*) no Campo BUTMIR em Sarajevo, que decorreu no período compreendido entre 11 a 15 de dezembro. Além dos militares da KFOR, também estiveram presentes diversos elementos pertencentes a outras forças, como foi o caso dos militares da Companhia Romena, do Batalhão Inglês e Italiano, estes últimos representando quer a reserva estratégica quer a reserva operacional, também elas do tipo *over the horizon*. Com esta participação, o KTM pretendeu rever o seu plano, *BEYOND THE DYNARIC* – emprego do KTM na BiH, e ao mesmo tempo obter informações detalhadas sobre o atual ambiente operacional desse TO. Outro objetivo para qual o KTM contribuiu foi para a revisão e atualização do *Contingency Plan (CONPLAN) BALKAN WOL*F que é o plano da KFOR com vista à ativação do reforço da EUFOR com forças a operar na KFOR. O primeiro dia de trabalhos, já na BiH, foi destinado a diversas apresentações, sobre os diversos CONPLAN existentes na EUFOR e para os quais seja equacionado o emprego da TACRES da KFOR nomeadamente:

CONPLAN ZEUS que engloba os antigos *CONPLAN COURAGEOUS ELEPHANT, TITAN e PEGASUS*. Este plano define os procedimentos do emprego da TACRES KFOR e

Militares que participaram no OPREH LEVEL 1

da reserva estratégica e operacional de forma a garantir um ambiente seguro e estável no TO da BiH;

*CONPLAN MEDU*SA referente à evacuação de elementos civis pertencentes a diversas agências internacionais;

CONPLAN AEOLUS relativo ao Aeroporto Internacional de Sarajevo, que define os procedimentos a adotar a fim de garantir a segurança desta infraestrutura para que seja possível continuar com as operações correntes;

CONPLAN DOLORES INN que estabelece os procedimentos referente à segurança de diversas instalações, nomeadamente a depósitos de munições e a fábricas industriais;

CONPLAN HERMES que determina os procedimentos necessários para a evacuação de militares que estejam no TO.

[2] Constituindo-se como a designada reserva tática, *over the horizon*, ao dispor do COM EUFOR

[3] Este é o nível mais "básico" do treino das reservas, implicando apenas a participação dos *key leaders* das forças disponibilizadas no âmbito deste compromisso, reserva da EUFOR. Do KTM integraram a delegação o S3, S4, S6 e os adjuntos dos comandantes de companhia.

Além da apresentação dos vários CONPLAN, também foi possível obter informações relativas ao conceito de apoio logístico existente no TO, especificamente relativo às funções logísticas disponíveis. Neste caso, a responsabilidade recai essencialmente nas nações contribuintes com forças, sendo o apoio logístico fornecido através dos *National Support Element* (NSE), celebração de contratos, acordos memorandos ou outros, sejam eles bilaterais ou multilaterais. O princípio orientador no caso do apoio logístico será *the costs lie where they fal*l, estando o mesmo faseado de acordo com a operação, nomeadamente: preparação e ativação; Projeção e *Reception, Staging, Onward Movement and Integration* (RSOM&I); emprego da força e retração sendo que quer a KFOR quer a EUFOR poderão servir como facilitadores do processo mas sem assumirem quaisquer responsabilidade nas várias funções logísticas para além daquelas que já se encontram implementadas, a título de exemplo, a evacuação e hospitalização – Role 1. Em sequência foram ainda apresentadas as formas de projeção que podem ser utilizadas e modalidades para execução do RSOM&I.

Com a participação neste OPREH *Level* I, o KTM efetuou ainda o reconhecimento dos itinerários passíveis de utilização nomeadamente através da Albânia e do Montenegro sendo a terceira opção via Sérvia, este último não foi alvo de reconhecimento e será a terceira hipótese quando comparado com os anteriores uma vez que os imperativos legais associados à sua utilização obrigam a uma maior coordenação e condicionamentos relacionados com quem detém a autoridade durante o movimento entre outros. Com este reconhecimento foi possível atualizar os dados relativos ao plano de carregamento e projeção para BiH caso seja ativado o CONPLAN.

Em Sarajevo, o segundo e terceiro dia foram destinados aos vários participantes colocarem em prática alguns CONPLAN através de exercícios na carta. Estes exercícios tinham por base o planeamento de operações para fazer face a situações fictícias que obrigassem à ativação dos CONPLAN. Pretendeu-se acima de tudo verificar possíveis lacunas, necessidades de coordenação, responsabilidades e tarefas dos vários intervenientes, contando para o efeito com os contributos dos vários intervenientes. Após o planeamento efetuado, seguiram-se reconhecimentos no terreno de forma a validar o trabalho efetuado em sala. Os reconhecimentos no TO não ficaram circunscritos aos CONPLAN foi ainda possível visitar *Foward Operating Base* (FOB) suscetíveis de utilização em função da localização da ameaça ou para apoio à condução das operações. Ainda dentro dos CONPLAN, no último dia, foi testado o planeamento de operações de maior envergadura e que obrigava ao emprego alargado de meios quer na segurança e defesa de pontos sensíveis, que pudessem servir de cabeça-de-ponte para apoio à continuação das operações e entrada

Log Ex Balkan Express

de forças no TO e quer o planeamento de recolha e evacuação de civis da comunidade internacional a operar no TO e que dado o agravar da situação, não seria aconselhada a sua permanência.

Em consequência da nossa participação no OPREH level I na BiH e decorrente das lacunas identificadas foi proposto pelo Chefe do J4 da KFOR e pelo J5 do JLSG, considerar o *CONPLAN BALKAN WOLF* e exercitar o conceito de apoio logístico associado ao mesmo, até para que as lições e boas práticas resultantes deste teste pudessem servir de espelho para a revisão de outros CONPLAN da KFOR na perspetiva do apoio logístico.

O referido exercício desenvolvido na modalidade de *Table Top Exercise* (TTE), foi designado de LOGEX *BALKAN EXPRESS*, sendo que o cenário recriado previa a ativação do *CONPLAN BALKAN WOLF*, como consequência da *Activation Order* recebida pela KFOR do Comandante do *Joint Force Command Naples*, para que o KTM fosse projetado para a BiH, com o apoio do JLSG. Desta forma pretendeu-se verificar o referido *CONPLAN*, em termos logísticos, identificando possíveis falhas e apresentando propostas de melhoria a serem incorporadas.

Este exercício foi dividido em duas fases distintas. A primeira fase foi destinada à elaboração do plano de projeção da KTM, onde se inclui o plano de carregamento e o plano de movimentos, tendo o mesmo sido apresentado no Campo *Slim Lines* (CSL) ao que se seguiu uma exposição estática das várias viaturas (táticas, transporte e de recuperação) e dos meios de apoio existentes, nomeadamente as latrinas, os banhos e as cozinhas de campanha e por fim geradores, permitindo aos vários intervenientes neste exercício (J4 KFOR e JLSG), conhecer os meios existentes na KTM. Todos os meios expostos fazem parte do plano de carregamento em função das funções logísticas necessárias para garantir a sustentação da força durante a sua permanência no TO da BiH. A segunda fase consistiu no teste aos planos e que decorreu durante dois dias nas instalações do JLSG no *Camp Film City* (CFC). O primeiro dia foi destinado aos vários intervenientes cruzarem a informação contida nos vários planos de projeção, sustentação e retração, identificando falhas nos mesmos. Neste período, foi possível identificar os meios disponíveis no JLSG e destes quais podem ser utilizados em apoio ao KTM. Neste caso, a principal dificuldade prendeu-se com alguns *caveats* existentes no seio do JLSG, uma vez, que os meios existentes têm origem em diferentes países. Neste dia, e apenas durante o período da manhã, esteve presente uma delegação da EUFOR nomeadamente dos chefes do J3, J4, J5 e J6, sendo, portanto, possível esclarecer algumas questões inclusas no *CONPLAN ZEUS* da EUFOR. Após esta visita, o exercício decorreu os seus trâmites normais, tendo sido injetados diversos incidentes, através de Ordens Parcelares, pelo EXDIR do exercício, J5 do JLSG e J4 da KFOR. Todos os incidentes injetados foram alvo de discussão, análise e consequente apresentação de modalidades de ação para que o Comandante do KTM decidisse.

Após o TTE, e como parte do processo de lições aprendidas realizou-se no CSL a Revisão Após a Ação (RAA), onde foram apresentadas as principais conclusões do exercício, identificados os principais problemas do *CONPLAN BALKAN WOLF* e futuras propostas. A realização de todo este processo, desde o reconhecimento à BiH até à realização do exercício de âmbito logístico *BALKAN EXPRESS*, permitiu que fossem tratados e discutidos assuntos diretamente associados à sustentação da força no caso de se efetivar a projeção desta, colocando diversos desafios os Estado-maior coordenador e técnico do KTM, com especial enfoque na função do Oficial de Logística do Batalhão. Assim foram evidenciados determinados procedimentos, cuja sua implementação é essencial como sejam a capacidade de Comando e Controlo durante o movimento e de comunicação para com o escalão superior e a necessidade de cobertura satélite; as modalidades de apoio sanitário e identificação de instalações médicas; o apoio de manutenção e a capacidade de recuperação de viaturas; as modalidades de apoio logístico, associado à sustentação e à extensão das linhas de comunicação entre a BiH e o Kosovo; a necessidade do controlo do movimento e de proteção da força em caso de avaria e/ou acidente; as implicações legais, dependendo do país por onde se passa, relativa ao numero de viaturas autorizado e movimentar-se em coluna; os *caveats* das nações que terão implicações no possível apoio a prestar como sejam as escoltas.

Este exercício possibilitou, além do acima explicitado, colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo dos vários cursos, nomeadamente de progressão na carreira, no seio da Instituição. Ainda, cumulativamente com o anterior, a parceria com militares de outros contingentes, cuja experiência, dimensão e realidade logística, participação noutros contextos quer de exercícios quer de missões e teatros de operações representa uma realidade diferente permitiram a

aquisição de novos conhecimentos no que ao apoio logístico diz respeito, e novos saberes sobre projeção, sustentação e retração quer de meios quer de pessoal. De realçar a troca de informação e de experiências entre todos os participantes permitindo desta forma alcançar os objetivos propostos quer pelo JLSG quer pelo J4 da KFOR. Foi sem dúvida uma excelente experiência, desafiante pela realidade subjacente a estes planos e esclarecedora porquanto permitiu verificar a relevância do planeamento logístico das suas implicações nas operações e ainda o quanto complexo poderá ser o planeamento para que a manobra logística saia simplificada e se continue a garantir perante a manobra liberdade de ação, extensão do alcance operacional e prolongue a resistência da unidade.

até ao Fim do Mundo

www.ateaofimdomundo.com

Crowd and Riot Control
Rendições dentro da força. Treino e Evolução

1Sar Inf João Graça

"Um Exército pode passar 100 anos sem combater, mas não pode passar 1 dia sem estar preparado"

Clausewitz (1780-1831)

O *Crowd and Riot Control* (CRC) constitui-se como uma das principais tarefas para as quais o KFOR *Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* (KTM) tem que ser proficiente. Entre outubro de 2015 e abril de 2016, no teatro de operações (TO) do Kosovo, o 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado (2ºBIMec) cumpriu a sua última "missão", e foi como KTM.

Quer durante o período de aprontamento, quer já no TO, o 2ºBIMec sempre reconheceu o CRC como essencial e relevante para o cumprimento da sua missão, pelo que durante um período superior a um ano, os militares foram treinados para executarem as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) inerentes a esta tipologia de operação.

Uma das tarefas críticas para qualquer força que esteja a executar uma operação de CRC será a de executar a rendição entre as suas subunidades, independentemente do escalão e especialmente se esta for realizada sob ações hostis por parte de manifestantes. Assim sendo, o objetivo deste artigo será apresentar de forma sucinta aquela que foi a evolução do treino destas TTP pela companhia de manobra portuguesa (BRAVO Coy) da KTM e que culminou com o desenvolvimento de uma forma diferente ao nível da execução.

RENDIÇÃO - PARA QUÊ?

Qualquer força aquando do cumprimento de diferentes tarefas no âmbito de uma operação de CRC terá que, mais tarde ou mais cedo, com ou sem pressão por parte de manifestantes hostis, executar a rendição entre as suas diferentes subunidades empenhadas no terreno. A finalidade da rendição pode ser fazer descansar os elementos em 1.ª linha, criar condições para a evacuação de feridos, colocar a máscara de proteção individual BQ ou simplesmente para ajustar equipamento. Neste procedimento, o comando e controlo, bem como a eficiência e eficácia dessa mesma força, dependem da organização e da coordenação que se consegue incutir. Uma força que não consiga coordenar esta tarefa e rapidamente organizar-se para manter uma resposta capaz face à força opositora, dificilmente estará apta para manter a integridade e credibilidade na necessária dissuasão desse oponente.

Durante a formação inicial da cadeia de comando e dos militares que desempenharam funções-chave[4] na companhia de manobra portuguesa do KTM, foi tomado contacto com diversas formas de realizar as rendições, sendo que de uma maneira geral todas elas visam mitigar o risco para a Força de CRC e para os seus elementos, frequentemente através de uma execução célere que irá ainda transmitir uma imagem de organização, treino, credibilidade e prontidão a cumprir o seu intento, de forma a garantir um ambiente seguro e estável e a liberdade de movimentos, sendo estes últimos os desígnios exigidos pela KFOR.

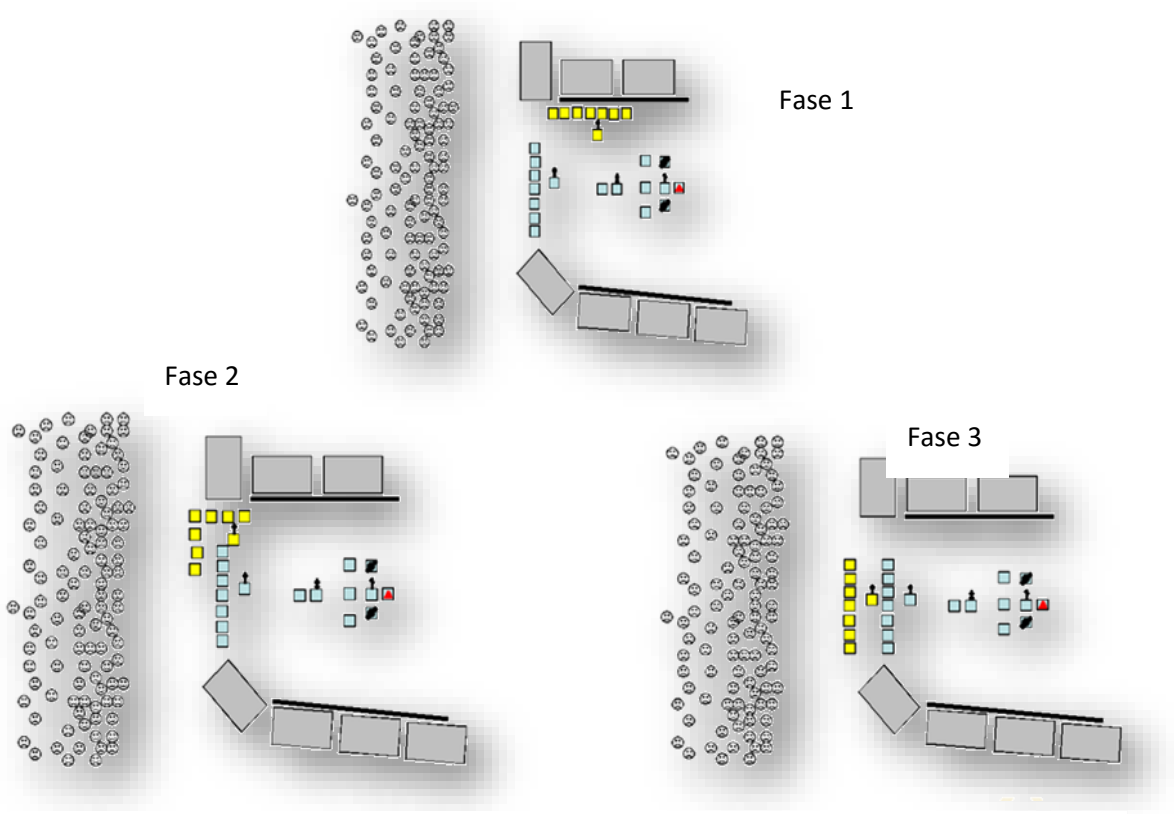
[4] Entenda-se por funções-chave aquelas diretamente relacionadas com a tomada de decisão e emprego de métodos dissuasores mais violentos (*Shotgun*, lança-granadas de gás lacrimogéneo, atiradores de espingarda automática).

FORMAÇÃO INICIAL - REGIMENTO DE LANCEIROS N.º 2 (RL2)

Durante a estadia da 2ªCAt (posteriormente BRAVO Coy) do 2ºBIMec no RL2 a fim de frequentar o Estágio de Controlo de Tumultos, foram ministrados aos elementos presentes três métodos para a execução de rendições, nomeadamente:

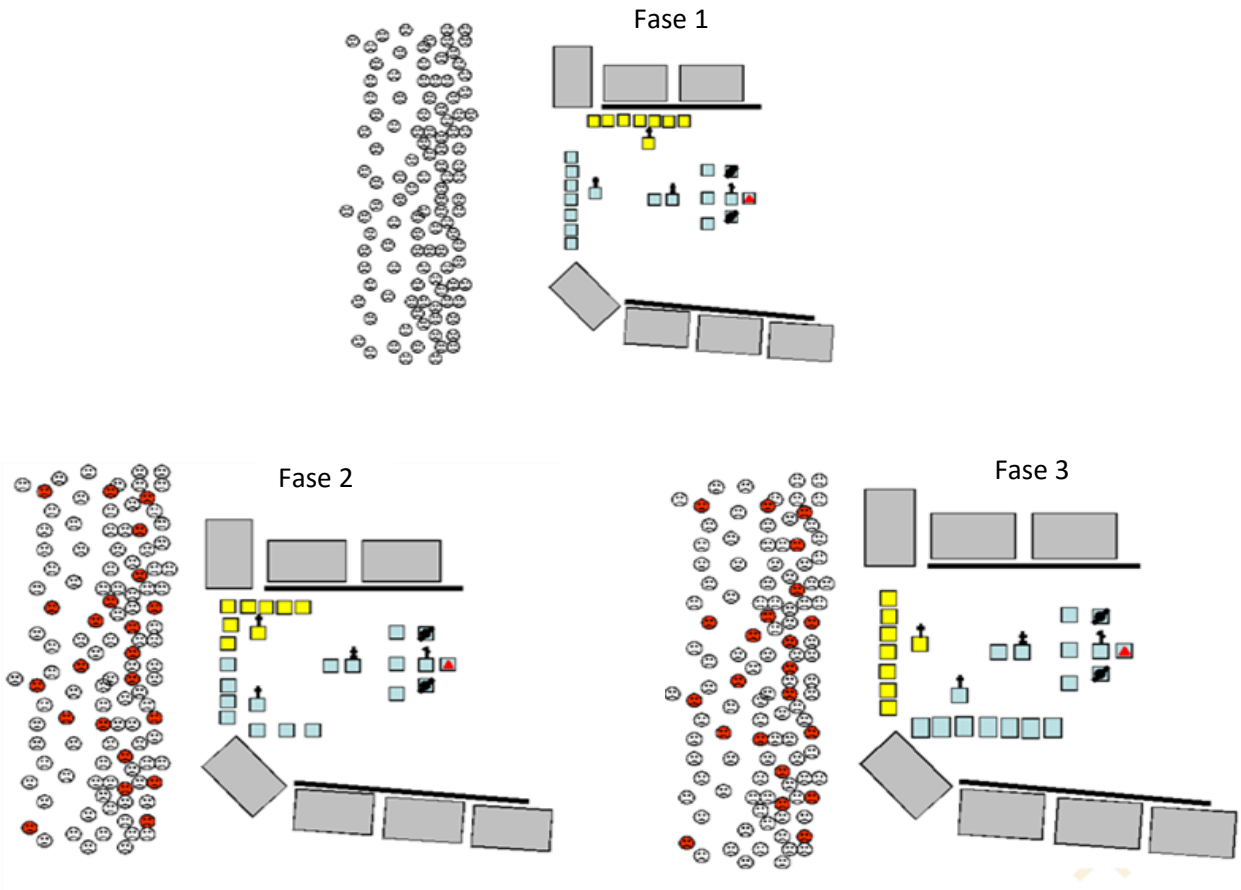
- Ultrapassagem dos elementos em 1ª linha (ausência de pressão);
- Método do "carrocel" (com pressão);
- Rendição "homem-a-homem" (com pressão forte).

No método da ultrapassagem dos elementos em 1ª linha (Figura 1), executado quando não existe pressão por parte da multidão/opositores ou quando existe uma distância considerada segura (fora do alcance do arremesso de inertes) para a sua realização, os elementos que rendem, formados "a um" de um dos lados dos elementos em 1ª linha (seja do lado esquerdo ou direito), à ordem e quando preparados, avançam ao sinal de coordenação do comandante da força de CRC ou comandante de pelotão (fase 1). Quando os elementos que rendem ultrapassam os elementos da frente (fase 2), rápida e organizadamente, assumem a formação em linha, sendo que o primeiro homem, quer seja à esquerda ou à direita, segue em frente e os restantes conforme passam por este tocam no seu ombro, ocupando a respetiva posição ao seu lado até toda a frente estar preenchida e com as distâncias corretas (fase 3).



Método da ultrapassagem dos elementos em 1ª linha

O método do Carrocel, executado com ou sem pressão forte, acontece quando não existe espaço suficiente entre os elementos em 1.ª linha e a multidão/opositores (Figura 2). Este método permite que as seções/pelotões sejam rendidos sem nunca pôr em causa a integridade da 1.ª linha. Na sua execução, à ordem do comandante da força de CRC ou comandante de pelotão, os elementos que rendem os elementos em 1.ª linha posicionam-se à esquerda ou direita dos elementos que vão ser rendidos, sendo que o 1.º elemento vai encostar-se ombro com ombro a um dos elementos nas extremidades da linha da frente (fase 1). À ordem, quando preparado e ao sinal de coordenação previamente treinado, o 1.º elemento começa a empurrar os elementos em 1.ª linha (fase 2), sendo o seu movimento copiado pelos restantes elementos da força que rende até que toda a linha da frente esteja completa pelos



Método do "carrocel"

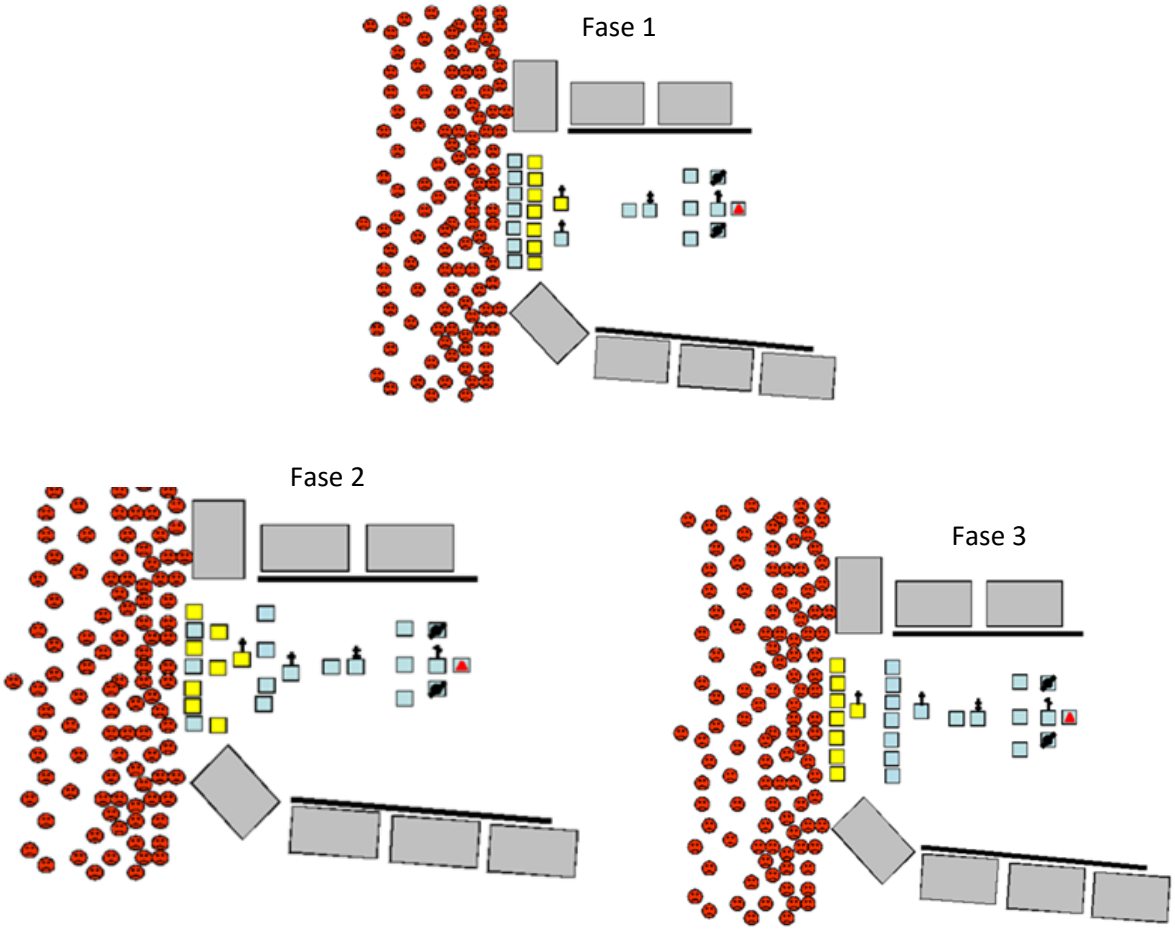
elementos que rendem e os elementos rendidos mais à retaguarda (fase 3).

O método de rendição "homem a homem" é utilizado pela Força de CRC quando existe uma pressão muito forte por parte da multidão/opositores. É utilizado nestas situações específicas devido ao facto de garantir maior segurança na rendição dos militares em 1.ª linha, apesar de ser um processo mais lento. Assim privilegia-se a segurança em detrimento da rapidez de todo o procedimento. Neste método, à voz do comandante da Força de CRC ou do Comandante de Pelotão, os elementos que vão render colocam-se à retaguarda dos elementos em 1.ª linha (Fase 1). O comandante de secção tem um papel preponderante neste método de rendição, pois é ele que vai indicar qual o elemento que vai ser rendido. Porque este método é executado elemento a elemento (Fase 2), o método considera-se realizado quando todos os elementos que se encontravam em 1.ª linha são rendidos, passando para a retaguarda, e quando os elementos que renderam se encontram nas respetivas posições, organizados e à distância definida pelo Comandante de Secção (Fase 3).

A EVOLUÇÃO DAS RENDIÇÕES

O efeito surpresa, a agressividade e o ímpeto sempre tiveram um papel importante nas TTP de várias forças e aplicabilidade no espectro alargado da tipologia de operações, pelo que se considera a sua preponderância em tarefas de CRC. Com a experiência adquirida em treinos, formação, exercícios com outras forças e pelas observações recolhidas, utilizando a metodologia das lições aprendidas, a BRAVO Coy/KTM, sentiu necessidade de se adaptar e adotar novas TTP em relação ao que foi ministrado na formação no RL2, sendo que as rendições não foram exceção.

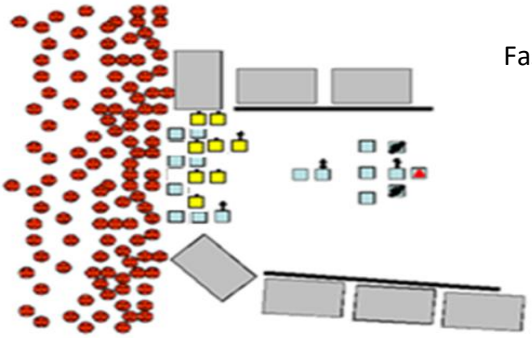
Uma nova forma de efetuar as rendições foi realizá-la com carga/salto ofensivo, que viria ser adotada como TTP. Este tipo de rendição utiliza-se quando existe uma pressão muito forte por parte dos opositores e quando se pretende:

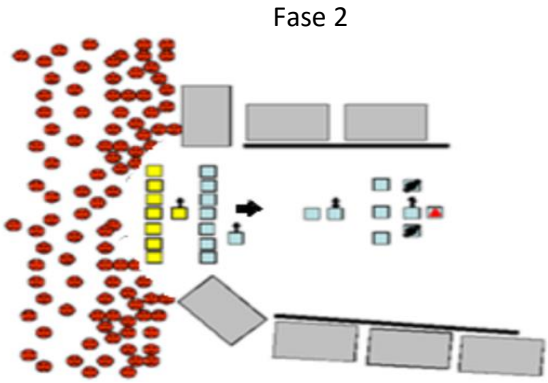


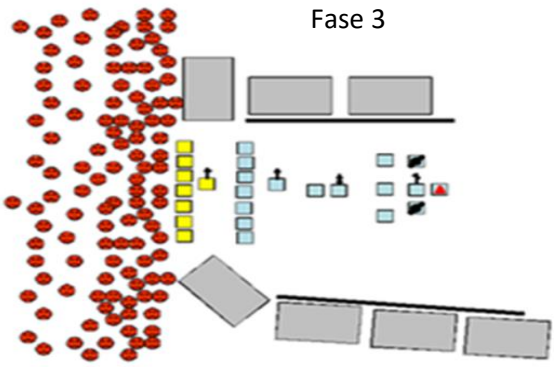
Método de rendição "homem a homem"

- Render rapidamente os elementos em 1.ª linha;
- Surpreender os opositores, apanhando-os em "desequilíbrio";
- Aliviar a pressão por parte dos opositores junto à 1ª linha.

Fase 1 método é executado à ordem do Comandante da Força de CRC ou Comandante de Pelotão e é utilizado tanto para a rendição entre Secções, como entre Pelotões (Figura 4). Os elementos que vão ser rendidos e que não se encontrem na linha da frente, quando ouvem a voz de coordenação para a sua rendição (ex."2.º Pelotão prepara-se para ser rendido"), colocam-se em linha com os elementos da linha da frente (Fase 1). Este procedimento é executado para facilitar o movimento dos elementos que vão render até à frente. Os elementos que vão render, à voz de coordenação para renderem os elementos em 1.ª linha (ex. "3.º Pelotão prepara para render"), avanç o dos elementos da linha da frente colocan Fase 3 taguarda e nos espaços destes, esperando a voz de coordenação para executar a rendição (ex: "Já"/"Rendição"). Neste momento (Fase 2), os elementos que vão render ultrapassam, através dos espaços, a linha da frente em carga ou salto ofensivo, passando a ocupar a 1.ª linha. Este método considera-se efetuado quando os elementos que rendem se encontram todos na posição de vanguarda da força devidamente organizados e às distâncias definidas pelos Comandantes (Fase 3).







Método de rendição com carga/salto ofensivo

CONCLUSÃO

A existência de diversas formas de executar uma rendição confirma o facto de não existir o método perfeito ou o mais correto, sendo que a escolha da melhor forma de efetuar este procedimento depende da situação e dos fatores de decisão a esta associados. Assim, dos métodos descritos e de todos os outros que possam existir entre as mais distintas Forças CRC, o mais adequado será sempre relacionado com a situação tática, fatores de decisão e a filosofia e características intrínsecas da força de CRC. A rendição com carga/salto ofensivo não é exceção, tendo sido identificadas as seguintes vantagens:

- Efeito surpresa;
- Rendição rápida e eficiente dos elementos em 1.ª linha;
- Diminuição rápida da pressão dos opositores;
- Simples execução e coordenação.

Ao nível das desvantagens estão identificadas as seguintes:

- Perda do efeito-surpresa após as primeiras execuções;
- Risco de elementos isolados caso o ímpeto não seja ajustado à situação;
- Perda de comando e controlo até que a 1.ª linha esteja organizada e às distâncias definidas.

Todos estes aspetos podem ser suprimidos ou reduzida a margem de erro, através de treino entre os mais diversos escalões e simulando as mais diversas situações. No entanto, é bastante importante ter em mente que em todos os métodos, sejam de rendição em CRC ou outros, em que invariavelmente o elemento humano é interveniente, com especial relevância em cenários onde reina a incerteza e a desordem, as TTP serão apenas ferramentas nas mãos da Força de CRC. Esclarecer a situação permanentemente, a capacidade de adaptação (em linha com os fatores de decisão), a existência de diferentes padrões de atuação previamente treinados, o engenho e argúcia para escolher o método em função da situação, permitirão ter a Força de CRC melhor preparada para a diversidade de situações que poderá ter que enfrentar em função da missão que lhe foi cometida.

Batalhão de Apoio de Serviços na Brigada Mecanizada

Um exemplo de racionalização de estruturas

A aplicação dos princípios da doutrina Logística Operacional no Apoio Logístico Real

TCor Inf Hélder Félix
Cmdt BApSvc/BrigMec

PREÂMBULO

Este artigo surge na continuação de outros dois publicados nas anteriores edições da Revista Atoleiros pretende analisar qual o atual contributo do Batalhão de Apoio de Serviços na Brigada Mecanizada. Iremos debruçar-nos essencialmente em duas linhas de ação: a do apoio real e a do treino operacional.

A FUNÇÃO DE COMBATE APOIO DE SERVIÇOS NA BRIGMEC

Segundo a Publicação Doutrinária do Exército (PDE 3-00) Operações, "A função de combate apoio de serviços visa a manutenção do potencial de combate da força durante o tempo necessário ao cumprimento da sua missão. Inclui a logística que se materializa na procura de abastecimentos, incluindo o seu armazenamento, acondicionamento e transporte, a manutenção e reparação do material, o apoio sanitário, a evacuação e tratamento de baixas, o apoio de pessoal que integram os recompletamentos e os serviços de moral e bem-estar necessários e o apoio financeiro." Desta definição podemos inferir que Unidades e entidades da BrigMec estão unidas pela finalidade de manter o potencial de combate da força para o cumprimento da missão. O G4 da BrigMec como entidade planeadora de todas as atividades logísticas da BrigMec. O CMSM, que participa na procura e obtenção de abastecimentos (mercado exterior), no apoio de pessoal, nomeadamente, recompletamentos através do Ajudante Geral e serviços de moral e bem-estar (através da comissão única de bares) e no apoio financeiro. E o BApSvc, que através do

Evacuação de viaturas para a Unidade de Apoio Geral de Material do Exército - UAGME

PelReab/CRT transporta, armazena e acondicionamento os abastecimentos, determinados pela Secretaria de Reabastecimento e Transportes (SecrReabTransp). Executa toda a manutenção e reparação do material da BrigMec através da CMan aplicando o Conceito de Manutenção em vigor no Exército e de acordo com as indicações da Secretaria de Manutenção (SecrMan) que também executa, a par do CMSM, a procura de abastecimentos no exterior.

O APOIO REAL NA BRIGMEC

As Funções Logísticas são um conjunto de atividades afins que concorrem para a mesma finalidade. Incluem atividades e/ou procedimentos no âmbito da Logística ao nível estratégico, ao nível operacional e ao nível tático. Presentemente, na doutrina do Exército Português (PDE 4-46-00 SistLogExer) são consideradas as seguintes: Reabastecimento; Movimentos e Transporte; Manutenção; Apoio Sanitário; Infraestruturas; Aquisição, Contratação e Alienação; e Serviços.

Na BrigMec o BApSvc executa a maioria destas Funções Logísticas, com exceção do Apoio Sanitário; Infraestruturas e Alienação.

A SecrReabTransp, a SecrMan e a Secção de Munições (SecMun) pertencem à estrutura orgânica do BApSvc fazendo dos respetivos chefes de secção oficiais do estado-maior do BApSvc e concomitantemente do estado-maior técnico do comando da BrigMec. Razão pela qual assumem a denominação de Oficial de Reabastecimentos, Oficial de Manutenção e Oficial de Munições da Brigada. Resumidamente as missões destes órgãos é determinar necessidades de reabastecimentos, controlar níveis, supervisar a execução dos planos de reabastecimento e manutenção e aconselhar o comandante do BapSvc e da BrigMec em assuntos da sua área de intervenção.

Para o apoio real da BrigMec foram criados no BApSvc depósitos para as Classes I (R/C, Cl I W para os planos da BrigMec), Classe II, III, IV e VI estabelecidos níveis para 3 meses de funcionamento criando desta maneira condições para diminuir o tempo entre pedido e satisfação e criar condições de previsibilidade na gestão dos orçamentos.

No que respeita à Classe I a Direcção de Material e Transportes (DMT) é a entidade responsável por efetuar a gestão centralizada da alimentação no Exército. Para o efeito, possui uma plataforma informática que está disponibilizada, na Intranet, a todas as U/E/O do Exército, designada por Sistema de Gestão da Alimentação (SGA). Anualmente é atribuído um teto orçamental à BrigMec para a Classe I, em função do seu efetivo, que é gerido pelo Oficial de Reabastecimentos da Brigada através da SecrReabTransp.

A Classe II inclui todos os artigos que fazem parte do fardamento e do equipamento individual e ainda as condecorações e as medalhas militares. O sistema de distribuição dos artigos desta Classe assenta em dois tipos de fornecimento: fornecimento coletivo e fornecimento individual. Neste momento, no BApSvc/BrigMec, foi criado um local (depósito) gerido pela SecrReabTransp para equipar os militares na modalidade de fornecimento coletivo e lançamento em SIGDN dos respetivos. Este depósito serve ainda para efetuar os espólios dos militares que terminam o seu vínculo contratual ao Exército e a desmobilização das FND. O fornecimento individual é efetuado no LVF de Santa Margarida.

O reabastecimento da Classe III numa Brigada Mecanizada é sem dúvida um ponto fundamental. Na BrigMec é efetuado pelo pelotão de CombLub da CRT. Uma vez que a estrutura do BApSvc é completada com

Operação de *Refuel On Movement* – ROM, ao Grupo de Autometralhadoras. Exercício *Orion* 16

componentes da CReabSvc/ES e da CTransp/RTRansp, em QO este pelotão conta apenas com 3 praças em permanência para o apoio em combustíveis (embalados e a granel) e lubrificantes foi necessário readapta-lo de modo a que pudesse gerir, conservar e operar os 05 (cinco) locais de reabastecimento de combustíveis a granel passíveis de utilização na Brigada. Adicionalmente a gestão de depósito dos combustíveis embalados e dos lubrificantes a par da manutenção de uma capacidade de viaturas de reabastecimento/transporte de combustíveis credível, mostraram a insuficiência da estrutura prevista no QO. No final de 2016, o Exército sentiu a necessidade de proceder a uma redistribuição de combustível entre as suas Unidades. O BApSvc/BrigMec por intermédio da CRT deu corpo a essa missão reabastecendo com os seus meios orgânicos varias Unidades do Exército colocando, por ocasião do dia do Exército, 18 mil litros de gasóleo na região de ELVAS e ESTREMOZ, 16 mil litros no Regimento de Transportes, 15 mil litros para o Comando da Brigada de Reação Rápida e Regimento de Paraquedistas. Planeou e executou ainda o reabastecimento, no SPOD de Setúbal, às viaturas que regressaram em plataformas marítimas da Lituânia. O BApSvc dispõe atualmente de 05 viaturas M49 (4500 litros de capacidade) e 2 atrelados M969 com capacidade para 18 mil litros cada.

Na Classe IX a CMan, com o seu PelReab garante a gestão da LNA de sobressalentes e o fornecimento de sobressalentes necessários para o Nível I e II de manutenção dos sistemas e equipamentos orgânicos das Unidades da Brigada. Perante pedidos de sobressalentes o PelReab fornece o que tiver em armazém e requisita à DMT os sobressalentes que não possuir.

Como podemos observar o BApSvc é o grande executor do reabastecimento na BrigMec. Todavia, desenvolve ainda uma outra função logística, a manutenção, que na verdade é grande parte do seu atual core business. O conceito de manutenção, aprovado pelo despacho nº 225/CEME/2011, considera três níveis para manter os equipamentos e sistemas de armas: Nível I – Manutenção Unidade; Nível II – Manutenção Intermédia; Nível III – Manutenção de Base ou Depósito. Para além do Nível I executado às viaturas da própria Unidade, a CMan/BApsvc gere e executa a manutenção de Nível II a toda a frota de viaturas de rodas e de lagartas da BrigMec, mais de 600 viaturas. Destas destacam-se os denominados Sistemas de Armas Complexos (SAC). Os SAC apresentam características que obrigam a um tratamento mais cuidado, quer pela sua exigência ao nível da formação dos intervenientes na sua utilização, como na respetiva manutenção, mas também devido ao elevado custo da sua manutenção ao longo do ciclo de vida. Na BrigMec o SAC por excelência é o CC LEOPARD 2A 6.

Novas infraestruturas oficinais do BApSvc – retirar o motor do CC *Leopard* 2 A6

O CC LEOPARD sendo um SAC e bastante evoluído, possui equipamentos de elevada tecnologia, incorporando uma significativa componente eletrónica, e sistemas ópticos e optrónicos bastante recentes. Assim, facilmente se conclui que é necessário manter os militares que efetuam a sua manutenção (Mecânicos de Casco, Mecânicos de Torre e Soldadores Especiais) com a respetiva formação específica, de alto nível. Neste sentido, e decorrente da elevada tecnicidade e custos de formação associados, os mecânicos de Torre, Casco e Soldadura que se encontram colocados no BApSvc da BrigMec, são o garante do sucesso do programa e da formação de novos técnicos, garantindo desta forma que os conhecimentos adquiridos em ambiente de trabalho se traduzam em um "saber fazer". Adicionalmente, o BApSvc ao abrigo do conceito de manutenção, coloca em diligência em todas as Unidades da BrigMec, militares de Material para orientar/executar a manutenção de Nível I e providenciar a evacuação dos materiais para a manutenção de Nível II. A aplicação deste conceito revela a importância da CMan/BApSvc na operacionalidade de todos os equipamentos da BrigMec.

O TREINO OPERACIONAL

Na doutrina de referência os batalhões de apoio de serviços das Brigadas possuem uma orgânica completa dimensionada para a unidade de que fazem parte. Na nossa adaptação o BApSvc (modular) não permite dispor em permanência de todas as valências necessárias para o cumprimento da missão o que levanta sérios problemas ao comando, principalmente, no que diz respeito ao treino operacional.

Esta construção modular do BApSvc (utilização da metodologia da modularidade e de módulos) para organizar as suas subunidades, completado por componentes da CReabSvc/ES e da CTransp/RTransp, incorpora sérias dificuldades ao treino operacional. Nesta conceção o BApSvc recebe das FApGeral 01 oficial, 25 sargentos, 106 praças e 70 viaturas. Adicionalmente pode ainda receber 01 pelotão de Serviços de Campanha. Estas Unidades, uma das FApGeral outra mais vocacionada para a formação, dependem ainda de Comandos diferentes (CFT e CmdPes).

Estas Unidades, tal como o BApSvc, não desempenham, na sua maioria das vezes, tarefas de cariz operacional e quando empregues raramente o são como unidades constituídas. Isto acontece por dois fatores essenciais: o apoio real que estas Unidades fornecem continuamente; a falta de efetivos e materiais para que estejam efetivamente operacionais. Desta forma, quando empregues como um todo, normalmente uma vez por ano no decorrer do exercício da série ORION torna-se difícil treinar e atingir proficiência operacional. Esta bivalência das Unidades de Apoio de Serviços (apoio real e treino operacional) só poderá ser vencida se o único BApSvc do Exército possuir uma estrutura organizacional completa e os processos logísticos do dia-a-dia forem o mais próximo dos utilizados em situação de campanha. Caso contrário, como comprova a experiência adquirida no exercício de alta visibilidade da NATO –TRJE 15 e no ORION 16, a dicotomia apoio real versus treino operacional permanece por ultrapassar. Infere-se, assim, que a utilização da metodologia da modularidade e de módulos na construção das unidades de apoio de serviços condiciona o treino operacional colocando-as muito aquém das unidades de combate e de apoio de combate.

BApSvc no planeamento durante o Exercício CPX Dragão 162

Na nossa opinião o facto de a BrigMec se constituir na grande escola das armas combinadas, usufruindo de características únicas como a proximidade geográfica e

tipologia das suas unidades (combate, apoio de combate e apoio de serviços) é provavelmente a solução mais interessantes para a concentração de meios de Apoio de Serviços (no BApSvc) e desta forma concretizar-se o treino operacional.

CONCLUSÕES

O BApSvc é a Unidade por excelência do Apoio de Serviços na BrigMec. Executa todas as tarefas de reabastecimento, de transportes e de manutenção da Brigada, sendo, portanto, uma peça essencial no funcionamento desta Grande Unidade do Exército. Por vicissitudes várias é neste momento a única que tem uma estrutura organizacional capaz de responder ás missões do Apoio de Serviço.

Uma possível concentração de meios de Apoio de Serviços, criando uma estrutura organizacional mais completa que rentabilize o apoio à BrigMec, mas permita efetivamente a realização de treino operacional, podendo desta forma, preparar o Apoio de Serviços para responder eficazmente em situações de campanha é em nossa opinião o desafio de futuro desta Unidade.

Curso de viatura *Recover* M816 ministrado no BApSvc

"Experiência de um Operacional de Cavalaria em 2016"

Alf Cav Barbosa da Silva
Cmdt de PelCC

Durante o ano de 2016 tive a oportunidade de ser Comandante de Pelotão (Pel) de Carros de Combate (CC) Leopard 2A6, e este artigo será o resultado de uma descrição sumária do trabalho efetuado no decorrer desse ano.

Das várias atividades realizadas pelo 2ºEsquadrão de Carros de Combate (2ECC) no 1º e 2º semestre do ano de 2016, o meu PelCC participou na maioria das atividades operacionais, sendo que neste artigo vou-me resumir apenas aos exercícios em que os CC Leopard 2A6 estiveram empenhados e à preparação necessária para se conseguir atingir a proficiência técnica, tática, dos procedimentos (TTP´s) e física dos meus militares, quer a nível individual como Condutores (Cond), Apontadores (Ap), Municiadores (Mun) e Chefes de CC (Chf CC), quer a nível coletivo quanto aos desempenhos como Guarnição[5], posteriormente como Secção[6] CC e por fim como PelCC[7].

O ano iniciou-se com um exercício vocacionado para os comandantes de subunidades, designado de "*Comand Post Exercise"* (CPX) na Academia Militar com o intuito de se poder utilizar o "*Computer Assisted Exercise"* (CAX) do Laboratório de Simulação Tática (LabSimTat). Através do recurso a um jogo comercial (TacOps 4.0), conduzi informaticamente exercícios que materializam a execução de operações planeadas, colocando em prática procedimentos radiotelefónicos, ordens parcelares, relatórios táticos e pedidos de apoio de fogos.

Após esta experiência, seguiu-se a primeira saída para operações no terreno enquanto PelCC isolado, para efetuarmos o exercício "FENIX 161", no final de janeiro, cujo objetivo passou pelo treino de técnicas de movimento[8], formações de combate[9], ações ao contacto[10] e procedimentos para entrada em zona de reunião (ZRn)[11].

Em fevereiro, participei no "LINCE 161 (LEODUR)", exercício de escalão Agrupamento, no qual o meu PelCC fez parte do SubAgrupamento Bravo que estava inserido no Agrupamento Mecanizado. Este exercício teve como principal objetivo a execução de operações conjuntas entre CC Leopard 2A6 e viaturas PANDUR, no sentido de se mitigarem vulnerabilidades existentes na interoperabilidade entre as forças equipadas com estes meios.

[5] Composto por Cond, Ap, Mun e Chf CC, todos eles designados também de "carristas";
[6] Composto por 2 CC, ou seja, 2 Guarnições;
[7] Composto por 4 CC, ou seja, 4 Guarnições, totalizando 16 homens por Pelotão;
[8] Progressão Contínua, marcha sobreapoiada e por lanços com sobreapoio;
[9] Coluna, Coluna Dobrada, Cunha, Escalão pela Direita ou Esquerda e em Linha;
[10] Procedimentos para reagir a tiro direto de armas ligeiras ou anti-CC, reagir a tiro indireto e reagir a ataque aéreo de asa fixa e de asa móvel;
[11] Treino de entrada e saída de ZRn, estabelecer ligação filar, montagem de postos de observação e elaboração de plano de fogos de pelotão;

No que concerne a atividades do meu Pelotão, enalteço o facto de termos executado pela primeira vez planeamento tático ao nível de Pelotão, onde completamos, entre outras coisas, manobras de apoio pelo fogo [12] em simultâneo com um Pel PANDUR, movimento este integrado numa manobra do Agrupamento.

Seguindo-se o exercício "*REAL THAW 16*" que se realizou entre o final de Fevereiro e Março, tratou-se de um exercício organizado pela Força Área Portuguesa onde tive oportunidade de realizar missões diurnas e noturnas, juntamente com 3500 militares onde foi possível trocar experiências com militares estrangeiros, comunicar em inglês e, ainda, efetuar o planeamento de ações conjuntas, nomeadamente, apoiar pelo fogo, conquistar objetivos, efetuar uma passagem de linha com forças amigas [13] e ainda procedimentos para abertura de brecha[14].

No mês de abril, participei no "FENIX 162", exercício no âmbito do 2ECC, onde foi possível melhorar as TTP´s do meu PelCC e ainda efetuar um "*Live Fire Exercise"* (LFX) onde demonstramos as nossas capacidades ao Curso de Promoção a Oficiais Generais.

O exercício que se seguiu foi em maio, designado de "LINCE 162 (LEODUR)", este foi um exercício contíguo ao "LINCE 161", onde podemos efetuar mais um LFX, dando a oportunidade ao meu pelotão de praticar tiro aos alvos com 100% de eficácia.

O ponto alto do 1º Semestre culminou com a participação no maior exercício do Exército, o "ORION 16", realizado em junho, no qual tive mais uma oportunidade de participar num exercício em formato LFX. De entre outros militares estrangeiros que participaram neste exercício, destaco os elementos da Brigada de Infanteria Mecanizada "Extremadura" XI, de Espanha, uma vez que me foi possível trocar ideias e verificar as diferenças que existem no Leopard 2A6 versão espanhola, nomeadamente testar o ar condicionado destes sistemas de armas que em muito contribui para a diminuição dos problemas eletrónicos da torre do CC Leopard 2A6, devido às altas temperaturas que se fazem sentir no seu interior.

No final do mês de outubro, participei no "LINCE 163" que teve como objetivo o nivelamento dos novos elementos das guarnições do meu PelCC, contribuindo para a sua proficiência técnica como Condutores, Apontadores e Municiadores. O resultado deste nivelamento foi colocado em prática no exercício de novembro "LINCE 164", no qual realizámos um novo LFX com grau de dificuldade mais elevado, uma vez que o tiro foi praticado em movimento. No decorrer desta operação, fomos acompanhados por uma equipa da TVI, que efetuou o registo e elaborou uma reportagem sobre a nossa atividade. A sua presença contribuiu em grande escala para o moral da minha força (ver fig 3), que terminou o exercício com sentimento de dever cumprido e prestígio para estes soldados que operam este moderno sistema de armas.

O ano terminou com a participação, em dezembro, ao apoio na formação em Tática de CC do Tirocínio Para Oficiais de Cavalaria (TPO Cav) e para o Curso de Formação de Sargentos de Cavalaria (CFS Cav) do quadro

[12] Consiste na aproximação, sem ser detetado, a uma localização que permite ter vantagem sobre um objetivo, com o intuito de o destruir pelo fogo para que seja conquistado por forças amigas.
[13] Consiste na ligação no terreno com força amiga onde se trocam informações sobre o terreno e força opositora.

[14] Trata-se da aplicação combinada de técnicas e equipamento para "projetar" o potencial de combate duma força para o "lado de lá" de um obstáculo (ex: campo minas), mantendo o ímpeto na condução das operações.

permanente. Para se efetuar estas atividades operacionais foram passados praticamente 71 dias em operações no terreno com os Leopard 2A6, onde o meu Pelotão se movimentou por exercício uma média de 50 Km, percorrendo durante o ano de 2016 um total de 500 Km por cada CC e, para que isto fosse possível, foram consumidos em média, por exercício, cerca de 300 litros de combustível por cada CC.

Apesar de parecer uma quantidade elevada de consumos, podemos facilmente refutar essa ideia, uma vez que se **compararmos** um CC Leopard 2A6 que veio para Portugal em 2008, cujo peso é aproximadamente 60 toneladas (ton) e os consumos em todo o terreno (TT) rondam os 530 l aos 100km[15], com uma viatura TT civil, por exemplo, um Nissan Navara 3.0 de 2010[16], cujo peso é de 1,9 ton e o consumo real em TT ronda os 15 litros aos 100km, podemos verificar que em **proporção peso/consumo** [17] o CC Leopard 2A6 com 1 litro de combustível movimenta ± 115 quilos enquanto a Nissan Navara com a mesma quantidade de combustível movimenta ±125 quilos, ficando assim demonstrado o avanço tecnológico que representa, contribuindo ainda mais para as suas capacidades de mobilidade, poder de fogo, proteção e sobrevivência que foram substancialmente melhoradas.

Para se atingir a proficiência técnica, tática e dos procedimentos nos exercícios anteriormente descritos, foi necessário desenvolver em quartel um conjunto de tarefas durante o período que intervalava cada um dos exercícios. Deste modo, as nossas atividades diárias passaram pela execução de treino físico[18], tiro de pistola Walter e de espingarda automática G3, provas topográficas, treino de técnica de CC e, por fim, mas não menos importante, a execução da manutenção de 1ºEscalão a cada um dos CC.

Troca de almofadas do trilho no Exercício ORION16

Assim, o Leopard 2A6 à semelhança de um F16 da Força Área, tem uma manutenção extensiva, tem uma elevada componente eletrónica e requer manutenção técnica especializada. Neste sentido, quando não é possível a guarnição resolver uma determinada avaria de 1ºEscalão, esta é reportada a quem faz uma manutenção superior, a chamada manutenção de 2º e 3º Escalão, que

[15] Em exercício movimenta-se sempre em terreno sinuoso;
[16] Segundo o website: http://www.thecaryoudrive.com/pt/149968ed45
[17] Leopard 2A6 em TT 60ton ÷ 530 L = ± **115 kl/L** ≠ Nissan Navara 3.0 2010 em TT 1,9 ton ÷15 L = ±**125 kl/L**

[18] Desportos Coletivos, Treino em Circuito, Ginástica de Aplicação Militar e Corrida Continua;

é feita pelos técnicos de manutenção do Batalhão de Apoio de Serviços (BApSvc).

Deste modo, para que se tenha uma melhor noção do que consiste a manutenção do Leopard 2A6 (ver fig.4) elaborei uma tabela na qual se indica o tempo (normal) que cada guarnição ou o Pel demora a efetuar determinada tarefa. É de salientar que se tratam das mais frequentes e não constam nesta listagem todas elas, pois para isso existe uma Lista de Verificação de Serviço de Manutenção Preventiva (LVSMP) que é feita, se possível, mensalmente.

O tempo demonstrado é apenas indicativo, varia consoante a experiência da guarnição. Ainda assim, é necessário reforçar que estes tempos são executados já com o material à nossa disposição, ou seja, torna-se relevante adicionar o tempo de preparação, organização e coordenação do material para cada tarefa.

Tarefa	Tempo	Quantidade	Implicações
-Trocar Roda de Apoio.	30 min	1 Guarnição	
-Abrir Trilho.	25 min	1 Guarnição	-Retirar placas de blindagem, tirar tensão ao trilho e retirar parafusos dos elos.
-Unir Trilho.	45 min	1 Guarnição	-Unir com macacos de trilho, dar tensão ao trilho e colocar placas de blindagem.
-Trocar 2 Rodas Coroa.	2,5 h	1 Guarnição	-Abrir trilho e unir trilho.
-Trocar Almofadas Trilho.	4,5 h	2 Guarnição	-1 Guarnição por trilho.
-Verificar óleo do motor e da transmissão do CC.	10 min	1 Condutor	-Se necessário faz-se atesto.
-Verificar Óleo das transmissões finais.	15 min	1 Guarnição	-Deverá ser feito com auxílio de uma almotolia pelo local.
- Palamentar CC.	1 h	1 Guarnição	
- Atestar 1 CC.	40 min	1 Guarnição	
- Limpeza e Verificação do estado de Palamentas.	1 h	1 Guarnição	-Limpeza, olear, arrumar, reportar danos.
-Limpeza do Armamento Coletivo e Individual.	1,5 h	1 Guarnição	-Limpeza, olear, arrumar, reportar danos.
-Limpeza de 1 Carro pronto para revista.	1 semana	1 Guarnição	-Limpeza geral exterior, faróis e ganchos de reboque oleados; -Aspirar e lavar chão do Cond, Ap, Mun e Chf CC; -Lavar paredes interiores do CC; -Retirar e limpar 10 periscópios; -Limpar cofres, borrachas vedantes.
-Testes ao RPP.	3 h	1 Guarnição	
-Limpeza filtros do motor.	2,5 h	1 Guarnição	-Levantar tampa do motor.
-Limpeza Cano L55 depois de tiro.	1,5 h 2 dias	1 Guarnição	
-Limpeza L55 antes de tiro	1,5 h	1 Guarnição	-Limpeza do extrator de Gases.
- Entregar CC ao BApSvç.	1 h	1 Guarnição	-Verificações gerais e confirmação do relatório de situação da viatura (SitVit).
- Levantar CC ao BApSvç.	2 h	1 Guarnição	Testes indispensáveis: - Ao travão de serviço, de parque; desparqueamento de emergência; extinção de incêndios; teste mínimo; which whashes e escovas do casco e torre; teste selagem do motor. -Teste a torre nos 3 modos de funcionamento: Turm Aus, Beobacken e Stabein, fazer 360º, máx elevação e depressão. -Verificações: Óleos e generalidades (cavilhas, molas, macaco da tampa do motor, extintores, bancos, manobrador culatra, entre outros); - Resolução dos problemas presentes no SitVit.

Por outro lado, poderá existir outro fator que contribui para o aumento de tempo na realização das tarefas, dado que nem sempre a guarnição se encontra completa, uma vez que existem atividades de escala de serviço que têm de ser cumpridas e ainda as tarefas do quotidiano da unidade como a preparação e execução das

cerimónias do dia da Brigada Mecanizada, dia da Cavalaria, do dia do Quartel da Cavalaria (QCav), entre outras.

Durante o ano de 2016 o treino da técnica de CC Leopard 2A6 foi executado sempre que nos encontrávamos em quartel. Este tipo de treino consistiu no uso da torre de instrução, nas idas aos alvos de seguimento, no uso do *vídeo training equipment* (VTE) e nas instruções teóricas e praticas dadas por mim, no âmbito da tática de CC e da técnica do seu uso.

A Torre de Instrução (ver fig.5) possibilitou o treino monitorizado e a avaliação de todos os procedimentos dos elementos do compartimento de combate, desde o nível das tarefas individuais do Chf CC, Ap e Mun até ao nível de execução enquanto guarnição. De salientar que este simulador se trata de uma réplica exata da torre do CC Leopard 2A6 e de todos os seus componentes, o que permite treinar procedimentos como o municiar, adquirir alvos, passar alvos entre Chf CC e Ap e, ainda, resolver eventuais falhas que possam ocorrer num LFX.

No que concerne ao treino da proficiência técnica específica do Ap e Chf CC, este foi também executado nos alvos de seguimento que se encontram numa parede do QCav, sendo as suas mais-valias a monitorização e treino, de forma económica, de todos os procedimentos que estão associados ao seguimento e aquisição de alvos através dos aparelhos de pontaria do CC.

O VTE (ver fig.6) trata-se de um equipamento de treino, com uma viatura, que funciona como "central", e um conjunto de camaras e sensores que permite a observação na "central" do que se vê pelos aparelhos de pontaria de cada CC, bem como o "controlo" da torre dos CC do PelCC. Este permite a monitorização e avaliação dos exercícios de fogo real ou treino sem munições, com diferentes tipos de alvos (veículos blindados ou não blindados) e, ainda, obter uma panorâmica geral do exercício e uma visão completa dos procedimentos necessários à guarnição para se efetuar tiro. Foi sempre uma mais-valia a utilização deste equipamento, uma vez que nos apresenta em tempo real o feedback de potenciais erros humanos por parte da guarnição, permitindo que estes sejam corrigidos, contribuindo assim para a proficiência de cada um dos elementos da guarnição.

No que concerne às instruções teóricas e práticas no âmbito da tática de CC e da técnica do seu uso, tive

Torre de Instrução

como base a Norma de Execução Permanente do Pelotão Leopard 2A6 e no Manual de Instrução Coletiva de unidades de CC. O procedimento passava por se dar primeiro instrução teórica em sala, confirmando a informação transmitida com testes avaliativos e, de seguida, treino no campo de futebol do QCav com o material necessário. A título de exemplo, foram ministradas instruções sobre técnicas de movimento, ações ao contacto, formações, utilização do código de bandeiras, entre outras.

Video Training Equipment - VTE

O sentimento que resulta de todas estas atividades neste ano de 2016, como Oficial Operacional de Cavalaria, é o de que foi um ano intenso e de grande experiência, mas necessário para singrar no futuro. Faço votos para que, em breve, os nossos SOLDADOS de Cavalaria, se forem bem formados e informados, possam ter mais possibilidades de fazerem parte das nossas guarnições de CC, uma vez que existe interesse e orgulho em saber a resposta ao lema do nosso Quartel da Cavalaria.

.

"Abraçar a Missão" Aplicação da Doutrina no Treino Operacional, experiência na primeira pessoa

"Todo começo é involuntário.
Deus é o agente.
O herói a si assiste, vário
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
«Que farei eu com esta espada?»
Ergueste-a, e fez-se. "
Fernando Pessoa

Alf Cav Daniel Valério
Cmdt 2PelRec/ERec/BrigMec

Quando no dia 5 de outubro de 2016, recebi nas minhas mãos o Sabre, senti a felicidade de ter conquistado uma das maiores honras das Forças Armadas Portuguesas, ser Oficial do Exército Português. Após 5 anos de formação tinha atingido o meu objetivo e ia lançar-me agora no desafio para qual o Exército me tinha preparado, Servir. Servir o meu dever de Soldado, comandando homens na Unidade onde sempre quis estar, no Quartel de Cavalaria em Santa Margarida, onde o meu avô tinha sido condutor de Carro de Combate M47.

Ao chegar fui logo incumbido de uma das primordiais missões do Exército, a Formação. Para um jovem e inexperiente Alferes que, não teve oportunidade durante o Tirocínio de ministrar formação, é uma experiência única e fantástica ter a possibilidade de formar novos militares e sentir a responsabilidade dos futuros militares do Exército nas minhas mãos. Mas, sobretudo a hipótese de moldar, ensinar e enquadrar jovens que se dedicaram "ao mais nobre serviço", o serviço à Nação. Aliado a esse fator foi a possibilidade de trabalhar pela primeira vez com a classe de Sargentos. É, sem dúvida, uma das dificuldades iniciais que um jovem oficial sente, como lidar e adequar a equipa de formação para atingir o objetivo que nos foi imposto, de formar os futuros soldados do Exército Português. Ter a sorte de ser apoiado por um excelente Sargento, que me transmitiu uma perspetiva e experiência diferente, fez-me crescer e começar a perceber a importância do trabalho em equipa, para levar a "Carta a Garcia".

Quando em 25 de janeiro regressei ao QCav fui colocado no Esquadrão de Reconhecimento (ERec). Fui recebido por um conjunto de homens e mulheres que vivem e respiram a história da Unidade que os acolheu e formou como Soldados de Cavalaria. Imbuído do espírito que nos é transmitido nos bancos da escola, o meu Comandante de Esquadrão recebeu-me segundo os ideais do Comando-Missão. Deu-me as ferramentas e a sua disponibilidade, mas, exigiu-me que cumprisse a missão. Que levasse o 2º PelRec ao cumprimento da missão, ser os olhos e ouvidos da Brigada, garantir a segurança e alerta oportuno. As dificuldades de receber tão nobre missão são inerentes. Perceber e rentabilizar tão enorme conjunto de capacidades e homens não é tarefa fácil. A combinação de Atiradores, Exploração e Carros de Combate garante a possibilidade de variadas soluções para qualquer situação tática. A capacidade de combater pela informação é uma caraterística distintiva do

ERec/BrigMec [19] e garante flexibilidade num Ambiente Operacional difuso. Com as diferentes Ameaças que, na atualidade as nossas forças e os nossos aliados enfrentam, ter no mesmo Pelotão o músculo da blindagem, mas também atiradores que se podem ligar e apoiar a população possibilita ao ERec/BrigMec a flexibilidade para se adaptar e cumprir missões em todo o Espetro das Operações.

Assumi o comando do 2.º PelRec e dei início ao planeamento do Exercício de Pelotão, que viria a ser executado daí a duas semanas. O "Águia 171" foi o meu primeiro Exercício como Comandante de Pelotão e foi vocacionado para o treino de Secção. Integrei esse mesmo treino segundo a lógica de operações do Pelotão, especificamente Reconhecimento de Itinerário, de Área e Vigilância. Privilegiei a instrução, o executar das tarefas, o AAR[20] e a posterior repetição segundo o racional de que é mais importante cimentar o mais básico para depois evoluir a partir daí.

No reconhecimento de itinerário, a minha Secção de Atiradores (SecAt) desenvolveu e treinou as Técnicas, Táticas e Procedimentos (TTP) específicas, sendo explicada a razão e a lógica segundo a qual este reconhecimento é feito. Foram também treinadas as diferentes formas de trabalhar mediante diferentes tipos de contato e como varia este reconhecimento no caso de se privilegiar a segurança ou a velocidade.

Por outro lado, a minha Secção de Exploração (SecExpl) reconhecia Pontos Dominantes/Críticos para garantir segurança à força que se deslocava e reconhecia o Itinerário. Também a SecExpl treinou segundo o racional de privilegiar a segurança ou velocidade. Quando privilegiamos a segurança, a articulação dos atiradores apeados com a viatura que lhes confere apoio é essencial, mas permite-nos aproximar de um ponto, de forma a reconhecê-lo com mais detalhe e garante maior possibilidade de as viaturas não se empenharem imediatamente. Por outro lado, quando privilegiamos a velocidade o reconhecimento é montado, o que garante rapidez, mas deixa-nos mais expostos a uma possível emboscada. A Linha de Vigilância foi uma operação de Pelotão, com a montagem e operação dos PO's, definição das posições das viaturas (espera, posição tiro principal e alternativa) bem como a transmissão de acontecimentos no Setor a Vigiar.

A condição de ter pessoal novo, aliada às saídas de elementos experientes, obrigaram-me a centrar o Exercício no básico de forma a evoluir para o complexo. Garantir que todos tenham a perceção do que faz o Pelotão e de cada um interiorizar quais as suas tarefas individuais é o ponto de partida para todos os militares integrarem as fileiras de uma Unidade de Reconhecimento.

No final do exercício recordei as palavras, ainda fresca,s que o meu diretor de curso nos dirigiu quando se despediu de nós, "Nunca irão esquecer a primeira vez que saírem com o vosso PelCC, PelRec ou força da PE", e é isso que sinto. Recordo, na escola de guarnição, as caras nervosas de muitos que saíram pela primeira vez com o Pelotão neste exercício a contrastar com as caras batidas de tantos outros, e recordo a adrenalina que senti quando gritei, ainda não-crente no potencial que tenho a possibilidade de comandar, "A Cavaloooo" e 29 soldados e 5 sargentos correram para montar nas 8 viaturas do Pelotão. Ver as caras timbradas de verde e castanho, ouvir o ressoar dos motores, colocar o *CREW VEHICLE COMMUNICATION* (CVC) e arrancar do Quartel são coisas que ficaram na minha memória.

Tenho agora presentes as dificuldades do nosso Exército a nível de falta de pessoal. No entanto, a vontade de cumprir mantém-nos firmes e com capacidade de gritar PRONTO quando chamados a servir em prol de Portugal, mas a custo do suor e sacrifício dos homens que todos os dias de manhã se olham ao espelho e colocam a sua real pele, o seu uniforme. Porque é dessa fibra que são feitos os homens e mulheres das nossas fileiras, de sacrifícios, de noites mal dormidas, de dias duros, mas com o sentimento de missão cumprida que lhes aquece a alma nas horas mais difíceis.

Vivo por outro lado a necessidade de aplicar a filosofia do "*Aufragstaktik*"[21], de providenciar confiança

[19]"O Reconhecimento no futuro vai certamente exigir combate. No fim de tudo, alguém tem de ir à frente para o desconhecido e fazer o contato com o inimigo. Se esse elemento tiver o poder de combate para sobreviver ao contato e a flexibilidade para reagir, os comandantes táticos podem manter a vantagem e compreender o inimigo com base nas suas ações e reagir mais rápido que a Ameaça. Isto vai ser a chave da vitória no campo de batalha do futuro" (Taylor, 2005, p. 65)

[20]After Action Review – Revisão Pós-Ação

[21]"A aderência a este princípio garante que soldados individuais e líderes a todos os níveis são treinados e educados no espírito e no nível de entendimento que permita confiança mútua nas

nos subordinados para cumprirem a missão, mediante a iniciativa deles e tendo como "balizas" a missão e a intenção do Comandante. Quando o Pelotão irradia, os olhos que trabalham não são os meus, mas os dos meus Soldados, a missão cumpre-se não à minha voz, mas baseada na garantia que tarefa dada é para ser cumprida. Esta necessidade de confiar nos subordinados exige um espírito diferente a um Soldado do reconhecimento. Ele não cumpre porque é "obrigado", ele cumpre porque sente a necessidade de cumprir inerente à sua condição.

Tendo tudo isto em mente, abraço a minha presente missão com a certeza que "A Vitória não escapa a quem a procura" e que todos os dias acordo com a vontade de "Merecer o nome de Soldado".

BIBLIOGRAFIA

Sonnenberger, M. (2013). Initiative within the Philosophy of Aufragstaktik: Determining Factors of the Understanding of Initiative in the German Army, 1806-1955. Munique: US Army Command and General Staff College Press.

Taylor, C. (2005). The transformation of the reconnaissance: Who will fight for information on the future battlefield? Fort Leavenworth: Command and General Staff College Press.

habilidades de todos os militares. Também permite que esses soldados procurem, identifiquem e explorem oportunidades para ganhar e manter a iniciativa." (*Sonnenberger*, 2013, p. 69)

Guerra Híbrida – O Desafio do Treino Operacional face às Novas Tendências do Combate

"We will ensure that NATO is able to effectively address the specific challenges posed by hybrid warfare threats, where a wide range of overt and covert military, paramilitary, and civilian measures are employed in a highly integrated design."

in NATO *Wales Summit Declaration* (2014)

INTRODUÇÃO

Responder com eficácia aos reptos que o ambiente operacional, em especial as novas caraterísticas da conflitualidade, constitui desafio permanente para todos os que encontram investidos da responsabilidade de comando aos vários escalões. Exige-se que estejam preparados técnica e taticamente, que tenham uma atitude proactiva, iniciativa e uma preocupação constante para, em linha com as orientações superiores, conduzirem o treino operacional de forma a garantirem que as unidades por si comandadas preparadas para cumprir as missões que lhes estão, ou poderão estar atribuídas. Tal exige, também, a necessária humildade para revisitar processos, retirar ensinamentos e encontrar novas e melhores abordagens que visem a obtenção de um melhor produto operacional.

No presente artigo propomo-nos, com base na nossa experiência pessoal, e também numa breve apresentação de estudo de caso relacionado com o conflito na Ucrânia, percecionar o que fizemos bem, ou menos bem, e perspetivar aquilo que podemos e devemos melhorar. A reflexão que conduzimos sobre como ser mais eficazes no treino, o que teríamos de fazer diferente, com os mesmos meios, com as mesmas pessoas e com a mesma complexidade, conduziu-nos à necessidade de compreender a transformação do espetro das operações, nomeadamente quando a técnica e a tática a empregar aos mais baixos escalões.

Dividimos este artigo em cinco partes: Introdução, Treino Operacional; Guerra Híbrida, Conflito na Ucrânia e Conclusões. Para a sua elaboração "inspirámos" inicialmente a nossa consulta no artigo escrito por Hugo Fernandes intitulado "*As novas Guerras: O Desafio da Guerra Híbrida"* - (Fernandes, 2016), após o que, numa vertente mais prática, socorremo-nos do artigo da *The Potomac Foundation*, intitulado de "*Lessons Learned from the Russo – Ukrainian war, Personal Observations*, escrito por Philip A. Karber (A.Karber, 2015), e que nos permitiu identicar um conjunto de lições aprendidas.

No final pretendemos conhecer melhor esta forma de ameaça, compreender a evolução da tipologia da conflitualidade e apontar linhas para adaptarmos o nosso treino operacional.

TREINO OPERACIONAL

O treino que desenvolvemos assenta em cinco vetores principais que devem ser observados de forma sistémica e complementada. São eles, o Treino integrado das Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP), inspirados no combate convencional "*maneuverista",* seja ele em campo aberto ou em áreas urbanas e em que o meio de projeção e apoio consiste na Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (VBTP) M113; o treino físico de aplicação militar adaptado às exigências do combate urbano, dando cada vez mais ênfase à luta corpo a corpo, fundamentais para cumprir uma matriz de gradação da força, protegendo os nossos militares na relação com civis e possíveis ameaças não letais; o treino de tiro de precisão, dinâmico e reativo que é executado do individual para o coletivo e que tem como finalidade fundamental validar as TTP treinadas; a liderança, pela

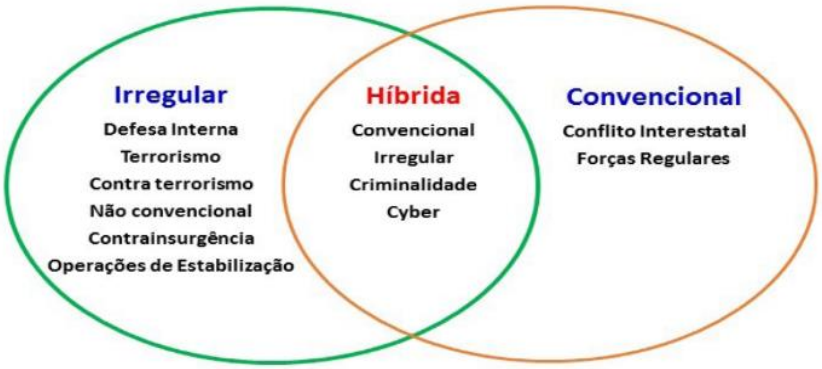
qual se fomenta a iniciativa e a descentralização das ações, com a partilha de informação, as comunicações e a visualização do espaço de batalha através de uma *Common Operational Picture* (COP) partilhada e à custa de sistemas de vigilância como radares, *Unmanned Aerial System* (UAS) e informação introduzida pelo sensor "combatente"; e, por último e não menos importante, – o Soldado – como Ser integrado numa cultura institucional e vetor de desenvolvimento do "*warrior ethos*" do batalhão e da companhia e que, aos diferentes patamares, funções e postos, dinamiza todos os vetores de forma única e motivada.

A GUERRA HÍBRIDA

CONCEITO

O termo guerra híbrida não é um tema novo, surge na segunda guerra do Líbano em 2006, em que se verificou uma assimetria indiscutível entre o Hezbollah e o Exército de Israel, um dos mais bem treinados do mundo e habituado a lidar com este tipo de ameaças e que, desde a sua formação como estado, tem combatido estados e fações que apresentam características de ameaça híbrida (Fernandes, 2016).

De acordo com Hugo Fernandes (Fernandes, 2016) – "*podemos definir o termo híbrido como uma combinação de meios convencionais e não convencionais (ou irregulares). A guerra híbrida é ainda comumente entendida como aquela que combina métodos convencionais e não convencionais, através quer do uso da componente regular quer da irregular*"



Modelo concetual de Guerra Híbrida Fonte: Adaptado de (*US Government Accountability Offic*e, 2010,p.16) e citado por Maj Fernandes (Fernandes, 2016, p. 21)

A AMEAÇA HÍBRIDA

Aliada à guerra Híbrida observa-se uma ameaça híbrida. Atentos à definição, procuraremos agora compreender qual a tipologia de ameaça que se insere nas características já supracitadas, para mais facilmente entendermos o que é e como devemos preparar a nossa força para combater esta ameaça.

De acordo com o Exército Norte-americano a "Ameaça Híbrida é a diversificação e a combinação de forças regulares, forças irregulares, elementos terroristas, organizações criminosas, que em separado ou de forma coordenada pretendem atingir um objetivo ou uma finalidade comum" (TC 7-100, 2010).

Hugo Fernandes cita no seu artigo alusivo ao tema, o *Capstone Concept* da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), referindo que as ameaças híbridas são caracterizadas por indivíduos ou grupos interligados que apresentam as seguintes características:

- Utilizam eficazmente as novas tecnologias de comunicação para fins de intercâmbio de informação e colaboração;
- Reconhecem o valor da importância estratégica do ciclo de informação dos media internacionais e exploram-no para atingir os seus fins particulares;
- Empregam meios e táticas diversas, utilizando meios não-letais e uma fusão de meios letais e modos criminais de operação, apoiados por operações de informação e organizações empresariais legítimas;
- Exploram de forma hábil as diferentes interpretações e restrições nacionais do direito internacional e das leis da guerra, procurando colocar em desvantagem os adversários, quer estrategicamente, quer taticamente.

Uma ameaça híbrida conjuga, assim, ações regulares e irregulares, que dissimuladas com a população combatem as forças regulares opositoras. A forma como combatem pode ser casa a casa ou à distância "*hit and run*", empregando meios letais como armas de tiro tenso, armas anticarro, armas de defesa antiaérea e meios ligeiros e pesados de tiro indireto. Empregam também armas *sniper*, UAS com engenhos

explosivos, colocam *Improvised Explosive Devices* (IED) nos principais itinerários, projetam veículos bomba *Vehicle Born* IED (VBIED) contra locais de culto, mercados e órgãos de administração local e/ou Organizações Não Governamentais (ONG). Tiram também partido do terreno para exponenciar as suas emboscadas e ataques através da colocação de barricadas com o emprego planeado das populações mais frágeis (mulheres e crianças). Utilizam métodos de comando e controlo descentralizado, em que as suas comunicações são geralmente rudimentares e socorrem-se da população para se dissimular e obrigar as forças regulares oponentes a cumprirem as leis internacionais e apropriarem o uso da força. Impedem, assim, que o emprego dos sistemas de armas tecnologicamente mais evoluídos e letais das forças regulares tenha o seu efeito aproveitando o "*gap*" entre os meios letais e não letais para derrotar as forças regulares.

As organizações criminosas também fazem parte desta ameaça híbrida impedindo que a população local faça uma vida normal e segura, quebrando a sua rotina e a sua liberdade de movimentos, através de assassinatos, ações de sequestro, roubos e assaltos, fomentando a destabilização e a desacreditação das forças de segurança e forças armadas regulares. Associados a estes atos criminosos estão também a recolha de recursos financeiros e materiais, frutos da atividade criminosa como assaltos, pilhagens, tráfico de armas e estupefacientes, que servem posteriormente para financiar outras ligações, tais como mercenários e indivíduos simpatizantes do movimento da causa.

Os elementos terroristas criam também na população e nas forças regulares a incerteza e o medo, efetuando ataques suicidas coordenados a pessoas e bens que geralmente estão associados ao suporte e apoio do quotidiano normal das populações. Utilizam fundamentalmente a *internet* para espalhar o clima de medo e pânico, fazendo passar a mensagem que as instituições que deveriam estar preparadas para apoiarem a população são ineficazes.

As forças regulares estão geralmente na retaguarda destas fações ou grupos, fornecendo apoio financeiro, sistemas de comunicações e de informação que potenciam os ataques, e empregam os seus sistemas de armas convencionais e de apoio de combate para lhes garantir uma nítida vantagem no sistema híbrido de ameaça. É frequente empregarem elementos de operações especiais, meios de apoio de combate, como radares, UAS, sistemas de armas de artilharia, morteiros e um sistema integrado de comunicações que permite uma visualização do espaço de batalha e um planeamento detalhado através de meios convencionais. Estas forças regulares podem também treinar e armar elementos irregulares.

CONFLITO NA UCRÂNIA - RÚSSIA (LIÇÕES APRENDIDAS)

Nesta secção procuramos analisar algumas lições aprendidas no conflito da Ucrânia, as quais pretendemos adaptar ao treino técnico e tático da Companhia de Atiradores por forma a prepararmo-nos, dentro das nossas possibilidades e limitações, para esta tipologia de ameaça.

> "*It is believed that smart people learn from the mistakes of others in order to not repeat them*"
>
> Artis Pabriks

EMPREGO DE SISTEMAS AÉREOS NÃO TRIPULADOS

As forças irregulares na Ucrânia utilizaram diferentes tipologias de sistemas aéreos não tripulados, tanto de asa fixa como de rotor. Esta capacidade forneceu-lhes uma imagem e uma localização precisa das forças regulares ucranianas (bases militares, bases de fogos, colunas de viaturas, Zonas de Reunião, depósitos de armamento, posições defensivas, postos de controlo, postos de comando, etc.) garantindo coordenadas de precisão, que permitiram o emprego dos meios de apoio de fogos localizados em território russo. Após a supressão dos objetivos foi relatada a observação de UAS *Quad Copter*, que previsivelmente fariam o *Battle Damage Assessment* (BDA) dos ataques.

As forças regulares ucranianas utilizaram UAS rudimentares e construídos artesanalmente, com a finalidade de realizar também operações de reconhecimento e vigilância. Alguns foram destruídos por sistemas de armas antiaéreas de calibre 14,5mm e canhões antiaéreos 23/30 mm. O sistema mais eficaz contra UAS foram os *jammers* direcionais que inibiram as comunicações telemétricas e a receção de sinal GPS, fazendo com que as aeronaves caíssem (A.Karber, 2015).

LEARN AND ADAPT

É fundamental ter em mente que a evolução tecnológica permite a proliferação em volume e tipologia, de meios de vigilância, com uma disseminação generalizada a todos os níveis, o que coloca desafios

suplementares à aplicação do princípio da surpresa e também à proteção da força. Por isto, é fundamental aperfeiçoarmos a camuflagem e a proteção utilizando cobertos e abrigos, como edifícios, quando estáticos e por um longo período de tempo, embora não seja aconselhável permanecermos estáticos e a descoberto por períodos superiores a 15 minutos. Para contrariar os meios de *Intelligence, Surveillance and Recconaissance* (ISR) do nosso oponente é fundamental adquirirmos *jammers* direcionais, ou outros sistemas não tripulados de inibição de frequências. O facto de ser difícil para a ameaça vigiar alvos em movimento, pressupõe que as nossas forças (NF), quando em combate, estejam em movimento permanente. Ao nível da companhia devemos ter equipas que nos garantam a proteção aérea, uma vez que, nos dias de hoje, este tipo de ameaça pode não ser antecedia pelo ruído de uma aeronave, obrigando cada vez mais a que os radares se movimentem com as forças.

AUMENTO DA LETALIDADE DOS FOGOS INDIRETOS

No conflito da Ucrânia 85% das baixas deveram-se essencialmente ao emprego da artilharia. Os rebeldes pró-russos a partir da fronteira empregaram sistemas Lança Rockets Múltiplos da tipologia BM-21 GRAD, BM-21 *Improved* GRAD, TOS-1, BM 27 e BM 30, com granadas DPICM - *scatterable mines*, *antitank munitions*, *submunitions, top attack self-guided munitions e thermobaric warheads*. A título de exemplo, aquando da ofensiva Ucraniana em *Zelenopillya,* dois batalhões mecanizados ucranianos foram destruídos em três minutos pelos fogos em massa da artilharia russa (A.Karber, 2015).

Deste conflito surge uma inovação na otimização dos obuses russos autopropulsados 2S1 *Gvozdika* 122mm. Para além de ser uma arma de tiro indireto, estes sistemas apoiavam as forças irregulares no combate, efetuando fogos diretos, tanto na abertura de brechas, como na destruição de ninhos de metralhadoras. Os ucranianos utilizaram também este sistema para destruir carros de combate (CC). Pese embora a granada não seja originalmente concebida para destruir um CC, o seu efeito neutralizava as componentes mais frágeis. As forças russas descentralizaram os seus meios de artilharia até ao escalão batalhão, acelerando o processo de aquisição de objetivos.

A conjugação de meios de contrabateria e a sua convergência com a aquisição de objetivos por parte de sistemas não tripulados deu uma nítida vantagem às forças russas (A.Karber, 2015).

LEARN AND ADAPT

Face aos efeitos massivos da artilharia, devemos aumentar a nossa proteção, fazendo-nos acompanhar permanentemente de meios de engenharia. Esta capacidade acelera a construção de abrigos e a fortificação de posições temporárias. Devemos utilizar estruturas subterrâneas para nos cobrirmos e construir trincheiras de ligação entre edifícios ou posições de combate. Devemos integrar observadores avançados (OAv) com maior capacidade de sobrevivência ou equipas de operações especiais que se infiltrem e regulem fogos de contrabateria atrás das linhas do inimigo. O emprego de radares sofisticados é essencial, bem como a utilização de UAS, para identificar bases de fogos inimigas. Os movimentos de tropas e de viaturas, a descoberto, devem seguir o princípio da dispersão, superior aos vulgares e estipulados 50 metros.

ARMAS ACAR VS BLINDAGEM

Uma das analogias mais interessantes de abordar nesta breve revisão de conteúdos é que na Guerra Híbrida que opõe a Ucrânia à Rússia, a grande maioria dos CC são de tipologias idênticas (T64, T72 e T80), e estão equipados com blindagem reativa. Neste conflito confirmou-se a ineficácia dos sistemas RPG-7 e RPG-26, ambos recorrentemente utilizados pelas unidades de infantaria ligeira para se protegerem ou surpreenderem CC, devido à blindagem reativa. Esta ineficácia de meios veio reiterar a importância de sistemas ACar TOW2 e *Javelin* (*Dual tandem warhead*), que utilizam uma espoleta inicial, que penetra na blindagem reativa, e uma segunda, explosiva, que provoca danos no interior do veículo.

A Ucrânia contrariou a capacidade ofensiva dos CC da Rússia com posições bem fortificadas e bem defendidas, lançando campos de minas, construindo trincheiras de ligação e o emprego coordenado da artilharia nas proximidades das suas posições. No entanto, assim que a Rússia introduziu o CC T-72B3s, com melhor blindagem, uma nova versão da peça 125mm e um novo sistema de controlo de tiro computorizado, os rebeldes ganharam vantagem. A Rússia introduziu também o T-90 com um composto de blindagem reativa e não reativa, um novo sistema de controlo de tiro computorizado e a capacidade de acionar um escudo antimíssil (A.Karber, 2015).

LEARN AND ADAPT

Desta análise, podemos elevar a importância de adquirirmos sistemas míssil ACar que atuem a várias distâncias e que sejam também suficientemente portáteis para que a infantaria ligeira possa surpreender e penetrar a blindagem reativa dos CC equipados com esta capacidade. O treino da tática de defesa móvel torna-se fundamental para eliminar o poder de choque e capacidade de penetração destes CC mais desenvolvidos, em que a conjugação de obstáculos, a proteção dos nossos sistemas de armas com posições fortificadas, o emprego da nossa artilharia e a aquisição feita por UAS, criará condições para executar uma defesa móvel com os nossos CC e plataformas ACar, dando ênfase ao *Stand-off*[22]. Torna-se também fundamental empregar as nossas forças em armas combinadas para mitigar as vulnerabilidades e potenciar as capacidades de uma VBTP e de um CC.

O DECLÍNIO DA SOBREVIVÊNCIA DA VIATURA DE COMBATE DE INFANTARIA (VCI)

Após a II GM os exércitos fizeram um enorme investimento em viaturas ligeiras de combate de infantaria, dando capacidade à Infantaria de se movimentar no campo de batalha com maior facilidade e tendo permanentemente consigo sistemas de armas que projetem um poder de fogo que, de outra forma, não seria possível pela fragilidade e incapacidade do soldado apeado. A grande vulnerabilidade destes sistemas de armas é a sua proteção, que deteriora, em muito, a capacidade de sobrevivência da Infantaria relativamente, por exemplo, às guarnições dos CC. Com o conflito na Ucrânia a tese da vulnerabilidade das tropas de infantaria veio à tona, quer pelas tremendas baixas devidos aos fogos de artilharia já referidos, quer por mísseis ACar portáteis ou canhões de 30mm de outras viaturas ligeiras. Ambos os contendores utilizaram BTR e BMP e, mesmo que algumas estivessem equipadas com canhões de 30 mm, a blindagem e a sua proteção revelou-se muito vulnerável face às armas ACar portáteis. Do conflito surgiram algumas realidades:

- Ambas as tropas de infantaria preferiam movimentar-se no exterior das viaturas, ao invés de irem no seu interior, por temerem que as granadas de artilharia (*sub-munitions* e *thermobaric warheads*) atingissem o veículo e queimassem quem estava no interior;
- Os assaltos tenderam a ser conduzidos com as tropas de infantaria apeadas ao invés das tropas montadas;
- As viaturas não acompanharam o assalto, constituindo-se essencialmente como um sistema de armas de apoio em posições de apoio pelo fogo.

Fruto destas vulnerabilidades surgiram algumas alterações já utilizadas noutros exércitos, tais como a colocação de grades – "*gates*" ou "*grates*" para conferirem proteção contra os RPG-7 e RPG-26. No entanto, as VCI continuam vulneráveis aos misseis ACar filo guiados, canhões de 30mm e ao impacto superior dos fogos de artilharia.

Outra realidade vivida pelas tropas de infantaria neste conflito, foi a necessidade das secções se dividirem em esquadras e utilizarem duas VCI por secção, para aumentar a dispersão. Há relatos também de VCI, em que foram aumentadas placas de blindagem reativa para reforçar a proteção (A.Karber, 2015).

LEARN AND ADAPT

A maioria das ilações retiradas conduz-nos a uma necessidade de criar uma valência pesada nas viaturas de infantaria, devendo dar-se primazia à proteção com blindagens semelhantes às dos CC. De preferência, com sistemas de armas que consigam eliminar CC, conjugando um canhão e sistemas míssil ACar, e dotando as VCI com um escudo antimíssil ACar. Sabemos que isso exigiria um profundo investimento que não se prevê a breve trecho, pelo que para contrariar esta vulnerabilidade, devemos adaptar o nosso treino e fazer com que a nossa unidade básica de manobra seja a esquadra de atiradores a 5 elementos ao invés da SecAt, alocando para cada esquadra uma viatura, e habituando os nossos militares a maiores dispersões, distâncias entre viaturas e maior autonomia e responsabilidade na execução das tarefas. Isto exige melhores sistemas de comunicação, para facilitar a iniciativa e a descentralização das suas ações. Outra medida possível é adaptarmos a nossa tática vendo a VBTP essencialmente como um sistema de projeção e apoio (metralhadora pesada), abolindo por completo as

[22]Capacidade de utilizar um maior alcance dos sistemas misseis ACar, contra alcances inferiores das peças dos carros de combate, antecipando a destruição do CC, sem que este tenha alcance para destruir os nossos sistemas de armas.

aproximações montadas aos objetivos. Evidentemente que se os fogos de artilharia e se a ameaça ACar forem inexistentes, os assaltos montados poderão ser uma possibilidade, mas não deverão ser a regra. Outra possibilidade, é dotar as secções de atiradores com canhões sem recuo, eliminando o "*gap*" existente entre o LAW (completamente ineficiente contra CC de blindagem reativa) e o sistema lança míssil TOW. Isto seria possível através da colocação de canhões nas SecAt, na impossibilidade de as equipar com sistemas da tipologia JAVELIN. O canhão não é solução, mas para viaturas de blindagem ligeira ou para danificar um componente mais frágil do CC, pode fazer a diferença.

CONCLUSÕES

A grande maioria das ilações que retiramos não nos remetem apenas para o treino, mas sim, também, para uma profunda reflexão, pela necessidade de fazermos transformações de fundo na nossa coerência de recursos, meios e pessoal. Estas preocupações são do conhecimento de quem treina diariamente, e confiamos profundamente na nossa cadeia de comando para, a breve trecho, criar um sistema verdadeiramente eficaz por forma a cumprirmos o nosso desígnio. Não estando completamente fora de hipótese que uma guerra desta natureza possa acontecer já "amanhã", há que, ao nosso nível adaptar pensamentos e prepararmo-nos convenientemente para uma ameaça híbrida.

Desta análise retiramos a necessidade de aos mais baixos escalões, integrarmos todas as funções de combate, combatendo de forma mais descentralizada e fomentando a iniciativa. Torna-se fundamental continuar a apostar no conceito de armas combinadas, em que os mais baixos escalões devem estar preparados para serem apoiados por equipas de recolha e tratamento de informação, equipas *sniper*, equipas *Explosive Ordenance Disposal* (EOD), equipas *Human Intelligence* (HUMINT), equipas cinotécnicas K9, Engenharia de combate, defesa aérea, apoio aéreo próximo com os *Forward Air Controllers* (FAC) e *Joint Terminal Attack Controller* (JTAC), UAS, OAv, e ter uma constituição modular facilmente adaptável a qualquer missão, que pode ou não utilizar o emprego das nossas convencionais VBTP. Desta análise concluímos também a necessidade de empregar sistemas de contrabateria aos mais baixos escalões, também estes de forma descentralizada, para aumentar a sua velocidade de emprego e por conseguinte incrementar a proteção que os nossos equipamentos (nível companhia) e viaturas não nos conferem contra os fogos em massa de uma possível artilharia do Inimigo.

Quanto ao soldado, a nossa forma de combater parece-nos perfeitamente adaptável a qualquer realidade do espectro das operações, tornando-se essencial dar primazia aos 5 vetores de treino e de combate já referidos, em que o ambiente deve ser cada vez mais urbano, a capacidade de fazer tiro discricionário é uma necessidade, e fomentar uma mentalidade em que a presença de civis nestes teatros é uma constante.

Uma ameaça híbrida não se combate apenas com Infantaria, tornando-se cada vez mais evidente a abrangência e a necessidade de sinergias e convergências ao nível estratégico, operacional e tático.

BIBLIOGRAFIA

- *A.Karber, D. P. (8 de Julho de 2015). Lesson Learned from the Russo-Ukrainian War. The Potomac Foundation, p. 50.*
- Fernandes, H. M. (novembro de 2016). As novas guerras: O dasafio da guerra hibrida. Revista de Ciências Militares, pp. 13-40.
- *Leonhard, R. (1994). The Art Of Maneuver: Maneuver - Warfare Theory and Air Land Battle. Pan American.*
- *Lind, W. S. (1985). Maneuver Warfare Handbook. Westview Special Studies in Military*.
- *NATO. (2010). Bi-SC Input to a new NATO Capstone Concept for the Military Contribution to Countering Hybrid Threats. Belgium: NATO*.

.

Engifrio
Sociedade de Refrigeração

Exercício Oríon 16

Participação da Brigada Mecanizada

Maj Art João Capitulino
EM/QG BrigMec

O grande exercício do Exército Português de 2016, "ORION 16", realizou-se na área de treino militar TANCOS – SANTA MARGARIDA, no período de 17 junho a 02 de julho de 2016 e foi o corolário do processo de treino operacional e aprontamento das subunidades operacionais do Exército. O esforço centrou-se na avaliação do Comando e Estado-Maior da Brigada de Intervenção (BrigInt), Comando e Estado-Maior certificado para o período de um ano, e das forças atribuídas a Organizações Internacionais, designadamente o Agrupamento Mecanizado para a *European Union Land Rapid Response Force* (AgrMec EULRR 2-2016) ou que passaram a estar em prontidão por um período de um ano, como foi o caso das forças da Força de Reação Imediata (FRI).

O exercício, além de se constituir na principal ferramenta para o Treino Operacional das várias unidades do Exército, permitiu às unidades da Brigada Mecanizada, ser um instrumento privilegiado para testar e alcançar a interoperabilidade entre unidades pesadas e médias, tornando-se assim uma capacidade geradora de sinergias e um pilar basilar para as várias forças operarem em conjunto, partilhando doutrina, procedimentos e sendo capazes de comunicar entre si.

O cenário criado para o exercício, procurando confrontar as audiências de treino com uma situação no terreno desafiante e atual, assentou numa *Small Joint Operation*, enquadrada como uma *Crisis Response Operation* (CRO). Este cenário foi construido por forma a certificar os objetivos das audiências de treino, associados aos compromissos internacionais assumidos por Portugal, sob a égide da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e União Europeia (UE).

A Brigada Mecanizada (BrigMec), afirmando mais uma vez a sua "utilidade da força" no atual ambiente operacional, participou no exercício, com um Agrupamento Mecanizado, força avaliada tendo em vista a sua certificação para atribuição à *European Union Land Rapid Response* 2-2016.

A BrigMec, contribuiu também no âmbito operacional, em apoio a todas as unidades participantes no exercício, com o Batalhão de Apoio de Serviços (BApSvc), reforçado com forças, meios e equipamentos das Forças de Apoio Geral (FApGer), no reabastecimento das classes III, V, IX, na Manutenção, nos Movimentos e Transporte e nos Serviços de Campanha. O BApSvc, afirmando-se realmente como elemento singular do Exército na "escola" da logística de campanha, foi simultaneamente audiência de treino e, a par do Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), um dos grandes responsáveis pelo apoio real ao exercício.

A BrigMec participou ainda no exercício com a 2.ª Bateria de Bocas de Fogo (2BtrBF) do Grupo de Artilharia de Campanha 15.5 Autopropulsionado (GAC 15.5 AP) e do 1.º Pelotão de Engenharia da Companhia de Engenharia de Combate Pesado (CEngCombPes), integrando unidades da BrigInt. Esta participação possibilitou uma excelente oportunidade de treino como culminar do ciclo de Treino Operacional do 1.º Semestre, mas também demonstrar mais uma vez a importância das Forças Pesadas num sistema de forças atual e coerente.

Paralelamente, o exercício permitiu também, com a inclusão de uma Companhia de Atiradores do Batalhão de Infantaria Mecanizado Rodas [BIMec (R)] no AgrMec/EULRR 2-2016 testar o emprego de uma Unidade Escalão Batalhão (Agrupamento LEODUR) que congregou dois tipos de sistemas de armas, o Carro de Combate (CC) *Leopard* 2A6 e a Viatura Blindada de Rodas (VBR) *Pandur* II, assente numa plataforma comum e moderna de Comunicações e Sistemas de Informação (CSI).

No âmbito do provimento do apoio logístico real (*Real Life Support*, RLS), a BrigMec enquanto unidade apoiante, proporcionou aos militares das forças participantes, nacionais e internacionais, bem como aos elementos civis, as melhores condições em termos de sustentação logística, possibilitando a obtenção dos objetivos estabelecidos para o exercício. Para este fim, muito contribuiu como já referido, o BApSvc, mas também o CMSM e a sinergia obtida pela concentração das restantes unidades da Brigada no campo.

A fase de *Live Exercise* (LIVEX) subdividiu-se em dois períodos do cenário distintos, satisfazendo as diversas necessidades de treino das audiências de treino presentes. Inicialmente foi treinada pelas forças do Exército a integrar a FRI, uma Operação de Evacuação de não combatentes (NEO). Seguiu-se uma Operação de Estabilização para as restantes audiências de treino. Esta Operação simulou uma evolução do espectro da violência por parte das forças, coerente com o degradar da situação.

Como culminar do exercício, incrementando o grau de dificuldade, foi executado um *Joint Combined Arms Life Fire Exercise* (JCALFX), no Campo de Tiro A7 (D. PEDRO), tirando mais uma vez proveito das condições singulares de Santa Margarida como verdadeiro campo de treino e um ativo estratégico do Exército.

As forças da BrigMec participaram na Operação de Estabilização e foram um dos elementos centrais do JCALFX.

Para além das já enunciadas forças da BrigMec, o exercício "ORION 16" contou com a participação de várias unidades da Componente Operacional do Sistema de Forças, da Força Aérea Portuguesa, da Cruz Vermelha Portuguesa, da *Brigada de Infanteria Mecanizada Extremadura* XI, de Espanha e da *Special Prupose Marine Air Ground Task Force*, dos Estados Unidos da América, tendo-se tornado uma excelente oportunidade de treino operacional conjunto e combinado, com vista ao aperfeiçoamento da interoperabilidade dos meios na execução das diversas missões táticas.

caima
Indústria de Celulose, S.A.

Proteção Antiaérea das Unidades de Manobra Mecanizadas e Blindadas

Uma Base Doutrinária Sólida
Um Desafio para a organização da BtrAAA/BrigMec

Cap Art Hugo Serrudo
Cmdt BtrAAA/BrigMec

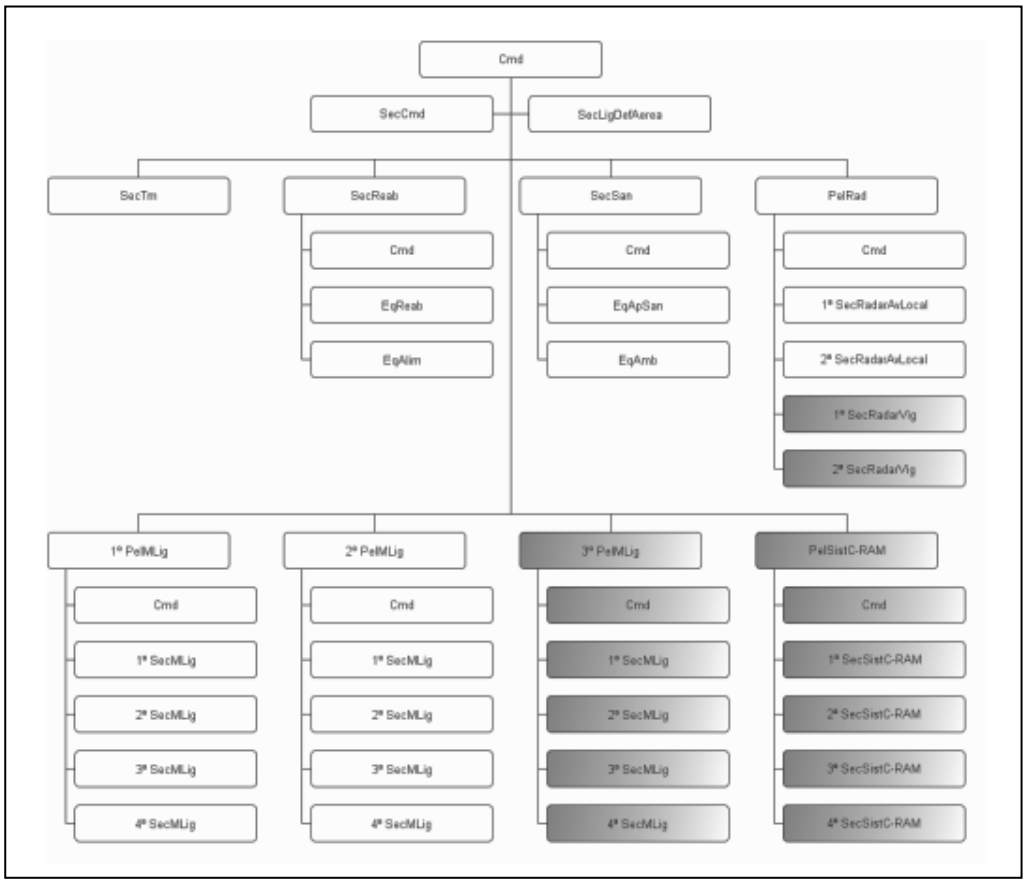
A evolução tecnológica dos sistemas de armas tem conhecido, nos últimos anos, uma grande aceleração, procurando colocar ao dispor das Forças Armadas dos diversos Estados as melhores soluções para poderem atuar com sucesso num ambiente operacional de grande complexidade e em permanente, e vertiginosa, evolução. Contudo, quer por condicionamentos de natureza financeira, quer também por complexidades de execução de programas de reequipamento em tempo útil, os Estados vêm-se confrontados com uma grande dificuldade em conseguir dispor dos sistemas de armas mais modernos, na qualidade e quantidade exigíveis. Podemos mesmo afirmar que tal só poderá ser alcançado em países que, pela sua dimensão, aqui incluindo, naturalmente, o volume e tipo dos seus recursos, organização, qualidade do seu tecido industrial e do edifício de investigação e desenvolvimento de que dispõem, são capazes de desenvolver as estratégias genética, estrutural e operacional de modo integrado e consequente, e por isso estar mais perto do estado da arte.

Para os Estados de menor dimensão, a situação torna-se particularmente gravosa porquanto tem consequências na manutenção das diferentes capacidades[23], obrigando recorrentemente a prolongar a vida útil dos seus vários vetores de desenvolvimento para além do exigível à condução das operações.

A Bateria de Artilharia Antiaérea da Brigada Mecanizada (BtrAAA/BrigMec) tem como missão tática conferir proteção antiaérea aos pontos/áreas sensíveis e unidades de manobra, de apoio de combate e de apoio de serviços da Brigada Mecanizada, contra aeronaves hostis voando a baixa e muito baixa altitude. É constituída organicamente (QO 09.04.07 de 14MAR16) por dois Pelotões Sistema Míssil Ligeiro (SML) mais um 3º pelotão a levantar, um Pelotão Radar, do qual 2 Secções Radar de Aviso Local orgânicas e 2 Secções Radar de Vigilância e um outro Pelotão Sistema *Counter Rocket, Artillery and Mortar* (C-RAM), a garantir pelo Grupo de Artilharia Antiaérea (GAAA).

[23] Capacidade Militar – definição do conjunto de elementos que se articulam de forma harmoniosa e complementar e que contribuem para a realização de um conjunto de tarefas operacionais ou efeito que é necessário atingir, englobando componentes de doutrina, organização, treino, material, liderança, pessoal, infraestruturas e interoperabilidade, entre outras (DMOCPDM - Diretiva Ministerial Orientadora do Ciclo de Planeamento de Defesa Militar, pág. 4).

A DOUTRINA



Organigrama BtrAAA/BrigMec (QO 09.04.07 de 14MAR16)

A evolução do ambiente operacional e a observação dos conflitos mais recentes confirmam a validade dos princípios técnicos e táticos da Artilharia Antiaérea, sendo que é exequível e até recomendável a adoção de uma combinação de armas e/ou uma defesa combinada[24]:

Princípios Táticos	Princípios Técnicos
Massa	Defesa equilibrada
Combinação de armas	Defesa balanceada
Mobilidade	Defesa em profundidade
Integração	Apoio mútuo
	Destruição à distância
	Defesa combinada

Princípios táticos e técnicos de emprego da AA (PDE 3-37-00 Tática de Artilharia Antiaérea)

Tendo por base os princípios da Tática de Artilharia Antiaérea procuraremos demonstrar o potencial em apoiar a Força Mecanizada (FMec) com uma BtrAAA mista, explorando a complementaridade entre o Sistema Míssil Lígeiro (SML) e o Sistema Míssil Portátil [25] (SMP). Sendo o SML adequado à proteção de elementos críticos (Postos de Comando (PC) e/ou Áreas de Apoios de Serviços (AApSvc)) um SMP complementa a proteção Antiaérea (AA) conferida pelos SML tendo como vantagens a sua mobilidade e prontidão para fazer fogo pelo que e é um sistema adequado à proteção dos elementos de manobra. Ou seja, com os 2 Pelotões atualmente contemplados no QO desta BtrAAA, mas com sistemas de armas de AA diferentes (Pelotão SML e Pelotão SMP) permite proteger um PC/AApSvc com o Pelotão SML e 2 Unidades de manobra com o Pelotão SMP[26] (Lição n.º 21 - Princípios de Emprego da Artilharia Antiaérea (AAA)).

[24] **Combinação de armas** – "Ao empregar uma variedade de sistemas de armas, a AA aumenta substancialmente a dificuldade do cumprimento da missão por parte do atacante que, ao conceber e executar o seu ataque, tem que fazer face a diversas características e possibilidades de empenhamento." (PDE 3-37-00 Tática de Artilharia Antiaérea);
Defesa combinada – Defesa onde o objetivo é defendido por dois ou mais tipos de armas AA. Em obediência ao princípio tático da Combinação de Armas, este tipo de defesa deve ser estabelecido sempre que possível. A combinação é estabelecida pelo posicionamento dos diversos sistemas, de modo que as características técnicas dos diferentes tipos de armas se completem mutuamente. (PDE 3-37-00 Tática de Artilharia Antiaérea).

[25] Ou *man-portable air-defense system* (MANPADS).
[26] O menor escalão a que pode ser atribuída uma Missão Tática é um Pelotão SML ou uma Secção SMP.

Tendo como referência o QO de 2009, o pelotão SMP previa na sua orgânica um oficial subalterno, onze Sargentos e vinte praças (1/11/20) devendo cada arma operar de forma independente. Deste modo atendendo ao princípio da Mobilidade e da Integração era exigível que dispusesse da mesma mobilidade das unidades a apoiar. Ou seja, seria necessário uma viatura PC Pelotão, duas Viaturas PC de Secção e oito viaturas para as Esquadras *Stinger* num total de onze viaturas da família M113.

Quanto ao SMP tem diferenças em relação ao SML. De realçar o seu alcance padrão de apenas 4km e a versão

Sistema Míssil Portátil Stinger

atualmente em uso em Portugal não tem capacidade para se empenhar no arco noturno (no entanto a sua versão FIM-92J pode atingir alvos a 8km e tem capacidade para visão noturna). Como vantagens podemos mencionar o facto de ser um sistema portátil, logo pode adaptar-se a qualquer viatura que a BrigMec use, podendo assim seguir o ritmo normal da sua modernização.

OS SISTEMAS DE ARMAS

O sistema M48 Chaparral é o SML que equipa a BtrAAA/BrigMec, tendo sido adquirido com o intuito de apoiar unidades mecanizadas. Tem ainda as valências de atuar em ambientes Nuclear, Biológico e Químico, operações anfíbias e ser helitransportado (torre). É também um sistema capacitado a realizar tiro antiaéreo sobre quaisquer condições atmosféricas, inclusive a aquisição de objetivos, assim como o seguimento automático de alvos, uma vez que comtempla o subsistema FLIR (*Forward Looking Infra-Red*), habilitado com infravermelhos para visão noturna.

O M48 Chaparral está ao serviço no Exército Português desde 1990 e, apesar de ter já atingido o limite do seu tempo de vida útil, continua a ser, de acordo com as suas características, um sistema de proteção antiaérea que permite manter os saberes táticos e técnicos no que concerne ao apoio a uma unidade de manobra mecanizada.

OS SISTEMAS DE VIGILÂNCIA

Como a defesa antiaérea não se faz só do "músculo" (sistemas de armas) devemos também analisar os seus "olhos" (sistemas de vigilância).

Por obsolescência do radar AN/MPQ 49-B *Forward Area Alerting Radar* (FAAR), o sistema de aviso e alerta da BtrAAA/BrigMec é garantido pelo *Portable Search and Target Acquisition Radar* (P-STAR), orgânico do GAAA das FApGeral, que apoia o treino operacional sempre que

Sistema Míssil Ligeiro Chaparral M48 A3 E1

necessário, como é o caso do exercício Conjunto e Combinado REAL THAW 16. É um radar de aviso local, capaz de detetar aeronaves no raio de 20km, independentemente das condições atmosféricas que se façam sentir.

Para a implementação desta modalidade foi necessário formar os militares das guarnições das secções e do pelotão Radar, sendo que grande parte dessa formação foi orientada para as características do equipamento e a sua utilização. Isto porque a parte do seu emprego tático não difere do sistema FAAR. A utilização deste equipamento, pelas suas caraterísticas específicas, traduz uma mudança importante, pois a sua manobra e entrada em posição tornam-se mais simples e rápidas. O P-STAR é um sistema que pode ser transportado apeado ou por qualquer viatura com capacidade suficiente para transportar as suas peças, enquanto o FAAR apenas se desloca pelos próprios meios (viatura M35A2C). Como vantagens podemos mencionar o facto de ser um sistema portátil, logo pode adaptar-se a qualquer viatura que a BrigMec use, podendo assim seguir o ritmo normal da sua modernização. Podemos olhar para esta característica relativa à montagem por componentes do P-STAR como uma vantagem em relação ao FAAR. Acresce ainda a vantagem de ser mais fácil a execução dos diferentes diagnósticos, tornando a sua manutenção mais fácil e rápida do que a do FAAR. Deste modo, considera-se que o radar P-STAR ou um similar corresponde às necessidades do aviso, alerta e proteção antiaérea a garantir ao AgrMec, atentas a sua mobilidade, a dinâmica da manobra e os requisitos de proteção.

Radar P-STAR

O COMANDO E CONTROLO (C2)

Para concretizar a ligação de todos estes componentes deve ter-se em conta o Comando e Controlo (C2). A BtrAAA possui na sua orgânica uma Secção de Ligação a duas Equipas, capaz de colaborar, respetivamente, na Defesa Aérea e na Coordenação do Espaço Aéreo. Localizam-se no Posto de Comando (PC), fazendo parte da Proteção e trabalham em coordenação muito próxima com os Fogos (normalmente operam dentro da mesma célula para que a difusão de informação seja mais rápida e precisa - experiência comprovada no exercício "ORION16", estabelecendo assim, canais verticais e horizontais como por exemplo a partilha de informações meteorológicas que são importantes para ambas as partes), através dos quais a informação e os requisitos de Defesa Aérea e de Controlo do Espaço Aéreo são harmonizados e difundidos.

O Oficial de Ligação da AAA é o principal elo de ligação entre o Comando da Brigada e a unidade de proteção antiaérea que a integra/apoia. É também este que mantém um estreito contacto com a Força Aérea (FA), pelo que tem de estar permanentemente a par das possibilidades e das limitações dos meios de AAA, para

Radar AN/MPQ 49-B Forward Area Alerting Radar (FAAR)

que possam ser empregues de forma racional, eficaz e fazerem face a todas as ameaças aéreas.

Tendo parte ativa no planeamento e conduta no PC/BrigMec, o Oficial de Ligação da AAA é também responsável por recolher e analisar toda a informação disponível nas vertentes aérea e de AAA, integrando-a no resultado final do *Intelligence Preparation of Battlespace* (IPB - Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações). É de salientar que toda a informação aérea é trabalhada, para que posteriormente o Oficial de Ligação possa aconselhar da melhor maneira o Comando da Brigada no que diz respeito à sua proteção antiaérea e integração com os meios aéreos.

A capacidade de Comando e Controlo ("o cérebro"), no que à AAA diz respeito, torna-se ainda mais relevante quando a FMec, a unidade a apoiar, dispõe de apoio aéreo do Exército. Neste figurino, o papel do Oficial de Ligação da AAA é ainda mais premente, pelas necessárias coordenações de comando e controlo do espaço aéreo na zona de combate, integrando os meios aéreos do Exército e da Força Aérea, os fogos e a proteção antiaérea.

Para que o C2 seja efetivo e eficaz, torna-se fundamental um sistema que integre todos estes intervenientes, bem como todos os *inputs* de informação (RAP – *Recognised Air Picture* (Imagem Aérea Conhecida) e COP – *Common Operational Picture* (Imagem Operacional Comum)), proporcionando a partilha e difusão, pertinente e oportuna, nos sentidos vertical e horizontal, desde as fontes de informação (radares, informação, medidas de coordenação, etc) até aos terminais de armas (antiaérea, aeronaves, etc), obrigatoriamente interoperável entre todos eles. Neste sentido, está em execução o projeto de desenvolvimento e implementação do SICCA3 (Sistema Integrado de Comando e Controlo para a Artilharia Antiaérea), fundamental para operacionalizar o C2 da AAA, do qual a BtrAAA/BrigMec não pode ficar alheia.

A integração com o AgrMec é materializada pelo Comandando do Pelotão de AAA em apoio direto (A/D), atualmente o Pelotão Chaparral, junto do Comando do AgrMec, dispondo de toda esta partilha (radares, informação, medidas de coordenação, etc) em proveito do apoio ao planeamento e conduta das operações da força e respetiva proteção antiaérea.

CONCLUSÕES

Para concretizar a ligação de todos estes componentes deve ter-se em conta o Comando e Controlo (C2). A BtrAAA possui na sua orgânica uma Secção de Ligação a duas Equipas, capaz de colaborar, respetivamente, na Defesa Aérea e na Coordenação do Espaço Aéreo. Localizam-se no PC, fazendo parte da Proteção e trabalham em coordenação muito próxima com os Fogos (normalmente operam dentro da mesma célula para que a difusão de informação seja mais rápida e precisa - experiência comprovada no exercício "ORION16", estabelecendo assim, canais verticais e horizontais como por exemplo a partilha de informações meteorológicas que são importantes para ambas as partes), através dos quais a informação e os requisitos de Defesa Aérea e de Controlo do Espaço Aéreo são harmonizados e difundidos.

O Oficial de Ligação da AAA é o principal elo de ligação entre o Comando da Brigada e a unidade de proteção antiaérea que a integra/apoia. É também este que mantém um estreito contacto com a Força Aérea (FA), pelo que tem de estar permanentemente a par das possibilidades e das limitações dos meios de AAA, para que possam ser empregues de forma racional, eficaz e fazerem face a todas as ameaças aéreas.

Tendo parte ativa no planeamento e conduta no PC/BrigMec, o Oficial de Ligação da AAA é também responsável por recolher e analisar toda a informação disponível nas vertentes aérea e de AAA, integrando-a no resultado final do *Intelligence Preparation of Battlespace* (IPB - Estudo do Espaço de Batalha pelas Informações). É de salientar que toda a informação aérea é trabalhada, para que posteriormente o Oficial de Ligação possa aconselhar da melhor maneira o Comando da Brigada no que diz respeito à sua proteção antiaérea e integração com os meios aéreos.

A capacidade de Comando e Controlo ("o cérebro"), no que à AAA diz respeito, torna-se ainda mais relevante quando a FMec, a unidade a apoiar, dispõe de apoio aéreo do Exército. Neste figurino, o papel do Oficial de Ligação da AAA é ainda mais premente, pelas necessárias coordenações de comando e controlo do espaço aéreo na zona de combate, integrando os meios aéreos do Exército e da Força Aérea, os fogos e a proteção antiaérea.

Para que o C2 seja efetivo e eficaz, torna-se fundamental um sistema que integre todos estes intervenientes, bem como todos os *inputs* de informação (RAP – *Recognised Air Picture* (Imagem Aérea Conhecida) e COP – *Common Operational Picture* (Imagem Operacional Comum)), proporcionando a partilha e difusão, pertinente e oportuna, nos sentidos vertical e horizontal, desde as fontes de informação (radares, informação, medidas de coordenação, etc) até aos terminais de armas (antiaérea, aeronaves, etc), obrigatoriamente interoperável entre todos eles. Neste sentido, está em execução o projeto de desenvolvimento e implementação do Sistema Integrado de Comando e Controlo para a Artilharia Antiaérea (SICCA3), fundamental para operacionalizar o C2 da AAA, do qual a BtrAAA/BrigMec não pode ficar alheia.

A integração com o AgrMec é materializada pelo Comandando do Pelotão de AAA em apoio direto (A/D), atualmente o Pelotão Chaparral, junto do Comando do AgrMec, dispondo de toda esta partilha (radares, informação, medidas de coordenação, etc) em proveito do apoio ao planeamento e conduta das operações da força e respetiva proteção antiaérea

BIBLIOGRAFIA

- Us Army Air Defense Artillery employment, Chaparral/Vulcan, HEADQUARTERS DEPARTMENT OF THE ARMY, WASHINGTON, DC, 30 SEPTEMBER, 1981;
- RC 18-100 - Regulamento de Tática de AAA;
- MT 18-4 - Manual Técnico do operador do sistema míssil guiado de interceção aérea FIM – 92;
- FM 3-01.11 Air Defense Artillery Reference Handbook;
- PDE 3-37-00, (2016). Tática de Artilharia Antiaérea, Ministério da Defesa Nacional, Exército Português;
- RAAA1 (2016). A Artilharia Antiaérea em Portugal. Fronteira do Caos Editores, LDA. 1ª Edição. Porto;
- Lição nº21 - Princípios de Emprego da AAA, disciplina de Tática de Artilharia Antiaérea II, Academia Militar;
- QO 24.0.07 (BtrAAA/BrigMec/Santa Margarida) de 29JUN09;
- QO 09.04.07 (BtrAAA/BrigMec/Santa Margarida) de 14MAR16;
- QO 09.03.07 (GAAA/RAAA1/Queluz) de 14MAR16.

até ao Fim do Mundo
www.ateaofimdomundo.com

Participação de Forças Espanholas da Brigada Mecanizada XI – Estremadura no Exercício *Orion*16

Entre 17 de junho e 02 de julho de 2017, o Exército Português realizou, na área de treino militar TANCOS – SANTA MARGARIDA, o Exercício "ORION16" com a finalidade de concretizar os respetivos processos de treino e aprontamento, constituindo-se igualmente no culminar do ciclo anual do treino operacional dos Elementos da Componente Operacional do Sistema de Forças (ECOSF).

O Exercício ORION, embora centrado no treino das forças terrestres, promove e explora todas as oportunidades para a obtenção de um enquadramento tão próximo quanto possível da realidade, através das sinergias resultantes da participação de forças de outros ramos, forças de países aliados, bem como de entidades e organizações civis. Neste sentido, contou com a participação de um subagrupamento (SubAgr), proveniente do Exército espanhol, pertencente à *Brigada de Infantaria Mecanizada "Extremadura" XI,* sediada em Badajoz.

O SubAgr, comandado pelo Capitão De Toro, contou com o efetivo de 105 militares e empregou viaturas de Combate de Infantaria *Pizarro* e Carros de Combate *Leopard 2E*. Deste intercâmbio resultou um natural proveito para todas as forças participantes, com especial relevo para a partilha de conhecimentos e boas práticas orientadas para a execução de fogos reais. De igual modo e a par de uma perfeita integração no ambiente operacional conjunto e combinado, sobressaíram os patamares de interoperabilidade entre forças nacionais e estrangeiras, garantindo a rentabilização dos recursos disponíveis, num contexto de elevada prontidão.

Considerando as oportunidades de parcerias com os nossos aliados, em particular com forças do exército vizinho, nos domínios da segurança e defesa, a sua participação em exercícios desta envergadura assume particular importância no contexto internacional, constituindo-se como um instrumento privilegiado para relevar as capacidades, profissionalismo e experiência dos militares portugueses. Para além da oportuna partilha de informação e

experiências no âmbito do treino operacional, projeção de meios blindados (via rodoviária e ferroviária) e utilização de sistemas de armas tecnologicamente evoluídos, é de sublinhar a disponibilidade demonstrada para a futura participação em atividades desta natureza, no quadro de protocolos já estabelecidos ou outros. Não menos importante e aliado à partilha e contacto profissional, destaca-se a sã camaradagem e momentos de convívio entre todos os participantes.

A prontidão e proficiência obtida no Exercício ORION 16 traduz o culminar de uma etapa decisiva, no esforço do Exército para assegurar, com coerência e credibilidade, a contínua certificação do seu produto operacional a par de um profícuo desenvolvimento de relações bilaterais. Conscientes da necessidade de materializar a interoperabilidade no seio das organizações internacionais, designadamente da NATO, EU e ONU, no domínio dos sistemas de informação e comunicação, técnicas táticas e procedimentos, intercâmbios desta natureza alavancam o aperfeiçoamento contínuo e prontidão do Exército Português.

INTERNACIONAL

AGOSTO 2016 | TIERRA Nº 15

La impresión del capitán es que la experiencia ha resultado «muy enriquecedora» para ambas partes, porque ha permitido el intercambio de conocimientos y procedimientos, por ejemplo, en lo referente al tiro.

En la Brigada de Intervención tienen en dotación el *Pandur*, un blindado similar al BMR pero de fabricación austriaca, cuyo sistema de armas es el mismo que el del *Pizarro*. «Ellos se interesaron mucho por los procedimientos de tiro que usábamos nosotros», explicaba el capitán.

La participación en el "Orión" ha sido también una oportunidad para contrastar la preparación técnica y táctica de los militares españoles.

UN CONVOY ÚNICO

Esta colaboración ha supuesto un intenso trabajo previo, mucho más complejo que cuando el ejercicio se realiza en un campo de maniobras nacional. Para el despliegue y repliegue del material se ha contado con la Agrupación de Transporte (AGTP) nº 1 que, por primera vez, se ha encargado en exclusiva del traslado de los medios a un país aliado. Es cierto que esta unidad ha llevado material fuera de las fronteras nacionales, pero siempre en el marco de apoyos logísticos y con vehículos aislados, no en un convoy propiamente dicho, como ha sido este caso.

En total se vieron implicados en el mismo una treintena de componentes de la AGTP 1, dirigidos desde un puesto de mando móvil que se desplazaba con las columnas. Se emplearon una decena de góndolas *Kynos* y semirremolques *Traylona*, autobuses y vehículos ligeros para desplazar a más de un centenar de militares, 4 carros de combate *Leopardo* 2E, 9 vehículos de combate *Pizarro* y 1 Transporte Oruga Acorazado M-113.

Las cifras resumen el trabajo realizado: un peso total de carga de 1.070 toneladas, cuyo transporte supuso la realización de 41.000 kilómetros y el consumo de 20.000 litros de combustible. ■

47

MSG
Manuel dos Santos Grave, Lda.
CONSTRUMAT
PEDRO MOTA
Materiais de Construção

Novas Capacidades da CTm Da BrigMec

Cap Eng Tm Silva
Cmdt CTm /BrigMec

Atualmente, vive-se numa era que é essencialmente definida pelo constante uso e evolução das telecomunicações. Assim, cada vez mais, estamos inseridos numa esfera caracterizada pela informação digital, em que o computador é um meio banal de acesso e partilha de informação.

A Companhia de Transmissões da Brigada Mecanizada (CTm/BrigMec) dispõe de uma grande variedade de equipamentos de comunicações, a maioria deles com alguns anos, o que os torna menos ajustados às exigências operacionais e táticas dos atuais cenários.

O presente artigo tem como finalidade dar a conhecer as capacidades da CTm/BrigMec, a curto prazo. Inicialmente, é feita uma breve introdução ao conceito de Sistema de Informação e Comunicações – Tático (SIC-T), explicando no que consiste, sua arquitetura e possibilidades.

De seguida, são apresentados os equipamentos que num curto espaço de tempo serão entregues à CTm/BrigMec, e as suas possibilidades e limitações.

SISTEMA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÕES-TÁTICO (SIC-T)

O SIC-T explora as novas tecnologias associadas às comunicações, aos computadores, sensores e sistemas de armas. Constitui-se num verdadeiro embrião para a digitalização do Sistema de Forças Nacional, de forma a proporcionar vantagens técnicas que permitam alcançar, ao nível tático, as capacidades de Comando e Controlo dos desafios atuais.

Desta forma, o SIC-T baseia-se na tecnologia de transferência de informação *Full* IP (*Internet Protocol*). Trata-se de uma estrutura modular, eficiente, segura, flexível e preparada para proporcionar ao comando, às informações, à logística e às unidades de combate uma grande mobilidade e a necessária adaptabilidade às novas exigências do campo de batalha.

A sua arquitetura compreende a Componente das Comunicações e a Componente da Informação. A Componente das Comunicações subdivide-se em cinco subsistemas, como se pode observar na próxima figura:

- Subsistema de Área Estendida (SAE);

Engifrio
Sociedade de Refrigeração

- Subsistema de Área Local (SAL);
- Subsistema de Utilizadores Móveis (SUM);
- Subsistema de Gestão de Rede (SGR);
- Subsistema de Segurança de Redes (SSR).

O **SAE** constitui a espinha dorsal da rede, e é composto por um conjunto de nós de comutação, interligados fundamentalmente por ligações rádio multicanal. Cobre toda a área de operações, e desenvolve-se no terreno de acordo com a situação e evolução da manobra tática. Integra os módulos Nó de Trânsito[27] (NT) e *Rear Link*[28] (RL). Garante a redundância das ligações quando as forças são projetadas para operações fora do território Nacional, ou, em caso de necessidade, garante a interligação via satélite entre módulos SIC-T.

O **SAL** é composto pelos módulos Nó de Acesso[29] (NA), Centro de Comunicações de Batalhão (CCB) e Centro de Comunicações de Companhia (CCC). Este subsistema destina-se a apoiar os utilizadores normalmente instalados no Posto de Comando (PC), garantindo o acesso aos serviços de rede destinados a facilitar o Comando e Controlo das forças, tais como:

- SICCE (Sistema de Informação para o Comando e Controlo do Exército);
- Telefonia IP;
- Portais colaborativos;
- Mensagens instantâneas;
- Correio eletrónico;
- Videoconferência.

O **SUM** é composto pelo módulo Ponto de Acesso Rádio [30] (PAR) e destina-se a garantir o apoio de comunicações e intranet tática aos utilizadores disseminados na área de operações.

SIC-T (Fonte: Sistema de Informação e Comunicações – Tático (SIC-T), Escola das Armas, setembro

[27] Os Nós de Trânsito utilizam, normalmente, Feixes Hertzianos como meio de transmissão para expandir os serviços locais a uma distância e área maiores.

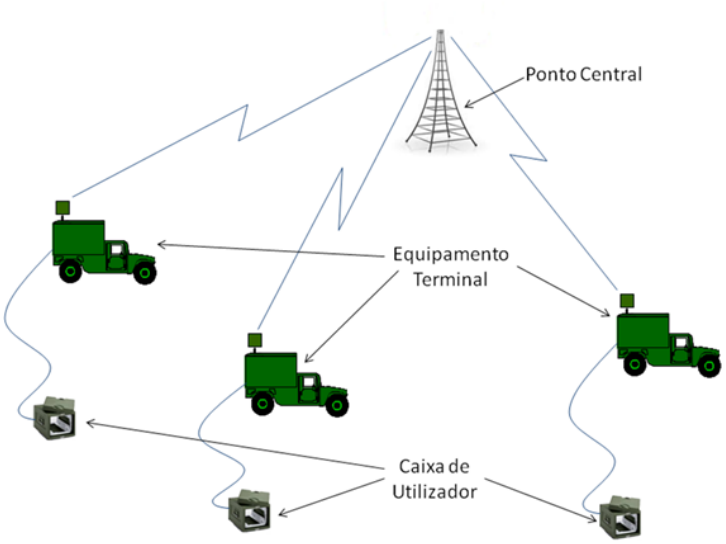
[28] O *Rear Link* garante a ligação à retaguarda (tipicamente, território nacional) quando uma força é projetada.

[29] Através dos Nós de Acesso, o SAL garante o acesso à estrutura superior da rede (SAE) e fornece interface para redes estratégicas e ligações a redes nacionais.

[30] O Ponto de Acesso Rádio faz a integração das unidades móveis na rede tática e impõe as restrições de largura de banda. As categorias de serviços previstos no SUM são as mesmas que existem no SAL, excetuando as restrições de largura de banda.

O **SGR** assenta no Centro de Gestão de Rede[31] (CGR) e é o cérebro do SIC-T. Destina-se a monitorizar e gerir todo o sistema, ajudando a detetar e resolver problemas relacionados com serviços de rede, permitindo obter o estado das comunicações e sistemas de informação.

Por último, o **SSR** destina-se a implementar diferentes níveis de segurança nas diferentes áreas de rede SIC-T. Nomeadamente, uma rede *UNCLASSIFIED*, uma rede *MISSION SECRET* e acesso à rede *NATO SECRET*.



Conceito de Comunicações da BrigMec (Fonte: Major Batista, 2016)

POSSIBILIDADES DOS NOVOS EQUIPAMENTOS

No ano de 2014, o Exército Português decidiu dotar a CTm/BrigMec de equipamentos que permitam fornecer comunicações para o treino operacional do Comando da BrigMec e das suas Subunidades.

O conceito para a ligação na BrigMec foi pensado com base no apoio de comunicações a três Postos de Comando (PC), assente num ponto central, que neste caso é a torre de comunicações do Campo Militar de Santa Margarida.

Assim sendo, no caso da BrigMec, tem-se uma arquitetura baseada num ponto central (torre de comunicações) e três PC, em que cada um é composto por dois sites: equipamento instalado na *Shelter* (equipamento terminal) e equipamento de distribuição de sinal aos utilizadores (caixa de utilizador), conforme se ilustra na figura.

Ao comparar este conceito com o do SIC-T, pode afirmar-se que estes novos meios, juntamente com o servidor já fornecido, irão capacitar a CTm/BrigMec com 3 CCC do SAL, sendo possível disponibilizar os seguintes serviços:

- Telefonia IP;
- SICCE;
- Intranet;
- Portal Colaborativo;
- Webmail;
- Videoconferência.

Os CCC têm como finalidade ligar os PC de Companhia ao PC do Batalhão. Assim sendo, a distância entre estes deve ser curta, pois os equipamentos de transmissão que equipam estes módulos têm um alcance máximo de 15 Km. Aplicando esta situação ao conceito para ligação da BrigMec, os PC não podem ficar afastados da torre de comunicações mais de 15 Km.

Outra grande limitação consiste na inexistência do SSR, o que não permite que o Comando da BrigMec e as suas Subunidades treinem os procedimentos para operarem numa rede *MISSION SECRET*.

CONCLUSÕES

A obsolescência dos equipamentos da CTm/BrigMec, condicionada pela demora na implementação do projeto SIC-T tem conduzido à incapacidade desta Unidade em prestar o apoio de CSI ao Comando da BrigMec e às suas subunidades para conduzirem o seu treino operacional e atingirem os padrões de certificação exigidos pelo comando do Exército. Tal tem tido reflexos também na manutenção das qualificações técnicas dos militares nela colocados e também tem constituído fator para a sua menor motivação.

Com fornecimento dos novos equipamentos e, consequentemente, com as novas capacidades da CTm,

[31] Os Centros de Gestão de Rede são terminais de controlo e administração da rede. As suas funções, adaptadas ao ambiente tático militar, são: gestão de avarias, performance, contas, configuração e segurança.

passará a ser possível garantir o apoio de CSI à Brigada quando conduzir o seu treino no interior do CMSM. Não substituirão a implementação do Projeto SIC-T, nem tão pouco garantirão as condições para atingir a certificação do comando da BrigMec, continuando a ser necessário recorrer ao apoio da CTm de A/G.

Iremos dar um salto tecnológico significativo, os nossos Quadros encontrarão motivos acrescidos de motivação e de melhoria das suas competências, mas como sempre, a Brigada continuará a contar com a sua CTm para cumprir a sua missão.

CAMELO
CAFÉS

até ao Fim do Mundo

www.ateaofimdomundo.com

O Batalhão de Infantaria Mecanizado (L) na *European Land Rapid Response* 2016-2

Um Exemplo de Interoperabilidade Técnica – Procedimentos - Humana

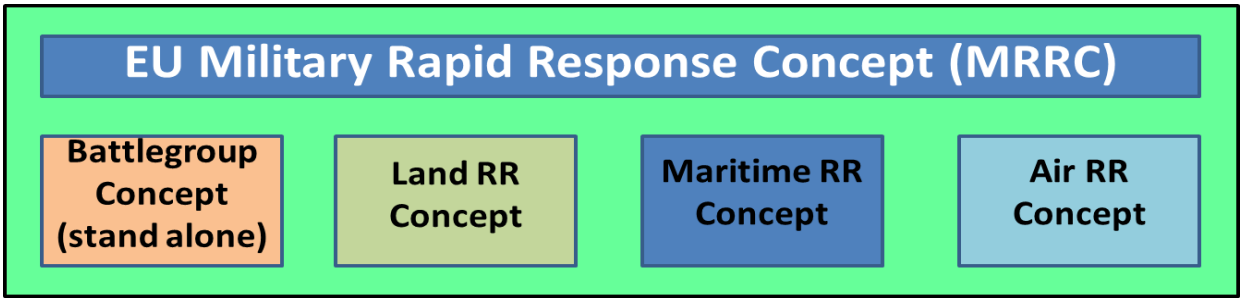
Para a União Europeia (UE), quando a ação militar é considerada politicamente urgente, esta concretiza-se numa resposta atempada e ampla que se estende até ao momento em que as forças são projetadas e possuem condições de operar numa determinada área de operações. Esta é a premissa do seu conceito de Resposta Rápida, uma resposta que começa a ser medida desde que a UE identifica as medidas adequadas, até ao momento em que as Forças são empregues.

A Diretiva N° 99/CEME/15 - Empenhamento Militar do Exército no Plano Externo (2016-2018), de 24Ag015, determinou, para além de outras forças, a constituição e participação de um Agrupamento Mecanizado, no âmbito da *European Union Land Rapid Response* 2016-2 (AgrMec EULRR 2016-2), o qual foi composto pelo Batalhão de Infantaria Mecanizado (L), reforçado por um Esquadrão de Carros de Combate *Leopard* 2A6.

No texto que se segue procuramos apresentar uma síntese do conceito de Resposta Rápida Militar da UE e dar a conhecer, a quem nos segue, a forma como decorreu o aprontamento, certificação e o período de "*standby*" do AgrMec EULRR 2016-2, aludindo a algumas das experiências tidas e lições colhidas durante a condução das atividades de treino operacional, bem como durante a manutenção do desejado nível de prontidão.

EU MILITARY RAPID RESPONSE CONCEPT

No Conselho Europeu de Helsínquia de 1999, a "Resposta Rápida" foi identificada como um importante aspeto a considerar na gestão das crises da UE. Neste sentido as *Helsinki Headline Goal* 2003 atribuiram aos Estados-Membros o objetivo de garantirem elementos de resposta rápida disponíveis e mobilizáveis a níveis muito elevados de prontidão, tendo sido acordado no início de 2003 o primeiro Conceito de Resposta Rápida Militar da UE.



Hierarquia do *European Military Rapid Response Concept*. Fonte: EU *Military Rapid Response Concept* (EUMC, 2014

A primeira operacionalização deste conceito ficou dogmaticamente associada à resposta militar da UE na República Democrática do Congo - Operação *Artemis*, desencadeada a 12 de junho de 2003 (sete dias após a decisão do Conselho Europeu por uma Ação Conjunta). De facto, o seu êxito demonstrou a capacidade da UE para operar com uma força reduzida a uma distância de mais de 6.000 km de Bruxelas e, deste modo, tornou-se um ponto de referência e um modelo para o desenvolvimento da capacidade de resposta rápida tipo *Battlegroup* (EUBG).

Desde então, foram sucessivamente desenvolvidos e acordados pelos Estados-Membros os conceitos de EUBG, em 2006, e de *Maritime Rapid Response* (MRR) e *Air Rapid Response* (ARR), em 2007. Pela primeira vez após a entrada em vigor do Tratado de Lisboa, em dezembro de 2013, na sequência da necessidade sublinhada pelo Conselho Europeu em melhorar ainda mais as capacidades da *European Union Military Rapid Response* (EUMRR), efetuou-se a revisão do *Military Rapid Response Concept* (MRRC)[32], finalizada em dezembro de 2014, que passou a incluir os conceitos subordinados de Resposta Rápida - EUBG, EU *Land RR*, EU *Maritime* RR e EU *Air* RR - e, dependendo da tarefa, a atribuição de responsabilidades entre as diferentes opções, a fim de melhor orientar os Países-Membros na formação e treino das forças que disponibilizam.

RAPID RESPONSE SCENARIOS

A UE identifica os seguintes cinco cenários ilustrativos onde considera poderem ser empregues meios militares numa resposta militar padrão (*military standard response*):

- Separação das partes pela força (*Separation of Parties by Force* - SOPF);
- Estabilização, reconstrução e assessoria militar (*Stabilization, Reconstruction and Military Advice to third countries* - SR);
- Prevenção de conflito (*Conflict Prevention* - CP);
- Operações de evacuação (*Evacuation Operations* - EO);
- Operações de assistência humanitária (*Assistance to Humanitarian Operations* - HA)

Embora a Estratégia Europeia de Segurança (*European Security Strategy* - ESS) inclua ainda outras situações não consideradas nos cenários, como sejam o Terrorismo, a Proliferação de Armas de Destruição Maciça e o Crime Organizado, admitindo o emprego de meios militares em apoio das autoridades civis, estas situações não são particularmente contempladas neste MRRC.

Tendo o relatório sobre a implementação da Estratégia Europeia de Segurança (05DEC08) identificado também uma série de novas ameaças e desafios para os interesses de segurança da UE, tais como: a segurança cibernética, a segurança energética, as alterações climáticas e a pirataria, o Conselho Europeu reconhece, adicionalmente, a importância da interligação de todos os atores do mundo globalizado, havendo necessidade de empenhar meios face a novas ameaças e diferentes

desafios, e.g. a migração ilegal, o controlo de fronteiras e as ameaças cibernéticas

[32] Este conceito descreve a abordagem da UE em matéria de resposta rápida militar e a forma como esta pode ser aplicada. Esta ação de RR da UE pode envolver:
- os EUBG (*Joint Land Centric* RR) ou
- RR de um único ramo (terrestre, marítimo ou aéreo) ou
- RR mista (combinando os elementos EUBG e de RR de um ou mais ramos) ou
- combinando elementos de RR de vários ramos ou
- outros elementos de RR disponibilizados pelos Países-Membros.

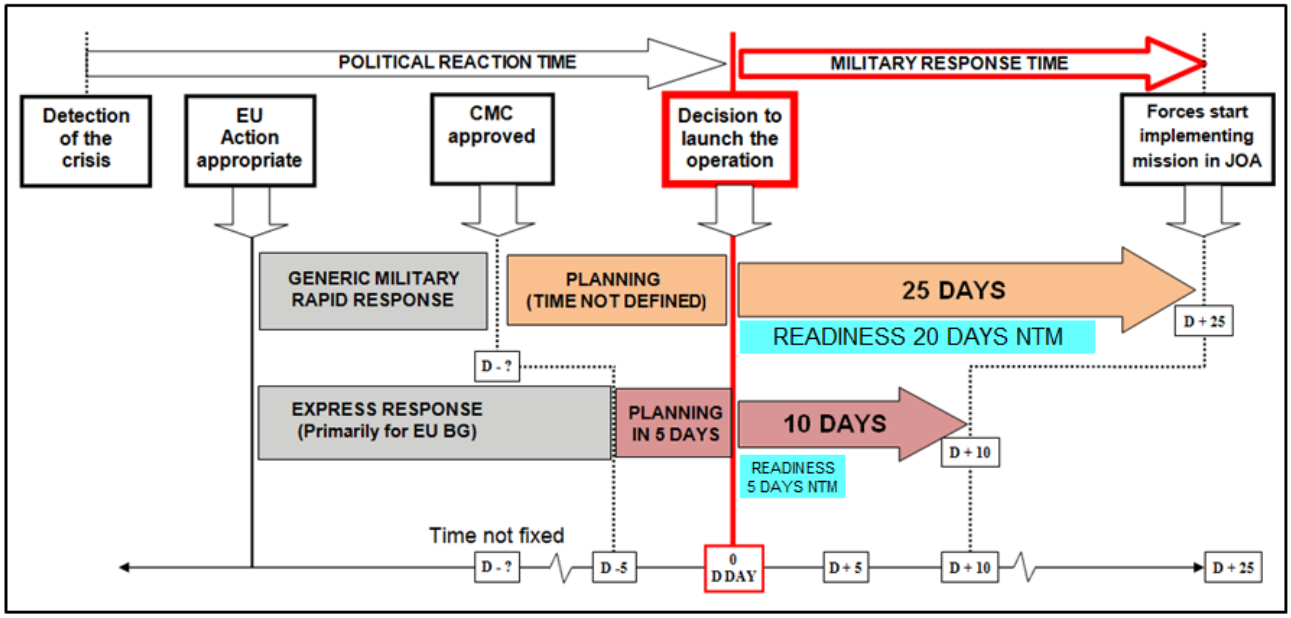
PRAZOS PARA UMA *MILITARY RAPID RESPONSE*

Considerando que uma Resposta Militar padrão (*standard Military Response*) pode ocorrer num período de até 60 dias, a Resposta Rápida (*Rapid Response*) é desenvolvida de acordo com dois prazos de atuação:

- ***Generic Military Rapid Response***, num prazo de 25 dias após a tomada de decisão, pelo Conselho Europeu sobre o lançamento duma operação. Este nível é aplicado às Forças cujos Estados-Membros mantêm em elevada prontidão e que sejam disponibilizadas de acordo com a situação específica;
- ***Express Response***, num prazo de 10 dias após a tomada de decisão pelo Conselho Europeu sobre o lançamento duma operação. Este nível é aplicado às Forças atribuídas ao EUBG.

O conceito de prontidão militar (*readiness*) da UE considera que as Forças estão prontas quando se encontram preparadas para iniciar o deslocamento para os portos de embarque, com vista à sua projeção. Deste modo, para poder cumprir os referidos prazos de resposta, a EU estabelece dois graus de prontidão para as Forças militares:

- ***Rapid Response Readiness*** - 20 dias após a tomada de decisão pelo Conselho Europeu sobre o lançamento duma operação, reservando os restantes 5 dias para a projeção e implantação da missão no Teatro de Operações (TO);
- ***Express Readiness*** - 5 dias após a tomada de decisão pelo Conselho Europeu sobre o lançamento duma operação, reservando os restantes 5 dias para a projeção e implantação da missão no TO.



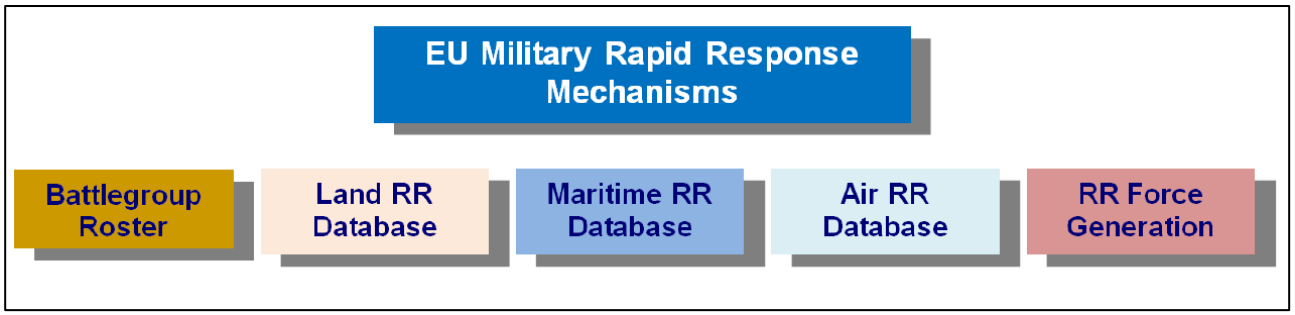
Requisitos de prontidão para a *Military Rapid Response*

O grau de prontidão em que as Forças são mantidas durante a fase de "*standby*" é uma responsabilidade nacional, podendo ser alterados a qualquer momento, significando assim que, sem prejuízo do prazo de resposta final, uma Força em "*express readiness*" pode assumir temporariamente um grau de prontidão menos exigente.

MECANISMOS *RAPID RESPONSE* (RR)

Os mecanismos de RR incluem a lista de BG e as bases de dados de RR. Em particular, as bases de dados de RR terrestre, marítima e aérea fornecem indicadores da potencial disponibilidade de meios e capacidades, consideradas inicialmente apenas como ferramentas de planeamento e não implicando qualquer tipo de compromisso.

Os pedidos de contributos para as bases de dados de RR permitirão aos Estados-Membros, a título voluntário, exporem as suas contribuições. Para além disto, os Estados-Membros poderão ainda alocar as suas contribuições à categoria *Express*, o que por sua vez poderá permitir uma abordagem modular nas operações



Military Rapid Response Mechanisms

de EUBG, bem como uma *Joint Express Response*. As contribuições *Express* dos Estados-Membros para as bases de dados de RR, podem também ser associadas a um EUBG preferencialmente empenhado em *standby* no mesmo semestre do ano. A consolidação das bases de dados de RR, um ano antes do primeiro semestre do respetivo ano de *standby,* facilitará a formação dos módulos de RR com um EUBG, se acordado com a respetiva *Framework Nation* (FN).

AGRUPAMENTO MECANIZADO EULRR 2016-2

Na sequência das determinações superiores, foi cometida ao Batalhão de Infantaria Mecanizado (L) a tarefa de se constituir em Agrupamento Mecanizado e efetuar o aprontamento da força para as EULRR 2016-2. Para o efeito, foi reforçado com o 2º Esquadrão de Carros de Combate *Leopard* 2A6, do Grupo de Carros de Combate, da Brigada Mecanizada.

TARGETS INICIAIS

De acordo com a Diretiva N° 42/CEME/16 (Forças Nacionais em Prontidão para a *European Union Land Rapid Response* 2016-2 e *European Union Battlegroup* 2017-2) as Forças que integram a EULRR 2016-2 estão sujeitas a um Prazo de prontidão (NTM) de 20 dias, devem possuir 90% do pessoal e material, relativamente à sua estrutura orgânica, dispor dos abastecimentos que garantam a sustentação da Força durante um período entre os 30 e os 120 dias, devendo os materiais e abastecimentos estarem localizados junto com a Força ou armazenados em local pré-definido e serem projetáveis e interoperáveis.

Neste sentido, e na ótica das responsabilidades nacionais, o CFT constituiu-se como entidade primariamente responsável (EPR) pelo aprontamento, manutenção da prontidão e, em caso de projeção, pelo acompanhamento das necessidades de apoio administrativo-logístico das Forças, e o CmdLog constituiu-se como EPR pela projeção, sustentação no TO e retração das Forças. A transferência de autoridade (TOA) das forças para os comandos da UE (OHQ/FHQ ou MHQ) seria efetuada aquando da sua projeção para o TO.

As ações a desenvolver com vista ao emprego de Forças na EULRR 2016-2 contemplavam um Aprontamento nacional durante o 1 ° semestre de 2016, a

	Fase I - Aprontamento AdmLog 01Jan16 a 09Fev16	Fase II – Aprontamento Orientado para a Missão 10Fev16 a 30Jun16
Objetivos	• Realizar todos os procedimentos administrativo-logísticos individuais: - credenciação; - aprontamento sanitário sumário; - atribuição das DIFE; - elaboração de passaportes; - aferição do NPL; - rastreio psicológico	• Conclusão de todos os procedimentos AdmLog individuais da Fase I • Realização de palestras no âmbito das possibilidades de emprego da Força • Aferição/Nivelamento – avaliação do nível técnico-tático dos vários elementos da Força • Obtenção de incrementos no desempenho e a sua validação nos exercícios setoriais • Avaliação com vista à certificação da Força (ORION 16).

Fases e Objetivos do Aprontamento da Força

avaliação com vista à certificação nacional durante o exercício ORION 16, após o que permaneceriam em "*standby*", durante o 2° semestre de 2016, com um grau de prontidão de NTM de 20 dias.

De acordo com a Diretiva Nº 01/CFT/16, de 01Jan16, foi ainda determinada a tarefa de planear a integração de uma CAtMec(R) no AgrMec(L)/EULRR, durante o exercício ORION 2016, com vista a testar o conceito "Agrupamento LEODUR".

PLANEAMENTO – ANÁLISE DA MISSÃO

Perseguindo o significado do termo, considerou-se o planeamento como um conjunto de opções prévias à execução, que permitisse a identificação de objetivos passíveis de alcançar com os recursos disponíveis, que se materializasse numa ou várias modalidades de ação e que garantissem a maior probabilidade possível de alcançar os objetivos identificados inicialmente, ou seja, dispormos de uma força bem treinada e equipada, adaptável física e mentalmente e com as necessárias capacidades de atuação qualificadas pela eficiência e eficácia.

Assim, planearam-se duas fases para o aprontamento, com objetivos diferenciados, por um lado aqueles relacionados com as normais exigências administrativo-logísticas e, por outro, as atividades de formação e treino. Da apreciação efetuada à limitada documentação enquadrante foi prevista a necessidade de alocar tempo disponível para a realização de outras tarefas de aprontamento que fossem deduzidas durante este período e consideradas necessárias para o cumprimento de uma provável missão.

No domínio do planeamento houve ainda a necessidade de efetuar a análise a um conjunto de questões que, nos fóruns que se foram proporcionando, foram sendo esclarecidas e posteriormente concretizadas, durante todo o aprontamento, nomeadamente:

- Tipologia de missões, cenários e RR *Generic Tasks*, para as quais deveria ser orientado o treino. Neste âmbito e considerando a dimensão e capacidades residentes, foram assumidas e consideradas pelo Comando da Força as seguintes prioridades (circundadas a vermelho);
- Em face da dúvida sobre que processo de certificação iria ser conduzido, EU ou NATO (ACO), foi determinada a aplicação do segundo, transversal a todas as forças em avaliação durante o ORION16, o que também veio atenuar os efeitos da escassez da documentação EULRR enquadrante externa, na medida em que o processo era "familiar" à Força;
- Tipologia de operações a considerar prioritariamente para o treino e com vista a cumprir as exigências de uma CREVAL. Neste âmbito foram consideradas as operações ofensivas e defensivas, embora o cenário previsto para o ORION16 contemplasse um maior foco nas operações de estabilização com transição para operações ofensivas ou defensivas.

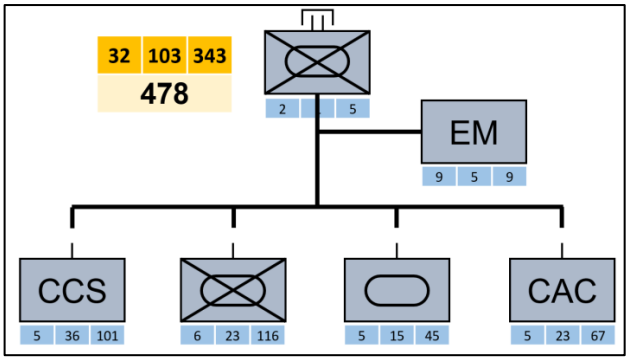
No	RAPID RESPONSE "GENERIC TASK"	RESPONSIBLE RAPID RESPONSE (X) REQUIRED (-) desirable			
		EU BG	Land RR	Mar RR	Air RR
1	Assist and support IOs and NGOs in management of refugees and IDPs	-	X	X	-
2	Assist in re-establishment essential state functions (e.g. advisory functions)[45]	-	X	X	-
3	Command and Control to the Air Embargo		-		X
4	Conduct Amphibious Operations	-	X	X	X
5	Conduct CAS	-	X	X	X
6	Conduct CIMIC	X	X		
67	Task and debrief ISTAR Collection Assets	X	X	X	X
68	Transport Enabling Force	-	X	X	X
69	Transport Evacuees	-	X	X	X

Quadro das Tarefas Genéricas do MRRC

Separation Of Parties by Force SOPF	Stabilisation, Reconstruction and MA to 3rd Countries SR	Conflict Prevention CP	Evacuation Operation in a non-permissive environment EO	Assistance to Humanitarian Operations HA
• Tasks of combat forces in crisis management • Peacemaking • Secure Lines of Communications	• Peace Keeping • Election monitoring • Institution Building • Security Sector Reform • Support 3rd Countries in Fight against Terrorism	• Preventive Engagement • Preventive Deployment • Joint Disarmament Operations • Embargo Operations • Counter Proliferation	• Non-combatant Evacuation Operation	• Prevent Atrocities • Consequence Management

Rapid Response Scenarios

- Tentativa de conhecer outras tipologias de forças, de outros Estados Membros da EU, e como seriam agregadas pelo conceito LRR (ApFogos/Combate, etc). Esta informação não foi obtida e a seleção das Tarefas Gerais de RR (RR *Generic Tasks*), a considerar para o treino e aprontamento, foram deduzidas pelo Comando da Força, em face das capacidades residentes e tipologias de recursos disponíveis.
- De um total de 69 RR *Generic Task*, 54 são cometidas à componente terrestre (*Land* RR) e, destas, foram identificadas 19 que a força poderia cumprir isoladamente e outras 18 para cujo cumprimento poderia apenas contribuir:
- Relativamente à integração de uma CAtMec (R) com vista a testar o conceito LEODUR, foi tida como principal referência o Apêndice A do FM1 3-90.5, assumindo uma paridade da CAtMec (R) com a uma Companhia *Stryker*, com vista à identificação de possíveis tarefas táticas a cometer a esta subunidade quando integrada num Agrupamento Pesado. Esta "experimentação" teve início com a realização

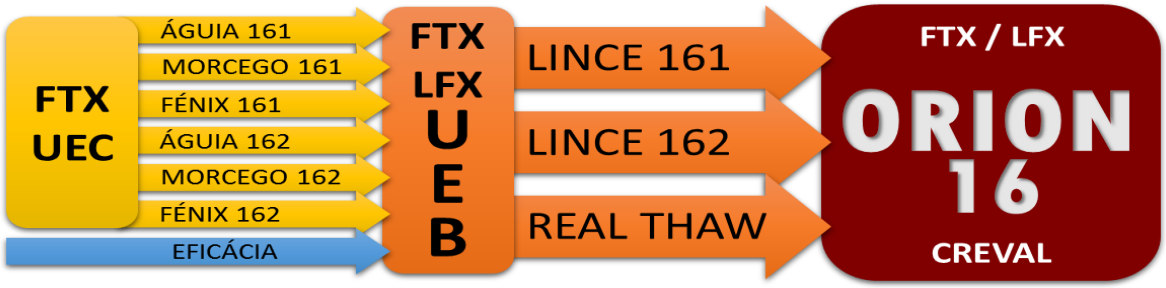


Composição e resumo da EOP do AgrMec EULRR 2016-2

dos Exercícios de Agrupamento LINCE 161 e 162,

LAND RR GENERIC TASKS			
AgrMec pode cumprir isoladamente		AgrMe contribui para o seu cumprimento	
Nº	Task	Nº	Task
14	Conduct Interpositioning	5	Conduct CAS
15	Conduct Land Operations	9	Conduct Crowd and Riot control46
18	Conduct Security Operations	10	Conduct Deep Operations
19	Contribute to the training and education of security forces47	13	Conduct Information Operations
24	Deter disruptive activities	30	Ensure ground counter mobility
28	Ensure Force Protection (including terrorist threat)	34	Establish and maintain a Strategic Reserve
29	Ensure Freedom of Movement	41	Establish and maintain communications
31	Establish and control a DMZ	43	Establish and maintain detention facilities
32	Establish and maintain a Forward Mounting Base (FMB)	51	Establish and maintain the Intelligence contribution to the Common Operational Picture and mechanism for sharing appropriate intelligence with other actors
33	Establish and maintain a Forward Operating Base (FOB)	52	Extract isolated citizens and/or release and secure EU hostages
38	Establish and maintain an Operational Reserve	53	Medical and health support
42	Establish and maintain cooperation and coordination with other relevant actors	56	Provide environmental Info (Geo, Hydro...)
44	Establish and maintain FHQ and tactical HQs	57	Provide humanitarian aid assistance
45	Establish and maintain Logistics C2	58	Provide logistic support
54	Perform Operational Planning	59	Provide support to the CBRN Inspection Teams
55	Provide border security and ensure former warring parties compliance with agreements	67	Task and debrief ISTAR Collection Assets
62	Search, collection, temporary storage and disposal of weapons and ammo	68	Transport Enabling Force
63	Secure key sites and terrain	69	Transport Evacuees
64	Secure Land LOCs		

Land Generic Tasks consideradas para o Aprontamento do AgrMec EU LRR 2016-2



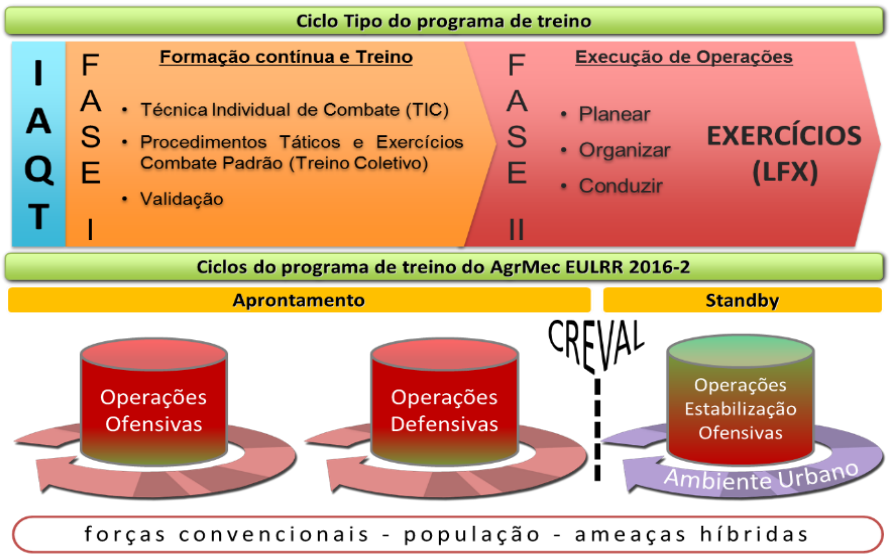
Gradação do treino do Aprontamento do AgrMec EU LRR 2016-2

tendo-se finalizado durante o ORION16, mais propriamente no *Combined Joint Live Fire Exercise* (CJLFX).

- Pelo Comando da Força, foram propostas e aceites as estruturas operacionais de pessoal e material, as quais foram deduzidas dos QO aprovados do BIMec (CMD & EM, CCS, CAtMec e CAC) e do GCC (ECC), atendendo ainda a outras necessidades já confirmadas em TO, como sendo os Oficiais de ligação, estrutura financeira, etc.
- O número reduzido de equipamentos PRC 525 disponíveis implicava uma diminuição da capacidade de implementar redes rádio robustas e seguras (comunicações táticas seguras), capazes de suportar a instalação e o regular funcionamento dos sistemas de informação disponíveis e a impossibilidade de implementar o sistema de seguimento automático das unidades de manobra do agrupamento. Esta realidade implicava um foco redobrado nos procedimentos que permitissem atingir plenamente os objetivos definidos ao nível do Comando e Controlo (C2), e sem se verificarem consequências negativas para o seu desempenho técnico-tático.
- A constituição da força, que se estendeu até a meio do aprontamento, implicava, à partida, um esforço de integração adicional, decorrente da necessidade de reunir e nivelar forças provenientes de diferentes unidades, nomeadamente do 2BIMec (entretanto encerrado), de um ECC do GCC e, com vista à testagem do conceito LEODUR, de uma CAtMec (R) proveniente da NRF16, não localizada permanentemente em Santa Margarida.

Heavy Task Force	Stryker Company Task
Movement to contact	Clear and secure; follow and support.
Attack	Infiltrate to seize objectives; breach objectives; create a penetration.
Exploitation	Secure LOC; follow and support.
Pursuit	Clear bypassed force; block enemy escape.
Follow and support	Secure key terrain and LOC; provide rear area security.
Defense	Block avenues of approach; occupy strongpoint; ambush, provide rear area security.
Linkup	Serve as linkup element.
Demonstration	Conduct demonstration; conduct display operations.

Tarefas Táticas a cometer a uma Companhia *Stryker*, quando integrada num Agrupamento Pesado (FMI 3-90.5 - *Appendix* A)



Ciclos do Programa de Treino para o Aprontamento do AgrMec EU LRR 2016-2

APRONTAMENTO E CERTIFICAÇÃO

Após a fase do Planeamento seguiu-se a implementação, coordenação e monitorização dos programas de ação definidos e a análise dos resultados, a fim de se tomarem ações corretivas, caso os desvios em relação ao planeado a tal obrigassem.

Componente base da validação dos Ciclos de Treino

Durante o período de aprontamento e com todas as limitações decorrentes das incertezas relativas à adoção plena do conceito EU LRR e suas reais implicações, todas as ações foram concretizadas com sucesso, partindo das seguintes premissas:

- Considerar como objetivo permanente para o AgrMec EU LRR 2016-2, garantir em todas as circunstâncias possíveis a rentabilização dos meios disponíveis e a possibilidade ímpar de proporcionar aos baixos escalões, com particular enfoque nos jovens Quadros, a possibilidade de poderem aplicar e tonificar os seus conhecimentos, num ambiente com todos ingredientes para uma plena integração de capacidades em modelo de armas combinadas.
- Exploração de todas as oportunidades para desenvolver capacidades transversais de planeamento e execução, mesmo arredadas da tradicional tipologia de tarefas de aprontamento. Neste âmbito, a adaptação às exigências do planeamento e execução das Jornadas de Infantaria 2016, dos Campeonatos Desportivos Militares, da Patrulha Nun´Álvares, de Divulgação do Serviço Militar, apoio à Proteção Civil e Formação, também contribuíram para a "mecanização" e consolidação de metodologias e princípios de adaptação a um ambiente incerto e volátil.
- Sempre que possível a concentração física de todos as partes constituintes da força que não estivessem co-localizadas no CMSM. Os resultados obtidos neste domínio foram decisivos para a desejável interação do máximo de elementos possível e permitir a conquista gradual e alinhada da proficiência técnica e tática da Força – do individual para o coletivo e do simples para o complexo.
- Sempre que possível, basear a validação do treino na realização de Fogos Reais, do individual ao coletivo, alcançando a sistematização em todos os escalões, de procedimentos operacionais e de segurança no âmbito do uso e

Exercício LINCE 164 – *Live Fire Exercise*

Exercício *ORION* 16 - LFX

Exercício *ORION* 16

emprego de fogo real, desenvolvendo a disciplina e controlo de fogos diretos e indiretos.

Assim, a certificação do AgrMec EULRR, durante o ORION 16, permitiu a validação de um período de treino de 6 meses de aprontamento e respetiva certificação pela Inspeção Geral do exército (IGE).

Pese embora a certificação obtida, importa frisar que a validação do treino ao nível das subunidades foi conseguida com extraordinário esforço, uma vez que, durante cerca de metade do período de exercício, o cenário de emprego de forças (Operação de Estabilização) não ter sido aquele que a força considerou no seu aprontamento (Operações Ofensivas e Defensivas). Destaca-se neste domínio a capacidade de adaptação e profissionalismo de todos os militares, sem exceção, na condução das inúmeras tarefas, só possível com a soma sucessiva dos créditos que foram sido obtidos durante o

Exercício *ORION* 16 - LFX

1º semestre, nomeadamente os alcançados no final do REAL TAHW 16, permitindo que as condições em que decorreram a certificação contribuíssem para testar eficientemente a validade das ações e circunstâncias em que se desenvolveram, nomeadamente:

- Condução de Operações Defensivas, Ofensivas e de Estabilização;
- Condução de Operações de Retardamento
- Integração de apoio de fogos indiretos e aéreos

Para a condução do CJLFX do ORION 16 o AgrMec EU LRR foi reforçado com uma CATMec (R) com vista à materialização do conceito AgrMec LEODUR, o qual foi principalmente observável durante o emprego simultâneo e coordenado de 1PelCC e 1Sec Canhão VBR Pandur II, durante a ocupação de uma Posição de Apoio pelo Fogo, sob pressão. Também com sucesso, observou-se o nível de interoperabilidade desejado e que nunca colocou em risco a capacidade de C2, quer do AgrMec EULRR, quer de qualquer uma das suas subunidades.

STANDBY

Este período teve uma duração de 6 meses, iniciando-se a 01Jul16 e terminando a 31Dec16, durante o qual a força adotou uma natural postura de prontidão relativamente à instrução, treino e formação adquiridos; preparação administrativa, sanitária, doutrinária, individual e coletiva, já realizada; e disponibilidade de equipamento, material e armamento.

Para além do referido e atendendo a alguma experimentação conceptual efetuada, após todo um período de preparação, procurou-se sempre discutir e aprender sobre as lacunas e não conformidades observadas, com vista a alcançar uma melhoria ao nível do desempenho

Perante os patamares de proficiência alcançados, a realização dos Exercícios LINCE 163 e 164 contribuiu decisivamente para a manutenção dos índices de desempenho atingidos durante a Certificação e melhoria de outros com vista a um eventual empenho no quadro do Conceito desta Força (EU LRR).

Integrado no LINCE 164 foi também conduzido um LFX de escalão batalhão e que permitiu igualmente a consolidação e validação em várias vertentes, com particular relevância para a integração com sucesso de um PelAtMec (R) Pandur II, do RI13, e um Esquadrão do GRec, proveniente do RC6.

ENSINAMENTOS RECOLHIDOS E A SUA VALIDAÇÃO

A inexistência de alguma documentação enquadrante revelou-se um fator de motivação acrescido que, por si só, validou a competência e experiências dos militares da força, naturalmente acumuladas em aprontamentos e missões anteriores, e não comprometeu a desejável organização documental, o planeamento e a execução tática das operações.

A integração e nivelamento de forças provenientes de diferentes origens permitiram a consolidação das capacidades individuais desses elementos, muito em parte devido à forte coesão, espírito de corpo e motivação que demonstravam em todas as circunstâncias, observando-se uma sólida experiência e adequada formação para o cumprimento da missão.

Os exercícios sectoriais materializam, de forma inequívoca, a grande oportunidade para treinar as técnicas, táticas e procedimentos, de forma coerente e integrada, alavancando as competências para os exercícios de maior envergadura e visibilidade.

Tendo em consideração o elevado número de elementos distratores do treino (apoios, equipas de formação, visitas, demonstrações, etc), tal realidade prepara-nos e obriga-nos a um pragmatismo lúcido que, embora moderadamente ambicioso, nos permite delimitar assertivamente o conjunto das tarefas a treinar.

As sinergias desenvolvidas com elementos da Força Aérea permitiram compreender e empregar as aeronaves de asa fixa em apoio às operações de combate terrestres, nomeadamente, ao nível das capacidades de vigilância e fogos.

A área de treino do CMSM, pela sua dimensão e tipologia do terreno que oferece, reúne condições ótimas para a realização de qualquer tipo de aprontamento e tipologia de operação, com particular destaque para as condições de treino que oferece a uma força pesada.

A coerência do planeamento e a evolução gradual do treino, num racional do simples para o complexo, bem como a procura do aperfeiçoamento da técnica individual de combate, integrada com a realização de tiro, começando pelas tabelas de adaptação, qualificação e de

combate, garantiram em larga medida a desejada certificação da Força no decorrer do Exercício ORION 16.

A co-localização das subunidades da BrigMec, característica única no Exército Português, garante a necessária celeridade para que, num curto período de tempo, se consiga constituir uma força coerente de armas combinadas.

Privilegiar o treino operacional de alta intensidade dá-nos melhores garantias de aptidões para cumprir qualquer tipologia de missão – alta, média ou baixa intensidade.

Os exercícios setoriais devem, sempre que possível, permitir validar o treino de Operações em Áreas Edificadas, a prevenção, reação e combate a *Improvised Explosive Devices* (IED), e privilegiar a manobra em detrimento da atrição.

CONCLUSÕES

A complexidade das situações de crise indica que a UE precisa ter capacidades, em todas as dimensões militares, para poder reagir de forma flexível e adaptável a cada situação e às tarefas que devem ser empreendidas.

As particulares características do CMSM garantem a obtenção do desejado rendimento dos meios, pessoal e material, para um compromisso desta envergadura. Através da continuidade do treino, a par da realização de exercícios de fogos reais, cuja principal finalidade se adequa na perfeição à validação de todo e qualquer ciclo de treino no que respeita à atual conflitualidade e para a qual se desejam forças pesadas com elevado índice de proteção mobilidade e poder de fogo. Em suma, uma força capaz de criar acentuado desequilíbrio com a sua capacidade de atuação e de resposta a qualquer tipo de ameaça.

Reforçado pela experiência acumulada ao longo dos últimos anos, com particular enfoque na implementação de uma verdadeira cultura de interoperabilidade, foi possível ao AgrMec EULRR 2016-2 demonstrar e comprovar a sua capacidade de integrar e operar diferentes sistemas de armas e níveis tecnológicos, consubstanciada numa prática de trabalho de armas de combinadas com décadas de experiência e em procedimentos normalizados, a par de um quadro comportamentos, atitudes e capacidade de relacionamento profundamente enraizado nos seus quadros e tropas

(FOTOGRAFIAS GENTILMENTE CEDIDAS PELO FOTOJORNALISTA BRYAN FERREIRA – WARRIORS.PT)

BIBLIOGRAFIA:

- EU *Military Rapid Response Concept*, EEAS 02168/4/14 REV 4, *Brussels*, 8 *January* 2015
- Diretiva N° 99/CEME/15 - Empenhamento Militar do Exército no Plano Externo (2016-2018), 24AGO15
- DIRETIVA Nº 01/CFT/16 - Diretiva do Comando das Forças Terrestres para o Biénio 2016-2017, 01JAN16
- DIRETIVA N° 42/CEME/16 - Forças Nacionais em Prontidão para a *European Union Land Rapid Response* 2016-2 e *European Union Battlegroup* 2017-2,18ABR16
- Relatório da CREVAL ao Agrupamento Mecanizado / EULRR 2016-2, 19JUL16
- ATP 3-90.5 (FM 3-90.5) – Combined Arms Battalion, Draft AGO14
- FMI 3-90.5 Appendix A - *INTEGRATION OF HEAVY, STRYKER, AND INFANTRY MANEUVER FORCES*, 15MAR05

Breves perspetivas para a Artilharia de Campanha

TCor Art Vítor Lopes
Cmdt GAC15.5 AP/BrigMec

AS ATUAIS OPERAÇÕES MILITARES

A atual conflitualidade, como comummente é designada, tem-se materializado na forma de ameaça irregular, assimétrica e híbrida, isto é, capaz de explorar uma multiplicidade de fatores, tanto civis como militares, naturalmente em seu próprio benefício, e recorrendo a "técnicas, táticas e procedimentos" assentes na manipulação da informação, na propaganda, na coação sobre a população, no terror e na criminalidade, fatores com os quais as forças militares têm procurado lidar e para os quais, durante anos, se têm preparado e adaptado. Para fazer face a estes cenários complexos, fortemente balizados por conceitos, regras e práticas, nomeadamente pela legitimidade da intervenção, opinião pública, "políticas" de zero-baixas, ausência de danos colaterais, elevados custos das campanhas, entre outras, surgiu uma tipologia de operações que nos transportaram para uma realidade diferente, muito focadas nas operações de estabilização, de apoio, e de imposição de paz.

Esta realidade, que por muitos ainda é designada como nova, impôs a adaptação das forças militares a essas mesmas formas e táticas de atuação, criando novos processos, metodologias e áreas do conhecimento militar, extensos programas de investimento e reequipamento, mas impondo também escolhas, com desinvestimento em outras áreas do saber e meios que, historicamente, sempre desempenharam um papel determinante nas operações de militares.

O novo paradigma refletiu-se naturalmente na evolução das Forças Armadas Portuguesas, particularmente no Exército, sendo a participação nacional em operações de paz amplamente reconhecida como um desafio e um esforço militar considerável, no cumprimento dos vários compromissos no seio das principais organizações de que Portugal é membro (ONU, OTAN, UE e OSCE). Esta tipologia de operações e o envolvimento nestas organizações, foram os grandes impulsionadores da adaptação e modernização das Forças Armadas em geral, e do Exército em particular, no pós-Guerra Fria.

Esta participação e integração, "impôs" ao Exército grandes mudanças nos domínios da sua organização e atividade (formação, operacional, equipamentos, logística, doutrina, etc.), realçou a necessidade de modernização do equipamento utilizado nos Teatros de Operações, e proporcionou um reforço da autoestima e satisfação profissional dos militares.

Contudo, a referida autoestima e satisfação profissional é de alguma forma limitada, face ao contexto de emprego e tipologia de forças requeridas para estas missões, baseada fundamentalmente nos elementos de manobra, restringindo naturalmente o emprego dos meios mais letais, reservados ao apoio de fogos.

A ARTILHARIA DE CAMPANHA NOS ATUAIS CONFLITOS

Os recentes conflitos, sobretudo no Afeganistão e Iraque, vieram reforçar a necessidade e a exigência de uma resposta rápida e eficaz do apoio de fogos às forças de manobra, sendo os números e estatísticas bem esclarecedores: cerca de 28% dos pedidos de apoio de fogos exigiram uma prontidão de resposta inferior a 2 minutos, e destes, 68% dos objetivos localizavam-se num raio inferior a 15km. Demonstraram ainda que, no caso do Afeganistão, 75 a 80% das baixas provocadas pela coligação às "forças opositoras" foram infligidas pelos meios de apoio de fogos (Artilharia de Campanha e *Close Air Support*). Estes factos confirmam e reforçam a importância da presença do apoio de fogos nos atuais cenários, com tendência para um maior emprego dos meios de apoio de fogos terrestres.

Neste âmbito, a Artilharia de Campanha de calibre 155mm continua a afirmar-se como o melhor compromisso entre as várias características que se pretendem reunidas num sistema de armas (custo, precisão, efeitos, alcance, mobilidade, etc.).

Mais recentemente, quando há menos de três anos o Estado Islâmico entrou no Iraque e capturou uma grande quantidade de equipamentos das forças iraquianas em Mossul, entre os quais, Carros de Combate, bocas-de-fogo de Artilharia de Campanha, e outros meios

O sucesso obtido pelo emprego de munições de precisão no Afeganistão, em particular o projétil M982 Excalibur, foi de tal forma imprevisto e positivo que veio ditar alterações profundas na organização para o combate e no emprego dos meios de apoio de fogos, tornando-se esta combinação (efeitos - rapidez - precisão) numa capacidade decisiva para os comandantes das unidades de manobra.

Embora com valores elevados, a rondar os 100.000 USD por munição, a decisão de emprego de uma munição Excalibur poderá representar a solução mais económica, face aos custos associados ao emprego das munições de precisão usadas pelos meios aéreos para a obtenção dos mesmos efeitos [33]. Os relatórios das missões de tiro comprovam a eficácia da M982 Excalibur que tenderá a corrigir o enviesamento criado pelo "excesso" de disponibilidade de missões de *Close Air Support* [34] às Forças em Operações.

de combate pesados, revelou uma significativa alteração na postura e potencial de combate, relativamente ao histórico recente de atuação por parte da Al Qaeda. Atualmente, a Artilharia de Campanha 155 mm norte-americana (4 obuses M777A2 - *Task Force Spartan*) projetada para apoio das Forças Iraquianas, é empregue diariamente, e assegura uma presença contínua no apoio às forças de manobra, reforçando os fogos da Artilharia iraquiana e curda, quer com munições explosivas, de precisão ou iluminantes, e garantindo respostas mais rápidas que os meios de apoio aéreo (aeronaves tripuladas ou não-tripuladas) e com um menor impacto ao nível do comando e controlo do espaço aéreo, ao permitir bater objetivos em profundidade, com flechas baixas, e consequentemente minimizando a necessidade de medidas de coordenação.

[33] Além do custo da própria munição, de acordo com o GEN James Conway, "*then Commandant of the Marine Corps, December 2009 issue of National Defense Magazine*", o custo de abastecer um F18 *Super Hornet* no Afeganistão (considerando os custos de segurança e transporte do combustível até ao TO) é de cerca de 800.000 USD.

[34] No Afeganistão a Força Aérea Norte-americana tem assegurado uma quantidade, fora do comum, de missões de *close air support* (CAS) devido à ausência de missões de interdição aérea e de luta aérea.

A par da Artilharia Norte-americana, o exército francês projetou forças de Artilharia de Campanha Autopropulsionadas 155 mm (4 obuses - *Caesar Task force*) para apoio às operações de combate. Durante a ofensiva sobre Mossul, no período de uma semana, realizou 48 missões de apoio de fogos, das quais 45 foram garantidas pela Artilharia de Campanha e apenas 3 pelo apoio aéreo francês.

Contudo, o atual emprego de forças de Artilharia de Campanha não se resume apenas aos territórios da Síria, Afeganistão e Iraque. Durante a Operação SERVAL (fase de imposição) e Operação BARKHANE (fase de estabilização) que o exército francês conduziu no Mali no início de 2013, o apoio de fogos garantido pela Artilharia de Campanha às suas forças de manobra revelou-se fundamental para o sucesso das mesmas. Com quantidades de munições consumidas muito idênticas em ambas operações (170 e 172 munições 155mm, respetivamente), na primeira fase esse apoio foi primariamente garantido com munições explosivas, enquanto na segunda fase foi sobretudo assegurado com munições não-letais, nomeadamente iluminantes e de fumos, com a finalidade de dissuadir os diversos grupos irregulares em atividade no Teatro, na montagem de emboscadas ou outras ações armadas.

Relativamente a esta aparente inovação na organização das unidades de Artilharia de Campanha em pequenas unidades (inferior a Bataria) e na forma diferenciada e adaptativa no emprego dos fogos a que os exércitos americano e francês recorreram nestes "modernos teatros" e contra estes "adversários não-convencionais", curiosamente, se recuarmos no tempo cerca de 40 anos e nos deslocarmos para sul do Mali, em concreto para os territórios da Guiné, Moçambique ou Angola, durante a nossa guerra colonial, verificamos que foi exatamente essa a forma como as forças de Artilharia de Campanha Portuguesas atuaram nesses Teatros de Operações. Maioritariamente subdividida em pelotões de artilharia de campanha e executando missões para dissuadir, desorganizar e flagelar o inimigo, na defesa afastada e próxima dos aquartelamentos (as *Forward Operating Bases* de então), no apoio aos movimentos e deslocamentos de colunas de viaturas e de forças apeadas, no apoio às operações ofensivas, na interdição de fronteiras, batendo linhas de infiltração, locais de refúgio e de abastecimento de água, entre outras.

OS ENSINAMENTOS

"*O nosso exército está em perigo de se tornar desequilibrado, com demasiada manobra e insuficientes fogos, e devemos efetuar as compensações necessárias para garantir que os nossos Soldados possam continuar a beneficiar do melhor apoio de fogos do mundo*"[35].

[35] Tradução livre do autor;

É com esta frase que três ex-Comandantes de Brigada [36] finalizam um memorando, dirigido ao Comandante do Exército Norte-americano, e onde na qualidade de Comandantes de Unidades de Manobra manifestaram as suas preocupações relativas à contínua e alarmante deterioração da Artilharia de Campanha no seio do seu Exército, que, embora tardiamente reconhecida, se tem revelado de igual importância tanto nos conflitos de alta-intensidade como no apoio às operações de contrainsurgência, *eventualmente até mais nas segundas, face à necessidade de rapidez e precisão*, referem ainda.

- Baseiam as suas afirmações em algumas das seguintes observações no seio da Artilharia de campanha Norte-americana:
- O apoio de fogos é considerado e/ou planeado em apenas 20% das operações (Ordens de Operações);
- Não são implementadas, mantidas ou monitorizadas quaisquer redes de apoio de fogos em operações;
- 90% dos artilheiros, servem fora das unidades / órgãos da sua Arma;
- Mais de 90% dos elementos de apoio de fogos (OAvs, OAF, SAF,..) não estão certificados;
- As guarnições não têm treino e são demasiado lentas e inexperientes, e qualquer tipo de incidente faz parar as operações;
- A cultura inerente à permanente procura em garantir a precisão dos fogos está erodida, patente na falta de compreensão para a necessidade da inclusão dos elementos da meteorologia na execução dos fogos;
- Falta de quadros ao nível dos Grupos de Artilharia de Campanha;
- Quebra do Sistema de Artilharia de Campanha, isto é, na cadeia entre a Aquisição de Objetivos – Comando e Controlo – Armas e Munições;
- Face às evidências apresentadas, estimam as seguintes causas, tendências e preocupações:
- As unidades de Artilharia necessitarão de apoio externo para recuperar os adequados níveis de treino, o que demorará entre 6 a 12 meses, pressupondo a dedicação exclusiva a esta tarefa;
- Os Ciclos Operacionais têm impedido a avaliação da maioria das unidades desde o final dos anos 90;
- A modularização tem colocado a responsabilidade de treino das unidades de apoio de fogos nos comandantes da manobra, que não dispõem das adequadas competências técnicas;
- Não existe um comando de artilharia de campanha para implementar padrões e procedimentos e coordenar recursos, ficando à responsabilidade dos comandantes de Grupo a gestão de munições, revisão doutrinária, formação em novos equipamentos, estudos para o reequipamento, manutenção do treino e qualificações diversas, entre outras responsabilidades.

As preocupações referidas por estes três experientes Oficiais, são transversais a outros exércitos, sobretudo europeus, e partilhadas em diversos *fóruns* militares de debate.

Ciente da desproporcionalidade, face à dimensão e empenhamento de forças em operações militares, entre Portugal e os Estados Unidos da América, sem dados e factos consolidados e a adequada análise dos mesmos, refugio-me na "convicção de autor de artigo de opinião", e arrisco afirmar que poderemos transpor as várias (senão todas!) preocupações acima listadas para a realidade da Artilharia de Campanha Portuguesa. Fica-me a curiosidade, para futuramente desenvolver, e fundamentar…

The way ahead*? ou *The wake-up call?

Os "ensinamentos" e preocupações anteriormente referidas, são consequência das diversas ameaças e conflitos que, durante mais de uma década, mobilizaram e "capturaram" todo o esforço e empenhamento das forças militares ocidentais para se adaptarem e tornarem competentes no combate das mesmas.

Contudo, "as novas ameaças" absorveram-nos de tal modo, que nos obcecaram e tornaram menos nítidas outras realidades aparentemente adormecidas. Agora, talvez mais despertos, os estados ocidentais começam a tomar consciência da(s) ameaça(s) "*peer*" emergente(s),

[36] Coronel Sean MacFarland, Comandante da 1st BCT 1 AD; Coronel Michael Shields, comandante da 172nd SBCT; e Coronel Jeffrey Snow, comandante da 1st BCT, 10MNT

materializadas nas suas (Rússia e China) enormes capacidades militares, desenvolvidas ao longo deste período.

Colocam-se-nos então diversas questões: estaremos de facto a assistir ao despertar de "velhos fantasmas"? qual será o próximo "novo ambiente operacional"? quanto tempo demorará a revelar-se e quanto tempo durará? Estaremos preparados para tal? Neste campo, aparentemente, a incerteza é a única certeza!

Os estados ocidentais, sobretudo os europeus, deparam-se atualmente com esta ambiguidade. Ao longo de anos prepararam-se para os conflitos de contrainsurgência, investindo sobretudo em forças ligeiras-médias, e atualmente não estão preparados para um conflito generalizado contra a aparente ameaça pesada-mecanizada russa. Num recente fórum internacional [37] de debate no âmbito da Artilharia, o Brigadeiro Paul Tennant (NATO ARRC HQ) partilhou alguns dados relativos a um Estudo de Situação de Informações sobre a Rússia. No início dos anos 90, o Potencial Relativo de Combate de Artilharia de Campanha entre a Rússia e o Reino Unido era de cerca de 14:1; atualmente é de 120:1. Também noutras capacidades, classificou as diferenças de potencial como "assustadoras", nomeadamente ao nível da Guerra Eletrónica e SIGINT, face à nossa dependência de meios eletrónicos; ao nível dos *Unmmaned Aircraft Systems* (UAS), com 16 diferentes tipos de equipamentos, incluindo de ataque; ao nível da Artilharia Antiaérea, impossibilitando qualquer força opositora de obter sequer a superioridade aérea, entre outras.

A capacidade ocidental de reação às contínuas "novas ameaças" tem sido demasiado lenta, e os processos de edificação das correspondentes capacidades (aquisição de novos equipamentos), sujeitos a processos altamente burocráticos e subordinados a fortes constrangimentos orçamentais. Sucessivamente, nos diferentes níveis de planeamento, vemos os exércitos ocidentais projetados para 2030 ou 2035, com ciclos e metas a 20 ou 30 anos, sobretudo ao nível do reequipamento. A redundância de outrora, deu lugar ao duplo uso à otimização de recursos, à redução de efetivos e materiais, etc… Muitas destas medidas foram levadas ao limite, e reduzidas à elementar necessidade do cumprimento dos compromissos nacionais perante as organizações a que pertencem.

Contudo, verificamos que em 10 anos tudo mudou, e que os ciclos são cada vez mais curtos, com maior imprevisibilidade e complexidade.

Embora sejam inúmeras as incertezas, parece certo que é necessário voltar a garantir e reforçar as capacidades "convencionais" dos exércitos ocidentais. Os atuais conflitos fomentaram a perceção de uma alteração relativamente perene no padrão das operações militares, e o desinvestimento nas forças pesadas, em geral, e na Artilharia de Campanha, em particular, surgiu como a solução lógica e a natural consequência dessa mudança. Perante o recrudescer desta consciência de nova "velha ameaça", por muitos partilhada, estou convicto de que irão ocorrer alterações significativas ao nível das prioridades estratégicas e respetivos *timings* associados, sendo o reinvestimento e modernização da Artilharia de Campanha uma mudança inevitável, mandatória e que terá de ocorrer a curto prazo.

Ao nível dos diversos vetores de desenvolvimento, nomeadamente no que concerne à **liderança**, **doutrina e organização**, algumas nações, como a França e o Reino Unido, estão a reintroduzir o nível divisionário, mantendo dentro da divisão uma ou duas brigadas com elevada prontidão e capacidade expedicionária.

Cientes da necessidade de garantir as adequadas qualificações para o emprego dos meios de apoio de fogos, no vetor de desenvolvimento **pessoal**, terá de continuar a aposta na formação e certificação, com destaque para os elementos dos diferentes níveis do planeamento e coordenação do apoio de fogos, e ênfase na preparação e emprego ao nível *joint*. Quanto ao **treino operacional** a otimização dos recursos dita que cada munição de Artilharia consumida tem necessariamente de preparar e treinar simultaneamente o Servente, o Comandante de Secção, os elementos do Posto Central de Tiro, os Observadores Avançados, e os Comandantes da Manobra apoiada.

No âmbito dos **equipamentos**, mantém-se a necessidade de modernização dos sistemas de armas, substituindo os equipamentos obsoletos, atualizando os restantes e assegurando a adequada cadeia de sustentação e manutenção para os mesmos, única forma

[37] *Future Artillery Conference* 2016.

de garantir o cumprimento dos atuais requisitos operacionais. Ainda neste âmbito, assumem particular importância as munições de precisão, os sistemas de aquisição de objetivos e de controlo direcional (Radares, Meteorologia, Topografia), fundamentais para garantir a precisão e prontidão de resposta. Ao nível das **infraestruturas**, os sistemas de simulação, sendo importantes, não deverão ser encarados como substitutos da execução de fogos reais, para os quais é necessário manter ativos os adequados campos de manobras que permitam o emprego de diversos meios e tipologia de fogos aéreos e terrestres.

Por último, como vetor integrador dos restantes, a **interoperabilidade**, que se mantém central e prioritária, e deverá ser materializada quanto antes, nomeadamente ao nível dos sistemas de comando e controlo perfeitamente interoperáveis, única forma de conferir a capacidade efetiva para trabalhar em conjunto, com procedimentos e linguagem comuns, e integrar as diferentes componentes dos sistemas de apoio de fogos e as forças da manobra apoiada, gerando potencial de combate, além do simples aumento da quantidade de meios.

A história, os ensinamentos, e os desenvolvimentos tecnológicos ao nível das armas e munições, reforçam o papel da Artilharia de Campanha como o mais completo, flexível e adaptável meio de apoio de fogos ao dispor de um comandante da manobra, mantendo-se inalterável o seu estatuto de "*ultima ratio regis*".

BIBLIOGRAFIA

- Brigadier Simon Humphrey OBE Head Combat Support, Army Headquarters, UK Army, The Royal Artillery beyond 2035;
- Colonel Manfred Dietmar Felber, Head of Joint Fire Support/Indirect Fire Section, Office for Army Development, German Army, Common Indirect Fires and the Future of the German Army Artillery 2030+
- Major Charles Tardy-Joubert, Artillery Capability Branch, Artillery School, French Army, A New Operational Concept for Mobile, Long Range Fire Support
- Carlos Martins Branco, A participação de Portugal em Operações de Paz. Êxitos, Problemas e Desafios.
- MacFarland, Fields & Snoe White Paper, 2007, The King and I: The impending Crisis in FA ability to provide FS to maneuver Commanders
- STRICKLIN, MG (Ret) Toney, Employment of the M982in Afghanistan: US Army and Marine Corps differences, Fires Magazine, Pag 16-19, Jan-Feb2012, in sill-www.army.mil/firesbulletin/

CAMELO
CAFÉS

O Campo Militar de Santa Margarida Renova Certificação Ambiental

Maj Inf Morgado Ferreira
Chefe SOIS/CMSM

INTRODUÇÃO

O Campo Militar de Santa Margarida (CMSM) é o maior campo de treino de armas combinadas em Portugal e um dos maiores da Europa. É ainda um candidato regular ao Prémio "Defesa Nacional e Ambiente" (PDNA) desde 1996, tendo sido premiado em 1996, 1998 e 2003, sendo que neste último, obteve pela terceira vez o PDNA com a candidatura "Atividades Ambientais desenvolvidas em 2003", (baseada na otimização da gestão de todo o património ambiental, com vista à implementação de um Sistema de Gestão Ambiental).

É, pois, bem patente o reconhecimento público do trabalho desenvolvido pelo CMSM na preservação e proteção ambiental.

O processo da Certificação Ambiental foi o corolário de três anos de intensos trabalhos e diligências, para que as questões ambientais tivessem o acompanhamento apropriado, e o claro compromisso do Campo Militar em respeitar e cumprir o que esteja legalmente estabelecido para a preservação do ambiente, tudo fazendo no máximo respeito pelo ambiente, complementado com medidas de proteção da fauna e flora existentes no espaço físico do Campo Militar.

NORMA NP EN ISO 14001

A Norma NP EN ISSO 14001 especifica os requisitos relativos a um Sistema de Gestão Ambiental (SGA), para permitir que uma organização desenvolva e implemente uma política e objetivos, tendo em conta os requisitos legais e outros requisitos que a organização subscreva, e informação sobre os aspetos ambientais significativos, aplicando-se aos que a organização identifica como sendo aqueles que pode controlar e que pode influenciar.

Esta Norma não define por si só critério e é aplicável a qualquer organização que pretenda:

- Estabelecer, implementar, manter e melhorar um sistema de gestão ambiental;
- Assegurar-se da conformidade com a sua política ambiental;
- Demonstrar conformidade com esta Norma:
    - Efetuando uma autoavaliação e auto declaração, ou
    - Procurando obter a confirmação da sua conformidade por entidades com interesse na organização, tais como clientes, ou
    - Procurando obter a confirmação da sua auto declaração por uma parte externa à organização, ou

- Procurando obter a certificação/registo do seu sistema de gestão ambiental por uma organização externa.

Todos os requisitos têm como finalidade a incorporação em qualquer SGA. O grau de aplicação depende de diversos fatores, tais como a política ambiental da organização, a natureza das suas atividades, produtos e serviços e sua localização e as condições em que funciona.

CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL

As atividades desenvolvidas pelos militares em tempo de paz são suscetíveis de causar problemas ambientais gerais, equivalentes a outras atividades da sociedade em geral, podendo, decorrente da atividade operacional surgir problemas ambientais mais específicos.

A promoção e concretização de ações de proteção ambiental de modo a atingir-se um desenvolvimento sustentável no CMSM foi considerado um projeto estratégico para o Exército; nesta sequência, foi formalmente iniciado em 2001, o projeto de implementação de um SGA, em conformidade com o referencial normativo NP EN ISO 14001.

Na 1.ª fase deste projeto realizou-se um pormenorizado diagnóstico ambiental, tendo por base as várias atividades desenvolvidas no Campo Militar e a identificação dos impactos ambientais daí resultantes, permitindo assim, estabelecer prioridades para a definição de objetivos e metas, facilitar o seu planeamento e controlo, bem como reforçar a capacidade para se adaptar à mudança.

Após elaboração da parte documental do SGA, foi necessário adaptar uma estrutura orgânica com atribuições e responsabilidades para proceder à implementação do Sistema. Implicitamente, desenvolveram-se ações prioritárias, designadamente:

- A definição de uma Política Ambiental, da autoria do Comando do Campo Militar;
- A integração da componente Ambiente no desenvolvimento das atividades militares;
- O cumprimento da legislação ambiental em vigor;
- A formação/sensibilização do pessoal militar e civil que presta serviço no CMSM.

Para garantir que o SGA estava adequado e ajustado à realidade do Campo Militar, procedeu-se a um conjunto de verificações a nível das várias unidades militares que integram o CMSM, denominadas por auditorias internas, o que permitiu ajustar práticas e efetuar as necessárias correções e melhorias. Após a consolidação do Sistema e a obtenção de evidências que permitissem a uma entidade externa, acreditada para o efeito, avaliar a sua conformidade de acordo com a norma ISO 14001, foi decidido avançar para a desejada CERTIFICAÇÃO AMBIENTAL.

No ano de 2004 o SGA do CMSM foi certificado no âmbito da Norma EN ISO 14001:1999 pela Associação Portuguesa de Certificação (APCER).

O SGA pode ser definido como a componente do sistema global de gestão que inclui a estrutura organizacional, as atividades de planeamento, as responsabilidades, as práticas, os procedimentos, os processos e os recursos para desenvolver, implementar, atingir, rever e manter a política ambiental.

A obtenção deste certificado, por parte do CMSM, constitui um marco importante para a instituição militar, dado tratar-se da **segunda** unidade militar que obtém esse reconhecimento externo de conformidade ambiental. Permite-nos também afirmar que esta unidade do Exército implementou um sistema de gestão cujo âmbito visa a melhoria contínua do seu desempenho ambiental, designadamente no que diz respeito ao cumprimento da sua missão, complementada com atividades de proteção e preservação da fauna e flora existentes no seu espaço físico.

Esta certificação é, simultaneamente, sinónimo de uma preocupação louvável no sentido da preservação dos seus mais de 6.700 hectares, onde se inclui uma magnífica mancha florestal e onde se abrigam importantes espécies da fauna cinegética que têm convivido pacificamente com as atividades inerentes ao campo, desde a sua fundação, há precisamente 65 anos.

O SGA que o CMSM publicamente assume, permite-lhe estabelecer uma política adequada à sua própria realidade, adotando soluções que visam a redução de custos e de riscos inerentes ao seu funcionamento, contribuir para a melhoria da imagem da instituição militar, constituindo-se assim numa referência e incentivo para as restantes unidades do Exército.

Abrangendo uma área de cerca de 67 Km^2 e uma população de aproximadamente 1300 militares, o SGA do CMSM tem como objetivo primordial assegurar o cumprimento da legislação ambiental vigente e da política ambiental definida, que inclui, entre outros, o compromisso da prevenção, da redução do consumo dos recursos naturais e melhoria contínua.

Existem, no CMSM, exemplos únicos, a nível do Exército, de preservação de recursos naturais:

- Eliminação das fossas sépticas;
- Construção de uma ETAR;
- Rede de Ecopontos;
- Encerramento de uma lixeira, passando os RSU a ser encaminhados para o aterro intermunicipal à data existente;
- Sistema de Lavagem de Carros de Combate, que permite poupar milhões de litros de água por ano;
- Um sistema de lavagem evitando que centenas de litros de óleo entrem na rede de saneamento básico do CMSM através da implementação de separadores de hidrocarbonetos;
- Reflorestação e ordenamento da área florestal do Campo;
- Preservação das espécies cinegéticas;
- Programa de erradicação das *háqueas* (*Hakea Sericea*) e acácias (*Acacia*);
- A realização da Semana do Ambiente, dinamizada desde 1996 até ao corrente ano.

Todas estas ações e iniciativas do CMSM contribuem de forma significativa para o equilíbrio ambiental que se pretende que exista entre a diversidade ecológica/ambiental e a operacionalidade exigida à BrigMec.

CONCLUSÃO

Como objetivo estratégico do Exército, o SGA implementado pretende contribuir para a proteção do meio ambiente e para o seu desenvolvimento sustentável; assegurar a melhoria contínua das suas práticas ambientais e a prevenção da poluição; considerar os aspetos ambientais em todos os processos de tomada de decisão; integrar requisitos ambientais no planeamento e realização de exercícios e operações; gerir a atividade do CMSM de forma sustentável em termos ambientais; garantir a formação e sensibilização ambiental do seu pessoal; cumprir a legislação e regulamentação ambiental em vigor e outros normativos e/ou requisitos que o Exército ou o CMSM subscrevam; melhorar a gestão dos resíduos, aplicando critérios de redução, reutilização e reciclagem; prevenir a contaminação de solos e águas subterrâneas e superficiais durante o desenvolvimento das suas atividades; gerir adequadamente as águas residuais com o objetivo de prevenir e reduzir, a sua carga contaminante; permitir conhecer e cumprir a legislação ambiental; racionalizar recursos energéticos; reduzir os custos e riscos ambientais através da prevenção e melhorar a notoriedade e imagem do CMSM como ativo estratégico do Exército.

A escolha pelo ambiente é uma questão de vanguarda. Os valores ambientais e as práticas ecológicas marcam o pensamento contemporâneo, no ambicioso equilíbrio do desenvolvimento sustentável das Nações.

caima
Indústria de Celulose, S.A.

Atividades de Moral e Bem-Estar, como contributo para a melhoria do desempenho em Operações.

Maj Art Hugo Batista
Oficial Operações 2BIMec/KFOR

ENQUADRAMENTO

Enquanto Oficial de Pessoal do KFOR *Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* (KTM), e tendo como referência a experiência vivida entre 28 de setembro de 2015 e abril de 2016, pretendo através da elaboração deste artigo, partilhar a importância da manutenção do moral e bem-estar dos militares integrados nesta Força Nacional Destacada (FND) como contributo para a melhoria do desempenho das respetivas funções. Os 315 militares (181 portugueses e 134 húngaros), de forma geral e voluntária, aceitaram esta missão, mas implicitamente sujeitaram-se a um afastamento das respetivas famílias, amigos, camaradas e principalmente dos seus costumes. Sem entrar pelo conceito filosófico ou científico, e se recorrermos a um simples dicionário 38 da língua portuguesa, surgem as duas seguintes definições:

A Moral

"…conjunto das convicções e dos costumes que determin am a conduta de um indivíduo ou de um grupo social."

O Moral

"…a disposição individual ou coletiva (da depressão profunda à confiança plena) para enfrentar desafios ou dificuldades."

Militares da ACoy – Equipa vencedora das 24H *Running*

MORAL E MORAL

A moral, como definição apresentada, está relacionada diretamente com a conduta de um indivíduo ou grupo social, uma vez que poderá representar as suas convicções ou costumes. O indivíduo ao encontrar-se afastado dos seus costumes, não tem obrigatoriamente que se desligar das suas convicções, mas quem sabe aliar-se e fortalecer os seus princípios morais que o sustentam e que defende, e fomentar assim novos costumes que gradualmente irão contribuir para o enriquecimento de relações saudáveis e harmoniosas do grupo em que se insere. Ora, qualquer indivíduo, por empatia que seja, ao

[38] Dicionário *online* na internet disponível em: http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/moral?express=retirar+se.

predispor-se à promoção de situações, em que coloque à prova a sua capacidade como ser humano, de mutuamente aceitar a troca de experiências com outro indivíduo ou grupo social, estará a contribuir para que no futuro **o** moral seja elevado para enfrentar situações do novo quotidiano, situações resultado de um conjunto de ações praticadas todos os dias e que constituem uma rotina.

PLANO DE MORAL E BEM-ESTAR

No pré-deslocamento do KTM/KFOR, uma das tarefas do Oficial de Pessoal foi elaborar um plano de todas as atividades a implementar no Teatro de Operações (TO), com a finalidade de combater a rotina inerente ao novo quotidiano e por consequentemente promover um relacionamento saudável e harmonioso entre os militares do KTM. Este plano teve como referência o plano de moral e bem-estar e experiência vivida pela força antecessora, e o contributo dos militares que já tinham experienciado outras missões. Sendo a minha primeira experiência numa FND, arrisco-me a dizer que a motivação é a força motriz para executar qualquer plano de moral e bem-estar. Hoje, posso constatar uma alteração de aceitação relativamente à integração das atividades de moral e bem-estar durante o planeamento e execução das operações. Durante o pré-deslocamento foi-me transmitida a importância do moral e bem-estar como ferramenta de suporte à missão de 6 meses fora do Território Nacional, pelo que o plano embarcou no dia 28 de setembro de 2015 para o TO. Mas, já em TO, e apesar da recetividade e apoio do Comando do KTM em todas as atividades a planear e implementar, senti uma certa resistência relativamente à participação nas atividades de moral e bem-estar, situação que se diluiu ao longo da missão. Nas primeiras semanas tentei compreender o porquê, recolhendo várias opiniões, entre diversas razões, o tempo disponível, a calendarização, o efetivo autorizado, a adequação, o destino, o conceito, os apoios externos, razões estas que resumo a um conceito só, a adaptação. Não obstante que a aceitação do plano de moral e bem-estar em paralelo às outras atividades, a vontade de participação pelo próprio indivíduo e a gestão do tempo disponível tornam-se princípios fundamentais ao desenvolvimento de qualquer plano de moral e bem-estar. Tanto que, com o decorrer do tempo, a participação nas atividades foi manifestando-se gradual e positiva. Outros condicionamentos levantaram-se, próprios do TO, tais como, o empenhamento do transporte coletivo do escalão superior em outras atividades em simultâneo, as restrições operacionais da atualidade no Kosovo, a incompatibilidade de calendário, etc. O Plano de Moral e Bem estar da força, foi aplicável aos dois contingentes, português e húngaro e integrou uma diversidade de atividades, aberta à participação de todos os militares do KTM e dos militares portugueses que prestam serviço na KFOR, seja na preparação como na execução, tais como, excursões pelo Kosovo (campos militares, pontos turísticos, compras, etc), festas alusivas a efemérides, jantares convívio, festas de aniversários, participação em eventos desportivos e lúdicos em outros campos, torneios (ping-pong, snooker, poker, sueca, matraquilhos, etc), concursos de fotografia, *paintball*, desportos coletivos, noite de bingo, cinema, missa, coro, banda de música, e de forma pontual o Programa de Moral e Bem Estar de Fim de Ano 2015.

A IMPORTÂNCIA DO MORAL E BEM-ESTAR

Todos nós tentamos defender uma imagem que construímos e que segundo a nossa avaliação é a mais correta e socialmente aceitável. Pois esta imagem é produto de um conjunto de valores e princípios que sustentam a nossa personalidade como ser humano. Tudo começa no aprontamento de uma força, fase esta que provoca os primeiros sinais de alteração de costumes, tais como, transferência de unidade, alteração de funções, novos horários de trabalho, planeamento familiar, etc. Se juntarmos 181 personalidades, no mesmo espaço, tempo e contexto, é naturalmente aceitável que se manifestem 181 atitudes, comportamentos, boas ou más práticas. O estado final desejado do Plano de Moral e Bem-Estar foi o equilíbrio comportamental do indivíduo e por sua vez do grupo como um todo, independentemente das suas origens.

No entanto, sendo o grupo o alvo principal há que manter um estado de atenção permanente para o indivíduo, transversal a todos os escalões e agir personalizadamente, se necessário. A responsabilidade de avaliar o moral e bem-estar dos militares é da força como um todo, é cónica, tal como o levantamento de atividades a propor ao Comandante da Força, para sua implementação e combate da rotina que todos estamos sujeitos, inerente ao quotidiano vivido em missão. Existem fórmulas científicas, estudos filosóficos, e fármacos que poderiam fazer parte da solução para um problema já identificado, no entanto é na prevenção que proponho atuarmos no que diz respeito à manutenção do moral e bem-estar da Força, evitando assim que o

"inverno" chegue mais cedo. A prevenção torna-se um critério para o sucesso quando transversal ao pré-deslocamento, deslocamento e pós-deslocamento das FND's.

A moral és tu. O moral somos todos.

até ao Fim do Mundo
www.ateaofimdomundo.com

Engifrio
Sociedade de Refrigeração

A Brigada Mecanizada e a NATO. 39 anos de exercícios combinados

EM QG/BrigMec

1. INTRODUÇÃO

Quando se celebram os 39 Anos da Brigada Mecanizada (BrigMec), herdeira da do historial e tradições da Divisão Nun'Álvares, e dois anos após a realização do último grande exercício da *North Atlantic Treaty Organization* (NATO) em Portugal (exercício *TRIDENT JUNCTURE* 15), em que uma das fases ocorreu no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), considera-se importante revisitar a ligação intrínseca entre o CMSM, enquanto área de treinos e a BrigMec, enquanto unidade operacional, com a NATO.

Este artigo tem o objetivo de analisar a participação da BrigMec em exercícios conduzidos sob a égide da NATO, evidenciando o papel relevante que esta Brigada sempre desempenhou, para a satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal. O artigo assume um caráter iniciador relativamente a um projeto, na medida em que no próximo ano, a BrigMec celebra os seus 40 anos, momento marcante pela data, mas também pela relevância acrescida que as forças pesadas voltam a assumir no seio da Aliança, da qual Portugal faz parte desde o primeiro momento.

A ligação entre Portugal e a NATO assume especial relevo numa altura em que a evolução da conjuntura internacional se carateriza pela emergência de situações de conflitualidade ou tensão, incluindo no continente Europeu, conforme se verificou nos casos da Geórgia e da Ucrânia. Estas situações têm suscitado por parte das organizações internacionais de que Portugal é membro, uma crescente preocupação e um apelo à melhoria da prontidão das forças militares, onde assumem destaque as *Assurance Measures*[39] através da concretização de grandes exercícios conjuntos e combinados e projeção de forças com carácter preventivo para a região dos países bálticos.

Todo este cenário tem ligações com um período marcante na história da BrigMec, nomeadamente as décadas de 80 e 90 do século passado, quando nessa altura se assistiu ao treino operacional combinado que resultou numa força motriz de desenvolvimento técnico e tático que contribuiu para atualização de conhecimentos e práticas de muitas gerações de quadros do Exército.

Ao longo do texto a expressão "Brigada Mecanizada" é utilizada de uma forma genérica, propositadamente, porque durante o período em análise a Unidade Operacional, de escalão Brigada que ocupou (e ocupa) o CMSM, conheceu diferentes designações e estruturas orgânicas. Em 1976 foi designada por 1ª Brigada Mista Independente (1ª BMI), em 1994 passou a adotar a designação de Brigada Mecanizada Independente (BMI) e em 2006 adotou a atual designação de BrigMec.

O artigo está organizado em cinco capítulos. No primeiro é feita uma introdução ao tema. O segundo apresenta um enquadramento histórico da adesão de Portugal à NATO, que motivou profundas alterações no Exército e consequentemente na necessidade da modernização do sistema de forças. No terceiro é feita uma sistematização, através de períodos temporais, da participação do Exército, e da BrigMec, na NATO. O quarto enuncia descreve de modo sucinto os principais exercícios operacionais que, ao longo de um período de cerca de

[39] Em 2014, na Cimeira de Gales, a NATO estabeleceu um *Readiness Action Plan* (RAP) para garantir uma resposta pronta e credível, se necessário, face aos novos desafios. Este plano engloba um conjunto de medidas, entre as quais as designadas *Assurance Measures*, que consistem em atividades militares nos territórios de países da NATO na Europa Central e de Leste. Informação disponível na internet em: http://www.shape.nato.int/readiness-action-plan

quase quatro duas décadas foram executados no âmbito da NATO e nos quias a Brigada mecanizada participou com as forças. Finalmente, no quinto capítulo são apresentadas as conclusões.

2. CONTEXTO HISTÓRICO DA ADESÃO DE PORTUGAL À NATO

Após a devastação social, económica e política ocorrida na 2ª Guerra Mundial (IIGM) e consequente redefinição de fronteiras, as Forças Armadas (FAA) dos países Europeus não são mais que uma "soma de Fraquezas". Existe o verdadeiro sentimento que a Europa está militarmente à mercê da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e sem possibilidades de travar um possível avanço desta em direção ao Ocidente (Ramalho, 1999: 21).

No dia 4 de abril de 1949, os ministros de 12 países reunidos em Washington assinaram o tratado do Atlântico Norte, nascendo assim a NATO que passou a congregar os países signatários, numa ação coletiva para a defesa comum e preservação da paz e segurança. Portugal foi um dos países signatários do acordo [40], fazendo parte do elenco inicial que viriam a juntar-se mais tarde, em 1952 a Grécia e a Turquia, em 1955 a República Federal da Alemanha e em 1982 a Espanha. Mais tarde, em março de 1999, formalizou-se a adesão da Hungria, Polónia e da República Checa, em março de 2004 aderiram a Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e a Eslovénia. No dia 1 de abril de 2009 aderiram à Aliança a Albânia e a Croácia . Atualmente a NATO conta com 28 membros[41].

A preocupação inicial primordial da organização consistia na construção de um eficaz sistema de defesa coletiva, com capacidade de oposição à pressão política e militar exercida pela URSS no continente Europeu. Fruto desta preocupação, os países membros vão edificar uma organização militar materializada numa estrutura de comando unificada e dando início à recuperação, adaptação e modernização das suas FAA para fazer face à ameaça identificada.

No dia 20 de fevereiro de 1952 reuniu-se em Lisboa o conselho da NATO, tendo como ponto principal da ordem do dia a análise coordenada dos planos de defesa. Dentro dos acordos assinados, coube a Portugal a mobilização e treino de uma Divisão, a ser atribuída como reserva do comando do centro da Europa (AFCENT – *Allied Force Central Europe*) que dependia do Comando Supremo Aliado da Europa (SACEUR– *Supreme Headquarters Allied Powers Europe*).

3. A PARTICIPAÇÃO DA BRIGADA MECANIZADA NA NATO

Este capítulo tem como referência, entre outras, uma publicação do Estado-Maior do Exército (EME) de 1983 com o título "30 anos de contribuição do Exército Português para a NATO", onde é feita uma sistematização por períodos de tempo. Com base nesta metodologia, considera-se adequado estender a análise até aos nossos dias, mas com o foco na participação da BrigMec.

O **primeiro período**, de 1953 a 1961, assiste à formação da 1ª Divisão do Corpo Expedicionário Português. É também neste período, em 1951[42], que é tomada a decisão para a criação de um campo de instrução militar iniciou-se, tendo os trabalhos sido iniciados, em maio de 1952, pela engenharia militar. Em 3 de outubro de 1953 foi içada pela primeira vez a Bandeira Nacional no aquartelamento da 1ª Divisão do Corpo Expedicionário Português, tendo a Divisão adotado como patrono D. Nuno Álvares Pereira, ficando a Unidade conhecida pela designação do seu Patrono.

Em 1954, por ter sido reconhecido que a instrução deveria depender sob a responsabilidade do seu comandante, foi posto de lado o sistema de mobilização em todas as regiões militares e foram designadas determinadas unidades para assumir os encargos de mobilização. Este motivo levou a que o comando da Divisão fosse atribuído ao comandante da região militar que mobilizava o núcleo principal de forças, tendo tal responsabilidade sido cometida ao comandante da 2ª Região Militar sedeada em Tomar. A Unidade passou então a designar-se 2ª Divisão Nun'Álvares. Em dezembro de 1954, tendo em vista a atribuição da mobilização do núcleo principal à 3ª Região Militar, para as unidades

[40] Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Países Baixos, Portugal e Reino Unido.

[41] Informação disponível na Internet em: http://eur-lex.europa.eu/summary/glossary/nato.html?locale

[42] Por decisão do General Abranches Pinto (Diretiva inicial do Ministro do Exército -de 17 de fevereiro de 1951).

estarem mais próximas de Santa Margarida, a designação passou a ser de 3ª Divisão. É 1957 que o Quartel-General da 3ª Divisão se fixa definitivamente no CIMSM, e é também a partir deste ano que tiveram lugar os primeiros exercícios combinados, com forças militares da República Federal da Alemanha e dos EUA.

O **segundo período**, de 1961 a 1976, é marcado pelo esforço do Exército para a preparação de unidades para a guerra em África. Os acontecimentos de 1961 solicitaram ao Exército a rápida mobilização de unidades capazes de combater, E naturalmente a escolha recaiu sobre as Unidades da 3ª Divisão que, de facto, na altura representavam o que de melhor tinha o Exército português, quer na vertente do treino, quer do equipamento. Estamos a falar dos Batalhões aquartelados nos RI2, 7 e 15. Só a partir de 1968 é que o CMSM começa, através do Regimento de Cavalaria 4 a participar na guerra colonial. Durante estes anos, o Exército vai utilizar o CIMSM[43] como campo de instrução privilegiado para o treino de tropas a projetar para cenários relacionados com os teatros africanos e com foco no treino de táticas de contraguerrilha. Apesar da orientação do esforço estar na preparação de forças militares para a guerra em África, ainda foi possível realizar exercícios, nomeadamente nos anos de 1962 e 1963, relacionados diretamente com a colaboração de Portugal na NATO.

O **terceiro período**, de 1976 a 1994, corresponde à revisão e reestruturação do esforço militar para a NATO e à organização de uma nova grande Unidade. A ideia da substituição da 3ª Divisão por outro tipo de Grande Unidade (GU) data da década de 60, mas a constituição dessa unidade é feita em 1976, com a 1ª Brigada Mista Independente (1ª BMI)[44]. A organização da Brigada inicia um novo ciclo de esforço de equipamento que virá a ser obtido na sua maior parte de países da NATO, nomeadamente da República Federal da Alemanha, da Itália, do Reino Unido, dos EUA, do Canadá e da Noruega (Ramalho, 1999:113).

Esta nova organização salientava os diferentes graus de mobilidade e proteção das suas unidades, sendo constituídas por unidades equipadas com viaturas de rodas e de lagartas, artilharia rebocada e autopropulsionada que evidenciavam a característica de ser mista. A Brigada contava com um efetivo de cerca de 5800 homens, baseado no serviço miliar obrigatório. A 1ª BMI participou por diversas vezes em exercícios conjuntos e combinados no contexto da missão que lhe estava atribuída, nomeadamente como reserva estratégica regional do Comando do Sul da Europa (AFSOUTH - *Allied Forces Southern Europe*)[45].

O **quarto período**, de 1994 até à atualidade, marca o início de uma crescente participação militar do Exército em operações no exterior, no âmbito das chamadas novas missões em apoio da política externa do Estado e satisfação dos compromissos internacionais assumidos (Rocha, 2000: 73). É o ano de 1994 que marca a preparação formal da componente operacional do Exército para emprego no âmbito das operações de apoio à paz[46]. Consequentemente, é a partir desta altura que são desenvolvidos todos os esforços no seio da Brigada Mecanizada Independente (BMI) para a preparação, treino e projeção de forças nacionais destacadas para vários Teatros de Operações (TO).

Em março de 1994 a 1ª BMI passa a designar-se por BMI, com efeitos desde 12 de outubro de 1993. Comparativamente com a anterior estrutura, a Brigada deixa de ser mista e passa a possuir organicamente dois batalhões de infantaria mecanizados, passando de uma estrutura quaternária para uma estrutura ternária. Apesar da redução de unidades de manobra, o potencial de combate é aumentado à custa dos sistemas de armas que passam a equipar a Unidade, designadamente os CC M60A3TTS.

A origem desta transição está relacionada com dois factos. Em primeiro lugar assiste-se ao surgimento de uma nova ordem mundial com a extinção do Pacto de Varsóvia e da União Soviética. Decorrentes destes acontecimentos, foram estabelecidos os acordos de redução de armamento convencional na Europa[47]. No âmbito destes acordos, Portugal viria a receber com diversos tipos de equipamento e viaturas. O segundo fator esteve relacionado com aprovação e aplicação da 2ª Lei

[43] Em 1976, o CIMSM adotou o nome de Campo Militar de Santa Margarida (CMSM).

[44] O decreto-lei nº91/1978, de 11 de maio, formaliza a 1ª Brigada Mista Independente.

[45] Em 2004, no contexto da reorganização da NATO, o AFSOUTH foi reestruturado e deu lugar *ao Joint Force Command* (JFC) *Naples*. Informação disponível na internet em: https://www.jfcnaples.nato.int/

[46] Diretiva de 13 de outubro de 1994.

[47] *Treaty on Conventional Armed Forces in Europe (CFE)*

de Programação Militar (LPM) que viabilizou a atribuição de recursos financeiros de forma a proceder a alterações na estrutura e organização da BMI.

4. TREINO OPERACIONAL COMBINADO NO ÂMBITO DA NATO

Neste capítulo apresentamos de uma forma muito sintética a enumeração dos principais exercícios conduzidos sob a égide da NATO, nos quais a Brigada Mecanizada participou ao longo da sua existência de quase quatro décadas. Para além da anterior classificação, das fases de participação na NATO, podemos ainda considerar para os efeitos deste capítulo dois períodos distintos.

Um **primeiro período** em que a Unidade esteve vocacionada para o emprego num contexto convencional (sobretudo nas décadas de 80 e 90) e outro período, a partir 1995, em que o foco esteve na participação nas denominadas Operações de Apoio à Paz (OAP), mas no qual foi possível garantir a continuidade do treino para as operações convencionais.

Os primeiros exercícios com forças militares da NATO tiveram lugar a partir de 1957. Inicialmente foram realizados sob a forma de exercícios de postos de comando (CPX – *Command Post Exercise*). No ano de 1957, de 15 a 30 de março, a então 3ª Divisão participou no exercício "*LION NOIR*", do tipo CPX, na República Federal da Alemanha (RFA), integrando o VII Corpo de Exército dos EUA, numa operação de defesa móvel seguida de uma contraofensiva. Mais tarde, de 15 a 25 de setembro de 1959, foi realizado o exercício "*SIDE STEP*" do tipo CPX, tendo a 3º Divisão atuado integrada no VII CE dos EUA e com o Posto Comando instalado na região de Estugarda/ RFA.

Exercício "*DISPLAY DETERMINATION 87*" em Itália

É, contudo, a partir de 1976 que se assiste a uma participação progressiva e mais empenhada nos objetivos da NATO, começando com a criação da 1º Brigada Mista Independente no CIMSM, que passa a se constituir como reserva estratégica regional do Comando Sul da Europa (AFSOUTH). Dentro desta dinâmica viriam a ser conduzidos exercícios nacionais conjuntos (série MARTE), exercícios anuais de escalão brigada (série ROSA BRANCA) e exercícios de escalão batalhão (nome de código dependia de cada Unidade).

Para além dos exercícios nacionais, e por força da missão que resultava dos compromissos com a NATO, a Brigada viria a participar anualmente em Itália em diversos exercícios como o "*DENSE CROP*", "*WINTER CIMEX*, *"DISPLAY DETERMINATION" e "DRAGON HAMMER"* e "*DYNAMIC MIX*" e "*ARDENT GROUND*"

Exercício "*DISPLAY DETERMINATION* 89" em Itália

Estes exercícios ocorriam alternadamente sob a forma de CPX, com a participação de Células de Resposta (CR) do comando da Brigada e exercícios nas modalidades CPX e *Field Training Exercise* (FTX) em que participavam Células de resposta do comando da Brigada e das suas subunidades bem como forças de escalão Companhia e Pelotão, normalmente envolvendo efetivos da ordem dos 400 militares. Neste âmbito, as atividades desenvolviam-se no Nordeste de Itália,

num ambiente conjunto e combinado, sendo que o Exército Italiano garantia o apoio logístico real bem como as viaturas, para o contingente nacional desenvolver o seu treino. Relembra-se que, àquela data, os equipamentos de ambos os Exércitos eram semelhantes, pelo que esta modalidade era exequível. Relevam-se os exercícios "*DISPLAY DETERMINATION 80"* primeiro em que a Brigada participou depois da sua criação, e que mereceu da parte das autoridades militares e políticas da NATO um acompanhamento muito próximo e assertivo, que teve como resultado final o reconhecimento da elevada qualidade das nossas unidades e dos nossos quadros. Talvez tenha sido por isso que, no final, o então comandante da Brigada, Tenente-General Tomé Pinto, fosse distinguido pelo Secretário-Geral da Nato, que o convidou para ficar à sua direita durante a conferência de imprensa. Outro caso digno de realce é a participação no exercício "*DISPLAY DETERMINATION 87"* durante o qual todo o contingente da Brigada foi projetado pela primeira vez, por via férrea, desde Santa Margarida até ao nordeste de Itália, incluindo as viaturas orgânicas para uma Companhia de Atiradores Mecanizada. Merece igualmente realce a realização, em Santa Margarida, do exercício "*ARDENT GROUND* 81", destinada essencialmente às unidades de Artilharia, envolvendo mais de mil militares da Bélgica, República Federal Alemã, Itália, Inglaterra e Estados Unidos da América, que foi o primeiro exercício NATO realizado no CMSM após a criação da então Brigada Mista Independente. Os exercícios desta série voltaram a realizar-se em Santa Margarida em 1985 e 1991. A título de curiosidade, refira-se que também em 1981 foi efetuado o primeiro disparo do Obús M109 A2 AP em Portugal.

No final da década de 90 inicia-se um **segundo período**, marcado pela preparação e projeção de Forças e Elementos Nacionais Destacados, respetivamente, no âmbito dos compromissos internacionais assumidos por Portugal, no caso vertente com a NATO. A participação de Portugal neste tipo de operações militares teve como primeira razão de ser a solidariedade aliada, que continua a ser o principal fator aglutinador da Aliança (Vitorino, 2000: 28).

A BrigMec, a partir de 1996, entra assim num ciclo de regeneração, preparação e projeção de Unidades, ciclo que ainda hoje se mantém. Nesse ano é atribuída ao 1º BIMec, pelo comandante da BMI a missão de preparar uma força para o TO da Bósnia-Herzegóvina (BiH). Posteriormente assiste-se de forma regular à participação em operações militares em diversos TO como Kosovo, Iraque, Afeganistão, Timor-Leste, Macedónia e Líbano.

Durante este período, apesar da participação nas denominadas OAP, em que foi necessário introduzir outro tipo de treino operacional, os exercícios combinados mantiveram-se uma constante. Em 1991 foi realizado o

Exercício "*DINAMIC MIX 96*" em Itália

exercício "*ARDENT GROUND 91*". Posteriormente, o exercício "*LINKEAD SEAS*" realizado em 1997, que incorporaram forças dos Exército Português e de Espanha, nos terrenos do CMSM.

Em 1998 realizou-se exercício "*STRONG RESOLVE 98*", foi o primeiro exercício em grande escala que inclua duas crises simultâneas, defesa territorial e OAP, em regiões geográficas separadas, com o objetivo de testar todo o espectro das missões da NATO. Uma parte significativa teve lugar em Portugal, e nele participaram forças e meios da Brigada Mecanizada, dispersas por vários pontos do Território Nacional.

A NATO durante a cimeira de Praga, realizada em novembro de 2002, assume uma nova postura, materializando um novo sistema de forças, criando as denominadas *NATO RESPONSE FORCES* (NRF). Decorrente da evolução desta situação e após a atribuição de Unidades de Operações Especiais, Portugal em 2004 decidiu oferecer uma Unidades de Escalão Batalhão para integrar a NRF5 que iria integrar uma Brigada Multinacional sob comando espanhol. A missão de

aprontar esta unidade recaiu sobre o 1º BIMec, que foi reforçado com um esquadrão de Carros de Combate M60 recebendo a denominação de AgrMec/NRF5. Esta unidade foi a primeira deste escalão a ser submetida ao novo processo de certificação da NATO para as forças de elevada disponibilidade. Tal passou, numa 1ª fase, pela aplicação, pelas entidades nacionais competentes, dos critérios definidos pela NATO e, numa 2ª fase, pela sua confirmação pelo *NATO RAPID DEPLOYMENT CORPS - SPAIN* (NRDC-SP).

Integrado no seu treino operacional, participou no exercício "*COHESION 05*" que decorreu no Campo Militar de S. Gregório em Saragoça, Espanha, e que obrigou à projeção de 300 militares, 35 viaturas de lagartas, 30 de rodas e 5 contentores, num total de cerca de 1000 toneladas por via ferroviária desde a estação de Santa Margarida até Espanha. Era o regresso da Brigada aos exercícios NATO com forças no terreno, e também ao treino de projeção por via férrea. Mais tarde, em 2009, viria a ser constituído novamente um AgrMec, em moldes muito idênticos ao AgrMec NRF5 que recebeu a designação de AgrMec NRF12 e participou no Exercício "*NOBLE LIGHT 08*".

Em 2015 realizou-se o exercício "*TRIDENT JUNCTURE 15*" considerado o maior exercício da NATO da década. O exercício envolveu cerca de 37000 militares de 37 países e decorreu em três países: Portugal, Espanha e Itália. A BrigMec participou de acordo com duas linhas de ações, a primeira orientada para as unidades da BrigMec que constituíam audiências de treino, a segunda linha vocacionada para o apoio a prestar aos mais diversos contingentes, no âmbito das responsabilidades inerentes à nação hospedeira. Neste exercício estiveram estacionados em santa Margarida mais de 3000 militares estrangeiros, e para aqui convergiram também a maioria das forças terrestres portuguesas que tomaram parte exercício.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atual contexto internacional, aponta (novamente) para que a NATO tenha de reforçar e privilegiar as capacidades associadas à guerra convencional, evidenciando igualmente a necessidade de intensificar outras dimensões, nomeadamente o treino operacional num ambiente conjunto e combinado, como forma da Aliança dispor de forças credíveis e com capacidade para os mais exigentes desafios.

Assiste-se assim a um cenário caracterizado pela ameaça convencional, onde o treino conjunto e combinado assume particular destaque, pela importância da interoperabilidade neste tipo de cenário. A interoperabilidade é entendida, de uma forma geral, pela capacidade de diferentes forças operarem de uma forma coerente. Nesta perspetiva, não deve ser entendida apenas a dimensão dos equipamentos e sistemas de armas, mas devem ser consideradas outras áreas nomeadamente a doutrina e os procedimentos, entre outros.

Exercício "*COHESION05*".

A Brigada Mecanizada, através das suas unidades, são o exemplo da importância que o treino operacional combinado proporciona para elevar os patamares e os níveis de eficácia e de eficiência relacionados com a interoperabilidade. A realidade do treino operacional combinado na Brigada Mecanizada, não é nova, tem uma história rica de participações em exercícios, onde a experiência partilhada por diferentes gerações tem sido um fator importante na aquisição e transmissão de conhecimentos, que garante a interoperabilidade das nossas Unidades com outras dos países membros da Aliança.

Neste contexto considera-se que o presente artigo constitui o início de um percurso, que pretendemos desenvolver durante as comemorações dos 40 anos da Brigada, consolidando os ensinamentos recolhidos ao

longo do seu historial e deixando um legado de conhecimento para os vindouros. Para tal, propomo-nos revisitar a história da Brigada Mecanizada focada na participação em Exercícios NATO e enfatizando os contributos do treino com forças de outros países como fator decisivo na evolução doutrinária, técnica e tática do nosso Exército. Para este projeto, para além das fontes bibliográficas, contaremos, sobretudo, com o testemunho daqueles que, aos vários níveis, foram os principais protagonistas, os que tomaram parte nos mais diversos exercícios NATO, tanto aqueles realizados em território nacional, nomeadamente no CMSM, como os que foram realizados na década de 80 e 90 no Norte de Itália, e posteriormente em Espanha.

O objetivo é olhar para o passado para continuar a preparar o futuro! É um percurso que pretendemos trazer novamente à luz que dará certamente um contributo importante às gerações mais novas da Brigada Mecanizada, para que tenham orgulho no passado desta Grande Unidade de forma a que estejam preparados para os desafios mais exigentes do futuro

BIBLIOGRAFIA

RAMALHO, João (1999). A contribuição do Exército português para a OTAN. Lisboa: Nação e Defesa, 2ª série.

ROCHA, Cerqueira (2000). Portugal e as Operações de paz na Bósnia. Lisboa: Revista Militar.

VITORINO, António (2000). Portugal e as Operações de Apoio à Paz. Lisboa: Nação e Defesa, 2ª série.

BRIGADA MECANIZADA INDEPENDENTE (1998). Revista Atoleiros 20 anos 1978-1998.

BRIGADA MECANIZADA (2008). Revista Atoleiros 30 anos 1978-2008.

BRIGADA MECANIZADA (2002). Revista Campo Militar de Santa Margarida 60 anos 1952-2012.

BRIGADA MECANIZADA (2016). Revista Atoleiros Nº30; Separata Exercício *Trident Juncture* 2015.

EME (1983). Trinta anos de contribuição do Exército Português para a OTAN. Lisboa.

QG/ CMSM (2002). Revista Campo Militar de Santa Margarida 50 anos 1952-2002.

MDN (1999). Portugal e os 50 anos da Aliança Atlântica 1949 – 1999. Lisboa: SocTip, Sociedade Tipográfica.

CAMELO
CAFÉS

Suplementos alimentares O que comem os atletas? O que devo fazer?

Ten Art Cardoso

"Coisas impossíveis? É melhor esquecê-las que desejá-las." – Luís Vaz de Camões

No Exército, somos instruídos a procurar ser constantemente melhores, a ser capazes de superarmo-nos e a atingir feitos que julgávamos não estarem ao nosso alcance. Se para muitos de nós, esta ambição serve de estímulo para um empenho constante, outros são os que aproveitam este balanço para entrar num mundo onde se iludem que são capazes de atingir objetivos só pelo querer, ou que o ganho e o investimento não são dois lados da mesma moeda.

No culto da forma física em particular, não podemos julgar que conseguimos atingir todos os limites. Muitos dos mesmos são-nos impostos por características que não podemos ultrapassar como a altura, género, idade, entre outros. A nossa maior meta deve, por isso, ser sempre o nosso próprio eu. Não se trata de ganhar… o objetivo é melhorar.

A melhoria anteriormente referida é tanto mais importante porque se coloca em causa não só a saúde do militar, enquanto indivíduo, mas também o seu comprometimento para com a missão, enquanto coletivo. Como pressuposto desta observação, considera-se que é possível alinhar as condições necessárias à prática de desporto, como sejam de tempo e espaço, em especial o associado à utilização do ginásio para atividades de musculação.

Nesta busca, por atingir resultados rápidos e demasiado ambiciosos, o aumento do uso de suplementos alimentares cresceu gradualmente devido à pressão da sociedade e dos *media* para atingir um corpo perfeito, considerado um corpo magro, com baixo percentual de gordura e bom tónus muscular. Sendo que consumo de suplementos varia com o exercício físico que se pratica, aspetos culturais, faixa etária e sexo.

SUPLEMENTOS ALIMENTARES

Os suplementos alimentares são definidos como substâncias utilizadas por via oral com o objetivo de complementar uma determinada deficiência dietética. Muitas vezes são comercializados como substâncias ergogénicas capazes de melhorar ou aumentar o desempenho físico. Proteínas e aminoácido, creatina, carnitina, vitaminas, microelementos, cafeína, betahidroximetilbutirato e bicarbonato constam ser os suplementos alimentares mais utilizados.

O aumento do uso de suplementos alimentares cresce gradualmente devido à pressão da sociedade e dos *media* para atingir um corpo perfeito, considerado um corpo magro, com baixo percentual de gordura e bom tónus muscular. O consumo de suplementos varia com o exercício físico que se pratica, aspetos culturais, faixa etária e sexo. O uso de suplementos, na maioria das vezes, ocorre sem a devida orientação, sendo resultado de indicações empíricas de colegas, treinadores, revistas, *sites* na internet e do "ouvi dizer".

As evidências científicas sugerem que a suplementação alimentar é benéfica apenas para um grupo restrito de pessoas, que são os atletas de competição, cuja dieta não atende as necessidades nutricionais. Sendo que, repetidos estudos desde 1984 com *Kacth* e *Mcardle* afirmam que não existe nenhum benefício em ingerir proteínas em excesso, uma vez que as energias extras em forma de proteína transformam-se em gordura e são armazenadas em depósitos subcutâneos. O excesso de proteína pode ainda exercer outras atividades prejudiciais pois sobrecarrega o fígado, local em que ocorre a metabolização de aminoácidos e os rins já que grande quantidade dos produtos do metabolismo destes constituintes é excretada por via renal. A ingestão de proteínas está ainda associada a um aumento da produção de ureia, cólicas abdominais, diarreia e risco de desidratação.

Todos os estudos são consensuais ao indicar que a prática regular de exercício físico, aliada a uma alimentação adequada e um bom descanso podem otimizar os resultados esperados sem a utilização de suplementos alimentares.

ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Não existe alimentação saudável se não houver um equilíbrio e variedade de alimentos de diferentes grupos ingeridos. Esta alimentação deve ser acompanhada por uma adequada ingestão de líquidos, tornando a água um elemento fundamental, já que compõe a maior parte do peso corporal e participa na enorme variedade de processos metabólicos.

Uma alimentação saudável oferece todas as necessidades nutricionais que garantam a manutenção, reparação e crescimento celular. Assim, inclui obrigatoriamente todos os nutrientes em quantidades apropriadas e proporcionais para a manutenção da vida. Os nutrientes são classificados em diferentes grupos: os macronutrientes, representados pelos carbohidratos, gorduras, proteínas e os micronutrientes compostos pelas vitaminas e minerais.

Os carbohidratos devem compor 50 a 60% das calorias diárias.

- As gorduras devem completar 25 a 30%;
- As proteínas devem estar presentes na alimentação diária com uma quota percentual de 10 a 15%;
- Os micronutrientes devem estar presentes em menor proporção sendo essenciais no seu funcionamento como coenzimas em todos os processos do metabolismo e atividade celular.

MUSCULAÇÃO

O treino de força, também chamado de treino com peso ou treino com carga, tornou-se uma prática muito popular de exercício, particularmente em ambiente militar. Com este tipo de treino, pretende-se algumas adaptações, tais como: hipertrofia muscular, aumento da força máxima e resistência. A maioria dos autores deste tipo de treino defende que para um ganho de resistência deve-se: 12 a 20 repetições, 30 a 60 segundos de descanso e variar de 2 a 3 séries. Já para a hipertrofia o que se recomenda é: 6 a 12 repetições máximas, intervalos menores que 90 segundos e séries maiores que 3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compete ao militar assegurar que se mantém constantemente apto para o serviço e mantém a sua condição física e saúde. Esta ambição passa essencialmente por garantir que são cumpridos, em todos os momentos, os três pilares para um bom desempenho de funções: o exercício físico equilibrado, a alimentação saudável (ambos já referidos anteriormente) e não menos importante, o repouso. Qualquer destes pilares não é suficiente se isolado, sendo necessário o cumprimento de todos para alcançar os melhores resultados.

A quem desempenha funções de comando de homens, em qualquer escalão, pede-se que esteja constantemente atento aos seus, monitorizando mesmo que de modo intuitivo os sinais indiretos que refletem um desleixo nesta área. Assim, variações ponderais excessivas, fadiga anómala ou lesões frequentes, devem ser sinais de alerta para indiciar que o militar em causa, não está tão capaz para o desempenho das suas funções e deste modo, menos habilitado a cumprir a sua missão.

O combate que é pedido a cada um de nós nem sempre se desenrola em campo aberto ou áreas edificadas, às vezes a atuação do militar ultrapassa a conquista do computador ou de quatro paredes, mas implica sempre, estar pronto para o próximo “assalto”, cuidar de si, olhar pelo camarada e garantir que em consequência de não se ter mantido capaz, física e mentalmente, resulte dano em terceiros.

Formação na Categoria de Sargentos

SMor Inf José Barata
Adj Cmdt BrigMec

A temática sobre a definição e evolução da carreira de sargentos tem suscitado diversos estudos e constitui preocupação recorrente, nomeadamente no que concerne às funções a desempenhar em cada posto, estejam elas prescritas estatutariamente, ou não. É minha intenção contribuir para um aperfeiçoamento, que se deseja seja cada vez mais assertivo, da sua reestruturação que, até ao momento, em minha opinião, tem vindo a ser feita, não de um modo coerente, integrado como se pretende numa carreira, mas de forma pontual conforme vão surgindo os problemas e as dificuldades.

Se fizermos uma análise crítica aos vários problemas que se sentem na carreira de sargentos, chegamos à conclusão que a formação poderá ser a chave para a resolução das questões que se colocam. Na realidade o curso de formação inicial já tarda na sua revisão para ser considerado o nível 5 de Qualificação Técnica Superior Profissional, conseguindo assim atribuir ao Curso de Formação de Sargentos uma equivalência no espetro do ensino em Portugal. A criação da Unidade Politécnica Militar, será uma mais valia na formação da categoria de sargentos, com os seus gabinetes de investigação e de toda a sua estrutura de ensino vocacionada para a formação técnica superior profissional.

No que diz respeito à formação intermédia, a carreira de sargentos tem neste momento dois cursos de atualização/promoção. O Curso de Promoção a Sargento-Ajudante e o Curso de Promoção a Sargento-Chefe. Aqui identifico também a necessidade de fazer reformas, porque segundo aquilo que é dado a observar no desempenho de funções dos dois postos são basicamente as mesmas, salvaguardando o escalão a que cada um trabalha, o Sargento Ajudante, como sabemos, desenvolve o seu trabalho de Companhia, Esquadrão e Bateria assim como nas Secções de Estado-Maior de Batalhão, enquanto o Sargento Chefe desenvolve o seu trabalho ao nível do Estado-Maior de Regimento e de Brigada.

Considera-se pois, que a criação de um curso único de promoção aos postos de Sargento-Ajudante/Sargento-Chefe, com uma duração mais alargada, permitindo matérias curriculares mais aprofundadas que preparem os Sargentos para as funções administrativas das companhias e para as funções de Estado-Maior de Batalhão (SAj), e no Regimento e Brigada (SCh) nas áreas do pessoal, operações, informações e de logística, mas também em áreas mais genéricas como liderança, informática, inglês, ambiente, gestão de risco e prevenção de acidentes, etc. Este curso daria, pois, a possibilidade de ascensão a estes dois postos, possibilitando ainda a acumulação de créditos, como está descrito na proposta do decreto-lei apresentado pelo Ministério da Defesa Nacional para a criação da Unidade Politécnica Militar, que permitissem a atribuição no final do mesmo, do grau académico de licenciatura. Por último, um curso de promoção a Sargento-Mor, com uma estrutura curricular diferente, preparando os militares, que pela sua posição relativa estivessem em, e com condições, para a promoção a este posto, dando-lhes uma preparação mais virada para gestão de stress, gestão de pessoal, e assuntos relacionados com o comando e liderança para um melhor acompanhamento dos militares da sua unidade, podendo assim melhorar as suas competências para o exercício da mais nobre função de Adjunto do Comandante. Outro aspeto a ter em conta, que nem sempre tem sido salvaguardado, prende-se com a idade de nomeação para a frequência dos diversos cursos, que deve ocorrer, desejavelmente o mais cedo possível.

No presente existem já vários sargentos habilitados com diversos graus académicos**,** em várias áreas do saber, na sua grande maioria adquiridos por sua iniciativa, com grande brio pessoal e profissional, que colocam os seus saberes e conhecimento ao serviço do Exército, contribuindo para a melhoria do seu desempenho profissional. Não se identifica, por isso, qualquer incompatibilidade entre a obtenção de graus

académicos e o desempenho das funções inerentes a cada categoria.

Termino com a esperança de, com esta reflexão, ter contribuído para uma mais eficaz modernização do sistema de ensino do Exército no que diz respeito à categoria de sargentos, que lhes permita continuarem a afirmar-se como um pilar fundamental de toda a estrutura do Exército, agora num quadro de novas, diversificadas e exigentes realidades, e de acrescida responsabilidade, que requer novas competências individuais.

MSG
Manuel dos Santos Grave, Lda.
CONSTRUMAT
PEDRO MOTA
Materiais de Construção

Cerimónia de Tomada de posse do Comandante do Campo Militar de Santa Margarida

No passado dia 02 de fevereiro de 2016, tomou posse como Comandante do Campo Militar de Santa Margarida, o Coronel de Cavalaria, João Francisco Fé Nabais, que após as honras regulamentares pela Guarda de Polícia à Porta D'armas, conduziram o Exmo. Comandante para a Parada Brigadeiro Almeida Ribeiro, para dar inicio à Cerimónia de tomada de posse como é apanágio na instituição castrense.

Pelo Sargento-Chefe Hálio Ferreira, foi lido o despacho de nomeação, "Por Escolha", para as funções de Comandante do Campo Militar de Santa Margarida tendo de seguida sido entregue o Guião da Unidade ao novo Comandante.

Após a leitura da Síntese Curricular do Coronel João Nabais, o novo Comandante passou revista às Forças em Parada.

Durante o período da tarde, e após ter sido realizado um almoço de convívio, que foi servido no Rancho Geral, o novo Comandante apresentou em parada militar o 2º Comandante do CMSM Tenente Coronel de Artilharia José Firmino Soares de Aquino.

Em época de mudanças aceleradas, na qual importa perspetivar o futuro com otimismo e em que a racionalização dos recursos constitui um imperativo, o CMSM assumir-se-á como fulcro de modernidade, no pleno entendimento do seu papel no contexto do Quartel-General da Brigada Mecanizada, nomeadamente nos planos da administração logística e financeira, no apoio à formação e ao treino operacional das unidades militares na área de Santa Margarida, dos ECOSF do Exército e de outros Ramos, bem como na vigilância, proteção, ordenamento e exploração da fauna e flora.

As atividades relativas à Tomada de Posse de Comando culminaram com a assinatura da Ordem de Serviço nº 001 do CMSM.

Brigada Mecanizada no apoio à formação dos futuros Oficiais e Sargentos do Exército Português

Desde sempre, a Brigada Mecanizada e o seu campo de exercícios foi a área por excelência para o treino individual e coletivo assim como de armas combinadas.

Se a nível de formação de militares para o desenvolvimento e aquisição de técnicas e táticas de pequenas unidades (Esquadra e Secção), esse facto se reveste de uma grande importância por permitir o espaço suficiente ao desenvolvimento da sua iniciativa tática e individual, já no que se refere a unidades constituídas de escalão Pelotão, Companhia e Batalhão essa importância é crucial e nuclear.

Por outro lado, a experiencia no terreno adquirida pelos militares da BrigMec, desenvolvida ao longo do seu tempo de permanência nesta Grande Unidade e a constante atividade operacional que caracteriza a BrigMec, confere-lhes um *know how* de estrema importância, fazendo deles ferramentas de treino e fontes de conhecimentos extremamente importantes para os futuros Oficiais e Sargentos do Quadro bem como aos militares do regime de Voluntariado e Contrato que ingressam nas fileiras.

Dentro deste espirito, a Brigada Mecanizada vem não só recebendo ao longo dos anos, apoiando e instruindo os alunos da Academia Militar e Escola de Sargentos do Exército nas diversas vertentes das suas Armas e Serviços a fim de lhes proporcionar uma área onde possam desenvolver os conhecimentos adquiridos teoricamente e aplicá-los na sua vertente prática, mas também a reforçar equipas de instrução nas Escolas e Unidades que formam militares.

Nesse sentido decorre na BrigMec o Estágio em contexto Operacional (ECO), o apoio de formadores ao Bloco de Formação Militar (BFM) da Academia Militar e o apoio à formação e os exercícios táticos e de fogos reais do TPO 15/16 assim como do 43º CFS de Infantaria, Artilharia e Cavalaria.

O ECO tem como objetivo desenvolver nos oficiais alunos as competências de Comando e liderança, sendo

efetuado com base na sua participação em atividades práticas de comando que permitam, aplicar, complementar e consolidar a formação militar, técnico-profissional, comportamental e organizacional.

O ECO tem a duração de 5 semanas a decorrer entre 15FEV16 e 18MAR16 e terá lugar numa EUB/UEC da ECOSF sediada num Regimento/Quartel da Arma respetiva.

Relativamente ao apoio ao Bloco de Formação da Academia Militar, ele tem como objetivo o reforço do efetivo de instrutores do Corpo de Alunos da Academia Militar com a finalidade de ministrarem formação em diversas áreas. Este apoio vai decorrer no período de 17FEV a 01MAR e materializa-se através do envio de dois Sargentos do Grupo de Carros de Combate com a tarefa de ministrar formação nas áreas de Patrulhas e Operações de Apoio à Paz.

Já os exercícios táticos e de fogos reais do TPO 15/16 assim como do 43º CFS de Infantaria, Artilharia e Cavalaria decorreram no período de 01 fevereiro a 05 de fevereiro.

Com vista ao sucesso desta tarefa a BrigMec planeou organizou e coordenou o apoio prestado à Escola das Armas na área da formação Técnica e Tática e no exercício de Fogos Reais do TPO 2015/16 e do 43º CFS das Armas de Infantaria, Artilharia e Cavalaria.

Foi realizado tiro com a MP Browning 12,7mm; Morteiros 60mm, 81mm, 107mm e 120mm; Canhão bitubo de 20mm e obus M119 Light Gun, 105mm.

CAMELO
CAFÉS

I Trail Rota da Hakea 2016

Integrada nas Comemorações do Dia do CFT 2016 e do 38.º Aniversário da Brigada Mecanizada (BrigMec), decorreu no dia 09ABR16, na área do Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), o I Trail "ROTA DA HAKEA" 2016.

A prova, organizada pela BrigMec através do Grupo de Artilharia de Campanha 15,5 AP (GAC 15,5 AP) que teve a responsabilidade pelo planeamento, organização e execução da Prova, juntamente com a Bateria Antiaérea (BtrAAA) e o Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), teve por objetivos cimentar a coesão, estimular a sã camaradagem, a prática da educação física e reforçar o espírito de sacrifício dos militares da Brigada, tendo sido também extensiva à família militar e à população civil em geral no intuito de cultivar as relações de amizade e cooperação, fortalecer os laços de parentesco e fomentar o convívio.

Para além do seu caráter competitivo, que, naturalmente, suscita o espírito aguerrido, desperta a vontade de vencer e encoraja o desejo de superação em relação ao adversário, pretendeu-se que a iniciativa tenha sido, sobretudo, uma excelente oportunidade de contribuir para a manutenção da condição física individual, em ambiente alegre e de franca descontração, de genuína camaradagem e cordialidade e de efetiva entreajuda, através do salutar contato com a natureza que a área de SANTA MARGARIDA oferece.

A prova teve 3 percursos: Passeio – 8,5 km, Trail Curto ou RH15K – 15 km e Trail Longo ou RH30K – 30 km.

No final decorreu uma singela cerimónia de atribuição de prémios aos primeiros classificados de cada escalão.

O evento saldou-se por elevados padrões de profissionalismo e eficiência, tendo sido reforçada a imagem e o prestígio da Brigada Mecanizada e do Exército, nomeadamente, na ligação com a comunidade civil.

Concerto pela Banda Sinfónica do Exército e da Banda de Música Tradicional Portuguesa, "Galandum Galundaina.

Em 06 de abril teve lugar no Teatro Virgínia, em Torres Novas, um Concerto realizado pela Banda Sinfónica do Exército e a banda de música tradicional portuguesa, "Galandum Galundaina", dedicado aos militares da BrigMec e às populações das localidades circundantes do Campo Militar de Santa Margarida.

O concerto insere-se nas atividades da comemoração do 38.º Aniversário da Brigada Mecanizada que decorre entre o dia 30 de março e o dia 21 de abril.

Através deste concerto o Exercito mostrou a sua vertente cultural musical, que se reveste de uma enorme tradição, mas sobretudo de uma grande qualidade e versatilidade que vai muito para além da faceta mais visível da sua participação no cerimonial militar.

O concerto iniciou-se com uma abertura de Pyotr Tchaikovsky intitulada "1812".

A escolha desta obra para abertura do concerto teve como objetivo, pelo seu carácter eloquente e intenso, o de homenagear todos os militares que serviram e que servem na Brigada Mecanizada e que ao longo dos tempos prestigiaram e elevaram bem alto o nome de Portugal.

Seguiu-se a música tradicional mirandesa tendo como intervenientes o grupo Galandum Galundaina e a Banda do Exército - destacamento do Porto - num claro exemplo de que a música não se inventa, reencontra-se.

Associaram-se ainda a este evento algumas empresas civis que de alguma forma ajudaram na sua concretização.

Salienta-se ainda o reconhecimento aos militares que constituem a banda do exército - destacamento do porto e aos elementos que formam o grupo de música tradicional mirandesa – Galandum Galundaina, que se deslocaram de suas casas e famílias para poderem proporcionar um espetáculo de requinte inigualável.

Comemorações do Dia do Comando das Forças Terrestres 2016 e do 38.º aniversário da Brigada Mecanizada

No dia 22 de abril comemorou-se na BrigMec o aniversário do Comando das Forças Terrestres e da Brigada Mecanizada.

Este ano, juntamente com o dia festivo da Brigada Mecanizada foi também comemorado o Dia Festivo do Comando das Forças Terrestres.

O Dia Festivo da Brigada Mecanizada é comemorado a 06 de abril, em evocação da Batalha de Atoleiros, travada em 1384, na qual, D. Nuno Álvares Pereira, à frente de uma pequena hoste, derrotou uma força oponente numericamente superior.

Todavia, este ano, o ponto alto das comemorações do Dia da BrigMec teve lugar em 22 de Abril, numa cerimónia militar presidida por S. Exª o General Chefe de Estado-Maior do Exército (CEME), General Frederico José Rovisco Duarte e que contou com a presença de vários autarcas das Edilidades locais, representantes das Autoridades Militares e Policiais

As unidades da Brigada Mecanizada e de representação do CFT que constituíram a Parada Militar realizada na pista de aviação de Santa Margarida, ascenderam aos 900 militares e mais de 70 viaturas de diversos tipos.

Fez ainda parte das comemorações deste ano a cerimónia de entrega do Estandarte Nacional do 2BIMec/FND/KFOR.

Após as cerimónias e desfile das forças em parada, seguiu-se um seguiu-se um almoço convívio no pavilhão gimnodesportivo, onde aqueles que se associaram aos militares da Brigada e do CFT tiveram o ensejo de exprimir o sentimento e a emoção de ver que a Força Decisiva do Exército não soçobra perante as vicissitudes e que o seu legado tem continuidade no valor do Soldado da Brigada Mecanizada pelo modo extraordinário como continua a "levar a carta a Garcia" e FEITOS FARÃO TÃO DIGNOS DE MEMORIA ".

O dia festivo terminou com a cerimónia do arriar das Bandeiras Nacional, da NATO e dos demais países-membros, defronte ao QG da BrigMec.

Mais uma vez as comemorações do Dia do CFT e do 38.º Aniversário da BrigMec decorreram com a eficiência, o brilho, a solenidade e a dignidade que são apanágio da BrigMec, tendo sido plenamente atingidos os desideratos estabelecidos e saído reforçada a imagem e o prestígio da Brigada, do Comando das Forças Terrestres e, consequentemente, do Exército Português.

Seminário de Evocação do Centenário da Grande Guerra

Decorreu no dia 21 de abril, no Entroncamento, o seminário de evocação do Centenário da Grande Guerra e uma exposição nas instalações do Museu Nacional Ferroviário.

Estes eventos inserem-se no conjunto de atividades vindas a desenvolver pelo Exército no âmbito das evocações do Centenário da Grande Guerra (I Guerra Mundial).

O Exército Português teve um profundo envolvimento na Grande Guerra, nomeadamente no TO Europeu, para o qual aprontou e empenhou o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI), organizado com tropas de artilharia do Campo Entrincheirado de Lisboa, e o Corpo Expedicionário Português (CEP) que efetuou a sua preparação no Polígono de Tancos, entre fevereiro e agosto de 1916, e que esteve na origem daquilo a que muitos designaram como «O Milagre de Tancos»;

Foi neste enquadramento que a Brigada Mecanizada se propôs promover um Seminário e uma Exposição diretamente relacionado com a preparação do CEP para a GG, com enfoque especial no Campo de Manobras de Tancos.

Este seminário decorre no âmbito das comemorações do Dia do Comando das Forças Terrestres e da Brigada Mecanizada.

Foram palestrantes o Sr. Coronel de Engenharia José Berger, o Tenente-Coronel de Artilharia Pedro Sousa, A Srª Mestre Isabel Marques, o Sr. Tenente-Coronel do

Exército Francês Vincent Arbaretier e o Sr. Tenente-Coronel do Exército Inglês David Luck.

Os eventos decorreram com a distinção, elevação e sobriedade que caraterizam o cerimonial castrense, tendo sido fundamental para o seu sucesso, a meticulosa preparação, focada nos ínfimos detalhes, a impecável postura, garbo e aprumo dos militares envolvidos na sua execução e ainda a cuidada organização dos locais dos eventos.

Mais uma vez a solenidade e o brilho que são apanágio da BrigMec e dos seus militares, permitiram transmitir a imagem global de profissionalismo, brio eficiência, contribuído para o reforço da imagem e do prestígio do Exército e, consequentemente de Portugal.

Visita de S. Exª o Ministro da Defesa Nacional ao Exercício *Orion* 16

No âmbito do Exercício ORION 16, a Brigada Mecanizada (BrigMec) recebeu a visita de S.Exª o Ministro da Defesa Nacional (MDN) às atividades e forças participantes no exercício.

Assim, após um briefing do exercício ORION 16, pelo EXDIR, no Auditório do Quartel-General (QG) da Brigada Mecanizada (BrigMec), S. Exª. o MDN, deslocou-se ao Quartel da PUCARIÇA onde lhe foi apresentado o Briefing Tático pelo Comandante da Brigada de Intervenção (Cmdt da BrigInt) em suplência.

Seguidamente no Batalhão de Apoio de Serviços (BAS) assistiu a uma apresentação feita pelo Cmdt do BAS alusiva à estrutura e dos meios de apoio ao exercício ORION 16. Seguiu-se uma visita ao Quartel da Cavalaria onde S. Exª o MDN pode contactar com o Comandante do Agrupamento Mecanizado EU LRR 2-2016 do qual faz parte uma unidade de manobra espanhola" Team *DELTA*" que participam no exercício ORION 16. Nesta visita ao QCAV S. Exª. teve ainda oportunidade de fazer visitar uma mostra dos principais sistemas de armas e viaturas que guarnecem as forças do Agrupamento Mecanizado.

Brigada Mecanizada no apoio ao combate aos incêndios. Prontidão, disponibilidade e solidariedade:

Testemunho na primeira pessoa

Inseridas nas Operações de Apoio Civil, em colaboração com as entidades civis no âmbito do combate aos incêndios, com um dispositivo que marcou presença, entre 08 e 17 de agosto, nos distritos de Braga, Viana do Castelo, Viseu e Leiria, a Brigada Mecanizada manteve empenhados em ações de rescaldo e vigilância ativa 215 militares e 42 viaturas, bem como um destacamento de engenharia.

Esta missão revelou a prontidão e competência dos militares que servem em Santa Margarida e afirmam os valores da disponibilidade e solidariedade, que são apanágio da Brigada Mecanizada. Melhor que uma síntese, só mesmo um testemunho na primeira pessoa (Ten Cav Miguel Silva), que exemplifica o emprego de meios humanos e materiais do Exército em Operações de Apoio Civil no combate aos incêndios:

"Questionaram-me há dias. O que faz um Militar do Exército nos incêndios?"

Dei a minha resposta teórica. "*by the book*". Toda *pipi*. Mas espremido... não dava lá muito sumo.

Pois bem, agora que senti na sola da bota o calor e a dificuldade que é subir e descer colinas com fumo, vou partilhar dados específicos sobre o que aconteceu nas últimas 72 horas da minha vida e de 22 homens iguais a mim, em que tive a SORTE de ser o Comandante de Pelotão deles:

- Horas em que foi possível dormir: média de 13 horas em 72 horas.
- Total de quilómetros percorridos: 330 km.

- Total de quilómetros percorridos em patrulhamento em 48 horas: média de 85 km por equipa.
- N° total de vezes que efetuaram ações de rescaldo (reacendimentos da mata) e conseguiram resolver com os seus próprios meios: 28 em 48 horas.
- N° total de vezes em que foi pedido auxílio aos bombeiros pois não se tinha capacidade para apagar o reacendimento: 8 vezes.
- Uma das minhas equipas identificou um potencial incendiário à GNR.
- Quando recebemos ordem para ir descansar e deixar de efetuar patrulhas, 2 horas depois colocaram fogo posto a 100 metros de uma entidade pública importante daquela localidade.
- 23 Homens fizeram 12 patrulhas de 8 horas contínuas em 48 horas.

E para terminar em beleza, ainda tivemos que abrir uma faixa de contenção de fogo ao longo de 225 metros (na foto) numa colina;

Engifrio
Sociedade de Refrigeração

Resultado final:

"**Perguntai ao «fogo extinto de Castanheira de Pera» quem somos**"... (adaptado do lema do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada - "**Perguntai ao Inimigo quem somos**").

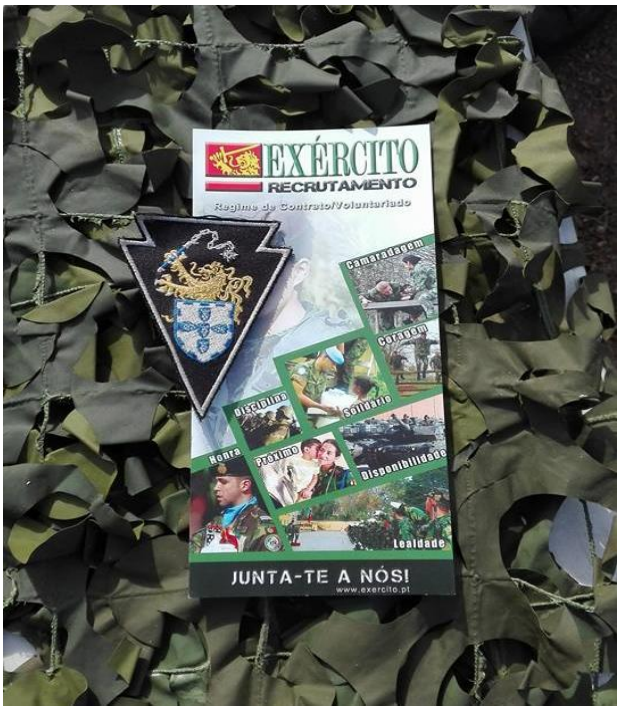
Brigada Mecanizada em ações de divulgação do Exército

Dando cumprimento às diretivas superiores do Exército, e demonstrando que o recrutamento é uma responsabilidade de todos, a Brigada Mecanizada protagonizou duas ações de divulgação no decorrer do ano de 2016, na Escola Secundária de Ponte de Sor, e na Escola Secundária de Gavião.

As ações foram planeadas em estreita coordenação com as Direções da Escolas com o objetivo

de, através de atividades aliciantes para os seus alunos, difundir a imagem do Exército, e da Brigada Mecanizada, como uma Força de elevada prontidão, aberto à sociedade, moderno, próximo dos portugueses, que serve de forma exemplar e permanente.

A interação entre os militares e os mais de 1000 alunos, foi uma constante de boa disposição, foi muito



grato constatar a enorme adesão dos jovens, que em muito superou as expectativas, deixando todos os militares com o sentimento de dever cumprido.

No final saiu reforçada a imagem do Exército e da Brigada Mecanizada como uma Força moderna, com militares motivados competentes e confiantes, próximos e disponíveis, exemplos de cidadania, em que os portugueses podem confiar.

Brigada Mecanizada acolhe 6.ª jornada de trabalho entre os Comandantes do Exército de Portugal e do Exército de Espanha

Decorreu em 23NOV16, na Brigada Mecanizada, a 6.ª Jornada de Trabalho entre os Comandantes dos Exércitos de PORTUGAL e de ESPANHA, com a presença de S. Ex.ª o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico José Rovisco Duarte e de S.Exª o *Jefe de Estado Mayor del Ejército de Tierra* (JEMET), General de Exército D. Jaime Dominguez Buj.

O Quartel General (QG) da BrigMec planeou, organizou, coordenou, apoiou e conduziu, as atividades inseridas na 6.ª Jornada de Trabalho dos Comandantes dos Exércitos de PORTUGAL e de ESPANHA, no Campo Militar de Santa Margarida, entendida como sinal do reconhecimento do trabalho que os militares e civis vêm desenvolvendo, em prol da relevância operacional da Brigada Mecanizada (BrigMec).

Esta jornada teve como principais eventos, as Honras Militares regulamentares, prestadas a S. Ex.ª o General JEMET, à chegada à Pista de Aviação do Campo Militar de Santa Margarida (CMSM), o *Briefing* dos dois Exércitos, a assinatura do Livro de Honra da BrigMec, por S. Ex.ª o GEN JEMET, a Cerimónia de Condecoração com a Medalha Grã-Cruz de Mérito Militar a S. Ex.ª o GEN JEMET, seguida da Foto de Grupo defronte do Monumento evocativo da BrigMec e do CMSM.

Da parte da tarde S. Ex.ª o GEN JEMET teve a oportunidade de assistir a um exercício tático com fogos reais, na Carreira de Tiro A7 (D. PEDRO), conduzido pelo AgrMec/EU LRR 2-2016/BrigMec e que integrou meios da Brigada Mecanizada e da Brigada de Intervenção.

Para finalizar, S. Ex.ª o GEN JEMET visitou uma Exposição Estática de VBR PANDUR II 8x8, na Pista de Aviação do CMSM.

Uma Mão Cheia de Solidariedade

Brigada Mecanizada concretiza com enorme sucesso a 1.ª Corrida Solidária S. Silvestre

Decorreu, em 11 de dezembro, a 1ª edição da Corrida e Caminhada Solidária Constância-Brigada Mecanizada, no Campo Militar de Santa Margarida e freguesias adjacentes de Malpique e Santa Margarida da Coutada, numa parceria entre o Município de Constância e a Brigada Mecanizada. Esta prova tinha como objetivo principal apoiar a Loja Social de Constância de modo a "potenciar a criação de respostas mais adequadas aos problemas sociais da população do concelho de Constância".

A prova foi organizada de modo a que todos pudessem participar. Dos Benjamins, atletas com menos de 10 anos de idade que tinham pela frente uns longos 800 mts, até aos veteranos maiores de 50 na prova principal com 8.800 mts, todos se divertiram na já habitual noite fria e húmida de Santa Margarida.

Se nos escalões jovens o clube Casa do Benfica de Abrantes arrebatou a maioria dos prémios já na prova principal o troféu ficou em casa, sendo o vencedor o Tenente Pedro Lopes da Companhia de Engenharia.

No total participaram 560 atletas, com representação de todas as faixas etárias, sendo 48% civis, 26% do sexo feminino e 14 % de jovens entre os 4 e 18 anos.

A componente desportiva foi o mote para o objetivo solidário, pois, com as inscrições, os participantes doaram alimentos à Loja Solidária de Constância, a que se somaram os alimentos provenientes de donativos dos militares e civis da Brigada Mecanizada, o que permitiu recolher mais de 2 toneladas de alimentos.

Dois Presentes Especiais

Brigada Mecanizada entrega 2 cadeiras de rodas à ADFA

Na manhã do dia 28 de dezembro ficou materializada a ação solidária que uniu os militares da Brigada Mecanizada em trono do DESAFIO DAS 22 FLEXÕES.

A Brigada Mecanizada e os seus militares, aceitou o desafio lançado pela Marinha e também ela realizou no passado dia 20 de dezembro 22 flexões por forma a sensibilizar os portugueses para os problemas psicológicos dos veteranos de guerra de Portugal bem como homenagear os que têm profissões de risco e que diariamente zelam pela segurança da população portuguesa.

Este desafio teve origem nos Estados Unidos da América através de uma associação de veteranos e foi aproveitada pelas FA portuguesas como forma de alertar e sensibilizar não só os militares, mas também o povo português para a prevenção do suicídio dos veteranos em Portugal e para os seus problemas psicológicos e sociais. A iniciativa pretende também servir como uma forma de homenagem aos que têm profissões de risco e que diariamente zelam pela segurança da população portuguesa.

Como resultado desta ação foram entregues na sede nacional da ADFA as 2 cadeiras de rodas que os militares e civis que servem na Brigada Mecanizada solidariamente doaram aos camaradas antigos combatentes de Portugal.

Do gesto formal da entrega ficam as palavras dos elementos que compõem a Direção da ADFA,

"*Mais importante que a oferta foi o gesto de camaradagem e solidariedade de militares mais novos que nasceram já depois da última guerra travada por portugueses, para com os antigos combatentes. Um gesto que é de reconhecida solidariedade.*"

Feitos farão tão dignos de memória.

Relação de Militares que terminaram funções na Brigada Mecanizada

POSTO	A / S	NIM	NOME	FUNÇÃO	DATA FIM FUNÇÃO
COR	CAV	13952585	JOÃO FRANCISCO FÉ NABAIS	Cmdt CMSM	01AGO16
TCOR	INF	14557792	HELDER MANUEL HOMEM FÉLIX	Chefe G3 / BrigMec	13SET16
TCOR	TM	17579089	JOSÉ JAIME SOARES PEREIRA	Chefe G6 / BrigMec	30SET16
TCOR	SM	08107780	HERMÍNIO MONTEIRO FERREIRA	Adj / G1 / BrigMec	18ABR16
TCOR	INF	02932989	CARLOS ABÍLIO CAVACAS MACIEIRA	Cmdt 2BIMec / BrigMec	30OUT16
TCOR	ART	07920490	JOAQUIM AGOSTINHO DA CRUZ OLIVEIRA CARDOSO	Cmdt GAC15,5 AP	03OUT16
TCOR	INF	13067087	MÁRIO JORGE BATISTA DUARTE PEREIRA	Cmdt BApSvc / BrigMec	13SET16
MAJ	CAV	02306090	FERNANDO LUÍS FERREIRA DA SILVA	Chefe G1 / QG / BrigMec	29SET16
MAJ	INF	24846991	JOÃO VASCO GAMA DE BARROS	Chefe G7 / BrigMec	22AGO16
MAJ	ART	39220592	CARLOS MANUEL PEIXOTO PRATA	OfOpCo / G3 / BrigMec	21SET16
MAJ	INF	03580397	DINIS MENDES FAUSTINO	Adj / G4 / BrigMec	01OUT16
MAJ	ART	14952096	JOÃO MIGUEL OLIVEIRA CAPITULINO	Ch G7 em Supl / BrigMec	22AGO16
CAP	CAV	17481398	SÉRGIO MIGUEL CAPELO	Cmdt Erec / BrigMec	14NOV16
TEM	ART	03223005	MARCO ALEXANDRE DIAS JANEIRO	Cmdt BtrAAA / BrigMec	12SET16
SCH	ENG	01634685	FERNANDO CATARINO AUGUSTO	Adj G1 / BrigMec	30DEC16

Relação de Militares que iniciaram funções na Brigada Mecanizada

POSTO	A / S	NIM	NOME	FUNÇÃO	DATA INICIO FUNÇÃO
COR	CAV	13952585	JOÃO FRANCISCO FÉ NABAIS	Cmdt CMSM	02FEV16
COR	ART	10836685	JOSÉ MANUEL VINHAS NUNES	Cmdt CMSM	09DEC16
TCOR	INF	10672492	DUARTE NUNO DE CARVALHO PAIVA CORDEIRO DIAS	Chefe G1 / BrigMec	29SET16
TCOR	CAV	17561491	CELSO JORGE PEREIRA FREILÃO BRAZ	Chefe G3 / BrigMec	19SET16
TCOR	TM	02140689	ALBERTO LOPES CORREIA	Chefe G6 / BrigMec	24NOV16
TCOR	ART	15833191	VÍTOR MANUEL FERREIRA LOPES	Cmdt GAC15,5 AP	03OUT16
MAJ	ART	04548994	SANDRO JOSÉ ROBALO GERALDES	Chefe G3 / OpCorr BrigMec	10OUT16
CAP	CAV	17481398	SÉRGIO MIGUEL CAPELO	AdjG4 / BrigMec	14NOV16
CAP	ART	08875600	HUGO JOSÉ BAÇÃO SERRUDO	Cmdt BtrAAA / BrigMec	12SET16
CAP	CAV	08491403	SÉRGIO FILIPE CORREIA DUARTE	Cmdt Erec / BrigMec	14NOV16
SCH	MAT	09127887	VITOR MANUEL MENDES SEMEDO ESTEVES	AdjCmdt / BApSvc / BrigMec	01ABR16
SCH	AM	07920386	GUILHERME ALBERTO MOUQUINHO TRINDADE	AdjCmdt / CMSM / BrigMec	02FEV16
SCH	INF	00086786	JOSÉ MANUEL RAMOS FERNANDES	AdjCmdt / BIMecLag / BrigMec	05JAN16
SAJ	ART	09017992	RUI MANUEL CLARO PEDRO	AdjCmdt / BtrAAA / BrigMec	03OUT16
SAJ	ENG	04116692	PEDRO ALEXANDRE SÉNECA DA LUZ VALAMATOS DOS REIS	AdjCmdt / CEng / BrigMec	02NOV16

2.BIMec

B12